



A Vida do Buda

os Grandes Personagens e os Lugares Sagrados
da mais Bela História da Humanidade

To French by

Andre Ferdinand Herold

[1922]

To English by

Paul C. Blum

[1927]

To Brazilian Portuguese by

Marcos U. C. Camargo

[2011]

Marcos Ubirajara de Carvalho e Camargo
Cristal Perfeito
16/05/2012



A Vida do Buda

Copyright © 2011 por **Marcos Ubirajara de Carvalho e Camargo**

A Vida do Buda

por **Marcos Ubirajara de Carvalho e Camargo**

Título Original: “La Vie du Bouddha”, por Andre Ferdinand Herold, Paris, Edition d'Art, H. Piazza [1922], Tradução para o Inglês por Paul C. Bloom, New York, A. & C. Boni, [1927]. Os direitos autorais sobre a tradução original não foram renovados.

Digitalizado, revisado e formatado em Sacred-Texts.com, em Março de 2007, por Bruno Hare. Este texto está em domínio público nos Estados Unidos porque o livro original foi traduzido antes de 1923, e os direitos autorais sobre a tradução não foram renovados em tempo hábil como exigido pela lei naquela época.

Imagem da Capa: api.ning.com

Atenção Leitor!

Os sites relacionados neste livro são “Confiáveis”. Mas, se estiver usando o **Acrobat Reader 9**, poderão ocorrer alguns inconvenientes de fácil solução.

- 1. *A visualização no modo PDF/A bloqueia o funcionamento dos hiperlinks para outros sites.***

Para desativar modo PDF/A, vá para:

Editar-> Preferências-> Documentos.

- mudar "Visualizar documentos no modo *PDF / A*" para a opção "Nunca".

- **fechar o documento e reabri-lo.**

- 2. *Aviso de segurança toda vez que um hiperlink para outro site é acessado.***

Para desativar o aviso de segurança para *links* da Internet, vá para:

Editar-> Preferências-> Gerenciador de Confiança -> Alterar Configurações -> Permitir todos os sites da Web -> OK.

Boa Leitura!

A Vida do Buda

PREFÁCIO

Esta obra sobre “A Vida do Buda” não é um trabalho de ficção, e penso que seria bom mencionar os livros, tanto os antigos como os modernos, os quais tenho consultado mais frequentemente.

Na maioria das vezes, tenho acreditado no Lalitavistara (um Sutra Budista do Mahayana Vaipulya). Esse livro é uma miscelânea das lendas e dissertações escolares, e no entanto nestas páginas são preservadas muitas tradições preciosas a respeito da origem do Buda, sua infância e sua juventude, e aqui, da mesma forma, somos informados da sua educação precoce e de suas primeiras ações.

Também, tenho feito muito uso de um excelente poema, o BUDDHACARITA de Asvaghosa. Em alguns dos capítulos tenho repetido suas linhas quase palavra por palavra. O texto do The BUDDHACARITA foi editado por E.B. Cowell.

Na vida, tenho interpolado vários JATAKAS. Estes são histórias nas quais o Buda relembra as suas vidas anteriores. Alguns deles serão encontrados numa vasta coleção, o AVADANASATAKA.

Dois livros contemporâneos: LE BOUDDHA, de H. Oldenberg, traduzido por A. Foucher, e HISTOIRE DU BOUDDHISME DANS L'INDE, de H. Kern, traduzido por Gedeon Huet, têm sido muito úteis para mim; bem como outros trabalhos que têm aparecido nas revistas científicas. Assim, para a história comovente de Visvantara, estou em débito com uma versão sogdiana (uma antiga civilização do povo iraniano) publicada por R. Gauthiot no JOURNAL ASIATIQUE.

A Vida do Buda

Finalmente, seria culpado da mais profunda ingratidão se não agradecesse publicamente meu velho amigo Sylvain Levi por sua generosa e amável recomendação.

E o leitor poderá achar de interesse essa maravilhosa história do Príncipe Siddhartha que, através da meditação, foi capaz de atingir a suprema sabedoria.

A. F. HEROLD

A Vida do Buda

A VIDA DO BUDA	2
POR MARCOS UBIRAJARA DE CARVALHO E CAMARGO	2
PARTE I.....	13
1. O REI SUDDHODANA E A RAINHA MAYA	14
<i>O Cenário</i>	14
<i>A Convivência</i>	17
2. O SONHO DE MAYA	21
3. O NASCIMENTO DE SIDDHARTHA	24
4. A PROFECIA DE ASITA.....	28
<i>O Encontro de Asita</i>	28
<i>A Profecia</i>	30
5. SIDDHARTHA NO TEMPLO.....	32
<i>A Morte de Maya</i>	32
<i>As Jóias Mahaprajapati</i>	33
<i>Ao Templo dos Deuses</i>	34
6. A PRIMEIRA MEDITAÇÃO DE SIDDHARTHA.....	35
<i>Visvamitra – O Primeiro Professor</i>	35
<i>Os Cinco Eremitas</i>	37
<i>A Sombra do Bodhi</i>	39
7. O CASAMENTO DE SIDDHARTHA.....	41
<i>Como um Lótus – Quando a Recíproca é Verdadeira</i>	41
<i>Gopa, a Consorte do Príncipe</i>	42
<i>A Negativa de Dandapani</i>	46
<i>A Contenda</i>	48
8. SIDDHARTHA LEVA UMA VIDA DE PRAZER.....	51
<i>Uma Vida de Prazeres</i>	51
<i>O Exemplo de Suddhodana</i>	53
<i>O Nascimento de Rahula</i>	54
9. OS TRÊS ENCONTROS.....	54
<i>O Primeiro Passeio</i>	54
<i>O Primeiro Encontro</i>	56

A Vida do Buda

<i>O Segundo Encontro</i>	58
<i>O Terceiro Encontro</i>	59
10. O SONHO DE GOPA.....	61
<i>Os Préstimos de Udayin</i>	61
<i>O Sonho de Gopa</i>	66
11. SIDDHARTHA ESTÁ ANSIOSO PARA CONHECER AS GRANDES VERDADES.....	67
<i>Herói</i>	67
<i>Os Apelos de Suddhodana</i>	68
<i>A Soberana Decisão</i>	69
12. SIDDHARTHA DEIXA O PALÁCIO DE SEU PAI.....	71
<i>Os Portões de Kapilavastu</i>	71
13. SIDDHARTHA O EREMITA.....	74
<i>Ao Apartar-se de um Grande Amigo</i>	74
<i>Os Apelos de Chandaka</i>	76
<i>O Caçador</i>	78
14. A AFLIÇÃO DE GOPA E SUDDHODANA.....	79
<i>A Aflição de Gopa</i>	79
<i>A Aflição de Suddhodana e Mahaprajapati</i>	80
15. A DOCTRINA DE ARATA KALAMA.....	83
16. SIDDHARTHA E O REI BIMBISARA.....	84
<i>A Aparição em Rajagriha</i>	84
<i>O Encontro com Bimbisara</i>	86
17. SIDDHARTHA ABANDONADO PELOS SEUS PRIMEIROS DISCÍPULOS.....	88
<i>Os Alaúdes do Nairanjana</i>	88
<i>A Deserção dos Cinco Discípulos</i>	90
18. SIDDHARTHA SOB A ÁRVORE DA SABEDORIA.....	92
<i>A Árvore da Sabedoria</i>	92
<i>Os Cinco Sonhos</i>	94
<i>O Mingau de Sujata</i>	95
<i>Sob Árvore da Sabedoria</i>	97
<i>Svastika</i>	97
19. A DERROTA DE MARA.....	99
<i>A Apreensão de Mara</i>	99

A Vida do Buda

<i>A Reação de Mara</i>	101
<i>Sarthavaha, o filho de Mara</i>	102
<i>As Entranhas do Exército de Mara</i>	103
<i>O Testemunho da Terra</i>	104
20. SIDDHARTHA TORNOU-SE O BUDA	105
<i>E o Herói se tornou o Buda</i>	105
PARTE DOIS	109
1. TRAPUSHA E BHALLIKA	110
<i>As Filhas de Mara</i>	110
<i>Mucilinda</i>	114
<i>Trapusha e Bhallika</i>	114
2. O BUDA ESTÁ PREPARADO PARA PREGAR A DOCTRINA.....	117
<i>A Súplica de Brahma</i>	117
3. O BUDA PARTE PARA BENARES	120
<i>A Quem Ensinar?</i>	120
<i>A Caminho de Benares</i>	122
4. O BUDA ENCONTRA SEUS EX-DISCÍPULOS	124
<i>O Buda Supremo Encontra os ex-Discípulos</i>	124
<i>Nas Primeiras Palavras, o Caminho Médio</i>	126
<i>As Quatro Nobres Verdades</i>	126
5. A HISTÓRIA DO EREMITA E A LEBRE.....	129
<i>Os Primeiros Homens Sagrados no Mundo</i>	129
<i>A História do Eremita e a Lebre</i>	130
<i>A Lei em Propagação</i>	132
6. A HISTÓRIA DE PADMAKA.....	133
<i>O Melhor das Habilidades</i>	133
<i>A História de Padmaka</i>	135
<i>As Chamas da Ilusão</i>	138
7. O BUDA NO BOSQUE DOS BAMBÚS	139
<i>A Capitulação de Kashyapa</i>	139
<i>O Desejo de Bimbisara</i>	141
<i>O Bosque dos Bambús</i>	142

A Vida do Buda

8. SHARIPUTRA E MAUDGALYAYANA.....	144
<i>Shariputra e Maudgalyayana</i>	144
9. O BUDA PACIFICA OS DESCONTENTES DE RAJAGRIHA	148
<i>A Pacificação dos Descontentes</i>	148
10. SUDDHODANA ENVIA MENSAGEIROS AO SEU FILHO.....	150
<i>O Cume Brilhante da Montanha</i>	150
<i>Os Mensageiros de Suddhodana</i>	152
11. A HISTÓRIA DA GARÇA E O PEIXE	153
<i>A Garça e o Peixe</i>	153
<i>As Relíquias de Bimbisara</i>	157
12. A HISTÓRIA DE VISVANTARA.....	158
<i>O Zelo de Udayin</i>	158
<i>A Chegada à Kapilavastu</i>	159
<i>O Elefante de Visvantara</i>	160
<i>O Exílio de Visvantara</i>	162
<i>A Cidade de Indra</i>	166
<i>Os Expedientes de Indra</i>	168
<i>O Resgate de Jalin e Krishnajina</i>	170
<i>Visvantara era o Buda</i>	173
13. A HISTÓRIA DE DHARMAPALA.....	174
<i>A Admoestação de Suddhodana</i>	174
<i>Dharmapala</i>	175
14. A GRANDE VIRTUDE DE GOPA.....	177
<i>A Grande Virtude de Gopa</i>	177
15. NANDA RENUNCIA À REALEZA	179
<i>A Conversão de Nanda</i>	179
<i>Nanda Renuncia à Realeza</i>	181
16. O BUDA DEIXA KAPILAVASTU	182
<i>A Herança de Rahula</i>	182
<i>O Buda Deixa Kapilavastu</i>	184
17. OFERECIMENTO DE ANATHAPINDIKA.....	186
<i>O Oferecimento de Anathapindika</i>	186
<i>O Pensamento de Anathapindika</i>	189

A Vida do Buda

<i>A Menina de Cravasti</i>	190
18. OS NOVOS DISCÍPULOS	192
<i>Os Novos Discípulos</i>	192
19. O ORGULHO DE NANDA	195
<i>A Paixão de Nanda</i>	195
<i>Nanda Triunfa sobre a Vaidade</i>	197
<i>O Orgulho de Nanda</i>	199
20. A MORTE DE SUDDHODANA	200
<i>A Morte de Suddhodana</i>	200
<i>No Leito de Morte de Suddhodana</i>	202
PARTE TRÊS	205
1. MAHAPRAJAPATI É ADMITIDA NA COMUNIDADE	206
<i>Os Apelos de Mahaprajapati</i>	206
<i>Os Apelos de Ananda</i>	207
<i>Mahaprajapati, a Primeira Monja</i>	209
2. O BUDA EXPÕE OS IMPOSTORES	210
<i>O Prodígio de Kala</i>	210
<i>O Encontro com os Seis Eremitas Impostores</i>	213
3. SUPRABHA	215
<i>A Libertação da Jovem Escrava</i>	215
<i>A Escolha de Suprabha</i>	217
4. VIRUPA	220
<i>A Feia de Cravasti</i>	220
<i>A Bela de Cravasti</i>	221
5. O MALOGRO DE SINCA	224
<i>O Malogro de Sinca</i>	224
6. O BUDA DOMA UM BÚFALO SELVAGEM	227
<i>Bençãos em Peregrinação</i>	227
<i>O Búfalo Selvagem</i>	228
7. DISSENSÃO ENTRE OS MONGES	230
<i>A Solidão do Sábio</i>	230
<i>O Fim da Dissensão Entre os Monges</i>	232

A Vida do Buda

8. A BAILARINA KUALAYA.....	233
<i>Bharadvaja</i>	233
<i>A Bailarina Kualaya</i>	235
9. O DEUS ALAVAKA DERROTADO PELO BUDA.....	237
<i>O Rei Tolo</i>	237
<i>A Derrota do Deus Alavaka</i>	239
10. DEVADATTA É EXPULSO DA COMUNIDADE.....	241
<i>A Traição de Devadatta</i>	241
<i>A Missão de Shariputra</i>	242
11. A TRAIÇÃO DE AJATASATRU	244
<i>A Abdicação de Bimbisara</i>	244
<i>A Traição de Ajatasatru</i>	246
12. A MORTE DE DEVADATTA.....	248
<i>A Fúria de Devadatta</i>	248
<i>O Remorso de Ajatasatru</i>	250
<i>A Vilania de Devadatta e Sua Punição</i>	251
13. PRASENAJIT E AJATASATRU	254
14. O BUDA ENSINA A DOCTRINA	257
15. O BUDA E O PASTOR.....	258
<i>A Natureza de Buda</i>	258
<i>O Buda e o Pastor</i>	259
16. O BUDA INSTRUI OS MONGES DE VAISALI	262
<i>Pataliputra</i>	262
<i>O Sermão de Bailva</i>	264
<i>O Sermão de Vaisali</i>	265
17. A REFEIÇÃO DE CUNDA.....	267
<i>A Refeição de Cunda</i>	267
<i>A Última Viagem</i>	268
18. O BUDA ENTRA NO NIRVANA	270
<i>A Honra Suprema</i>	270
<i>A Remissão de Ananda</i>	270
<i>O Buda Entra no Nirvana</i>	270

A Vida do Buda

PARTE I

1. O Rei Suddhodana e a Rainha Maya

O Cenário

01/08/2011



Remanescentes da cidade de Kapilavastu. Imagem via Wikipedia

Serena e magnífica era esta cidade onde outrora habitou o grande eremita [Kapila](#). Parecia ser edificada a partir de fragmentos do céu: as muralhas eram como nuvens de luz, e suas edificações e jardins irradiavam um esplendor divino. Pedras preciosas cintilavam em todos os lugares. Para dentro de seus portões, a escuridão era tão pouco conhecida quanto a pobreza. À noite, quando raios prateados de luar tocavam cada torre, a cidade tornava-se parecida com um lago de lírios; ao dia, quando os terraços eram banhados pela luz dourada (do sol), a cidade tornava-se parecida com um lago de lótus.

A Vida do Buda

O Rei [Suddhodana](#) reinou em [Kapilavastu](#). Ele era o seu mais brilhante ornamento. Era gentil e generoso, modesto e justo. Ele perseguiu seus mais valentes inimigos, os quais caíram diante dele na batalha como elefantes abatidos por [Indra](#); e como a escuridão é dissipada pelos penetrantes raios de sol, assim os ímpios foram vencidos pela sua glória radiante. Ele trouxe a luz para o mundo, e apontou o verdadeiro caminho para aqueles que estavam juntos a ele. Sua grande sabedoria atraíram-lhe muitos amigos, muito corajosos, amigos sagazes, e assim como as luzes das estrelas intensificam o brilho da lua, intensificava-se o brilho do seu esplendor.

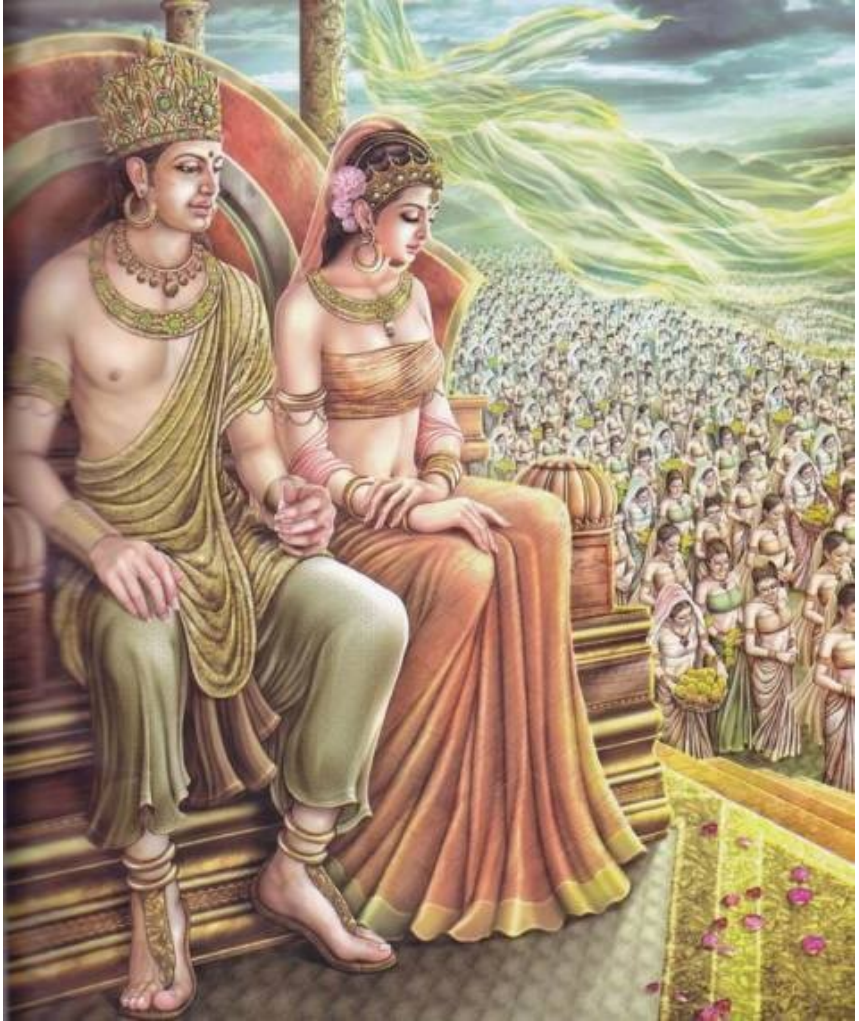
Suddhodana, Rei do Clã dos [Shakyas](#), havia desposado muitas rainhas. Sua favorita dentre aquelas era [Maya](#).

Ela era muito bela. Era como se a própria Deusa Lakshmi devaneasse pelo mundo. Quando ela falava, era como o cântico dos pássaros na primavera, e suas palavras eram doces e agradáveis. Seus cabelos eram da cor da abelha negra; sua fronte tão casta quanto um diamante; seus olhos tão ternos quanto uma jovem folha do lótus azul; e nenhuma carranca demarcava as curvas requintadas das suas sobrancelhas.

Era virtuosa. Desejava a felicidade de seus súditos; era atenciosa quanto aos preceitos piedosos (recebidos) de seus professores. Era verdadeira, e sua conduta exemplar.

O **Rei Suddhodana** e a **Rainha Maya** viveram felizes e tranqüilamente em **Kapilavastu**.

A Vida do Buda



Rei Suddhodana e a Rainha Maya

A Convivência

02/08/2011



Rei Suddhodana e sua corte. Imagem via Wikipedia

Certo dia, a rainha banhou e perfumou seu corpo, vestiu-se num delicado e colorido robe, e cobriu seus braços com jóias. Pulseiras de ouro tilintavam sobre seus tornozelos, e sua face estava radiante de felicidade quando ela buscou a presença do rei.

A Vida do Buda

[Suddhodana](#) estava sentado num grande salão. Uma doce música embalava o seu tranqüilo devaneio. Maya tomou assento à sua direita , e disse-lhe:

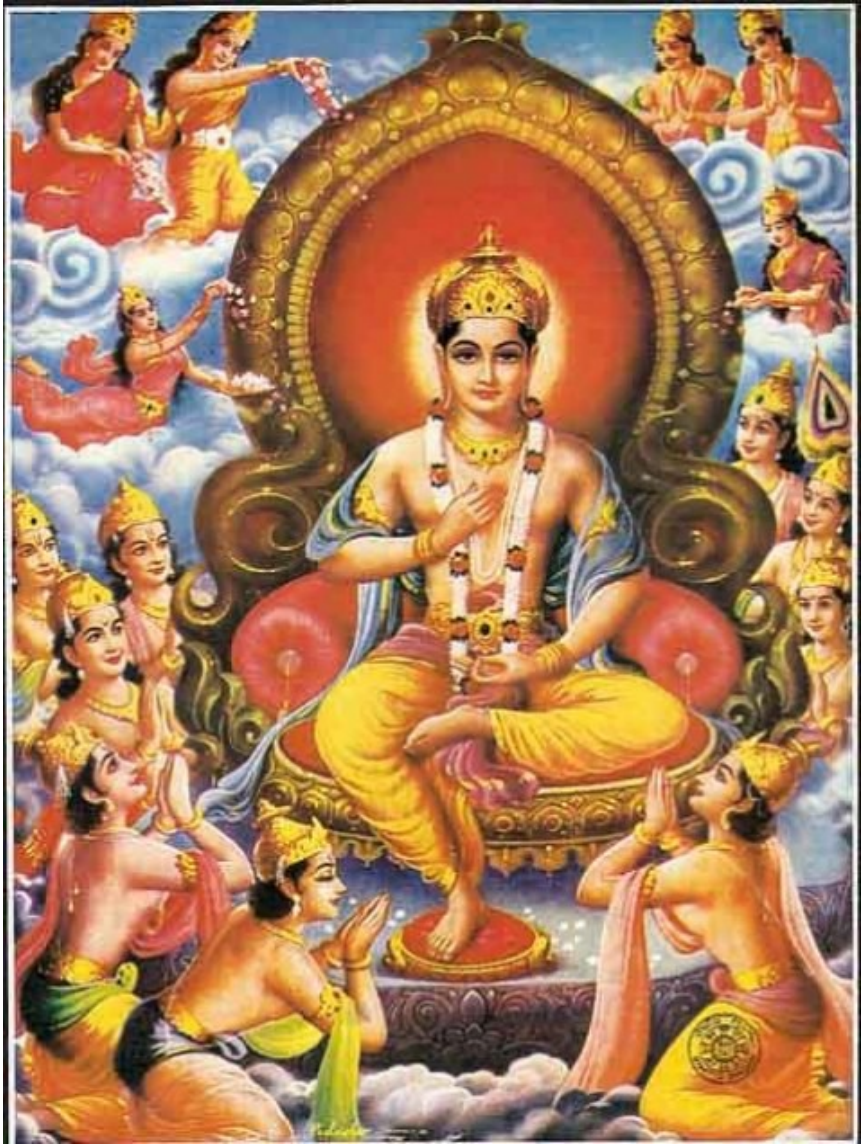
“Dignai-vos a ouvir, meu senhor. Dignai-vos a conceder permissão para o que eu tenho a vos pedir, oh protetor do mundo.”

“Diga, minha rainha“, respondeu Suddhodana. “Qual é esse favor?”

“Meu senhor, há um grande sofrimento no mundo, e vejo com compaixão todos aqueles que sofrem. Gostaria de ser (mais) útil aos meus semelhantes; gostaria de fechar a minha mente para maus pensamentos. E desde que eu deixe de cometer e pensar o mal, desde que eu seja gentil para comigo mesma, tornar-me-ei útil, tornar-me-ei gentil para com os outros também. Colocarei de lado o orgulho, oh Rei, e não darei ouvido ao clamor dos maus desejos. Nunca proferirei uma palavra vã desonrosa. Meu senhor, doravante levarei uma vida de austeridade; jejuarei; nunca terei má vontade ou cometerei maldades, (nunca) sofrerei de ansiedade ou ódio, (nunca) conhecerei a ira ou a cobiça. Estarei satisfeita com a minha sorte; renegarei o dolo e a inveja; serei pura; trilharei um caminho reto; e praticarei a virtude. E devido a essas coisas, meus olhos agora estão alegres; devido a essas coisas, meus lábios agora estão sorrindo.”

Ela fez uma pausa. O Rei olhou para ela com afetuosa admiração. Ela prosseguiu:

A Vida do Buda



A Rainha Maya

A Vida do Buda

“Meu senhor, peço-lhe que respeite a minha vida austera. Não adentre a floresta sombria do desejo; permita-me a observância da sagrada lei da abstinência. Dirigir-me-ei àqueles aposentos que se encontram na parte superior do palácio, e lá, onde os cisnes constroem seus ninhos, um sofá coberto de flores estará preparado para mim, um sofá macio e perfumado. Minhas acompanhantes atenderão às minhas necessidades, e você pode dispensar os eunucos, os guardas e todos os serventes vulgares. Gostaria de ser poupada dos olhares da feiúra, do som da orgia e do odor das coisas desagradáveis.

Ela nada mais disse. O Rei respondeu:

“Assim seja! O favor que você me pede, eu concedo.” E ele ordenou:

“Lá em cima, nas partes elevadas do castelo, onde o ar vibra com a canção dos cisnes, deixem a rainha, resplandecente em ouro e pedras preciosas, repousar sobre um sofá de flores raras; e que haja música. E para suas acompanhantes, reunidas ao seu redor, ela será como a filha dos Deuses em algum jardim celestial!”

A rainha levantou-se.

“Está bem, meu senhor”, ela disse. “Mas ouça-me ainda. Liberte seus prisioneiros. Doe generosamente aos pobres. Permita que homens, mulheres e crianças sejam felizes! Seja misericordioso, oh Rei, e que o mundo possa ser alegre, seja um pai para todas as criaturas viventes!”

Ela então deixou o salão e foi para o topo do palácio real.

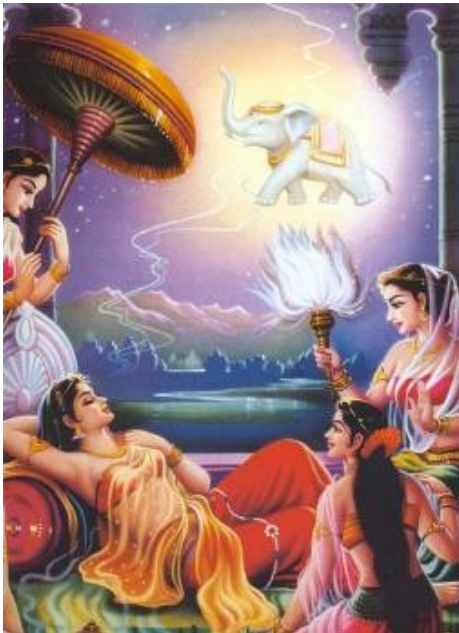
Era chegada a primavera. Pássaros sobrevoavam e giravam acima dos terraços; cantavam nas árvores. Os jardins estavam em flores; na superfície dos lagos, os botões do lótus desabrochavam. E, conforme a rainha procurou o seu aposento (caramanchão), as notas sopradas de

A Vida do Buda

flautas e a mais profunda harmonia de cordas ressoaram espontaneamente, e uma glória refulgente surgiu sobre o palácio, uma glória tão magnífica que a luz do sol tornou-se sombra.

2. O Sonho de Maya

03/08/2011 às 8:30



O sonho de Maya

No momento em que a primavera nascia, um sonho veio a **Maya** enquanto ela dormia. Ela viu um jovem elefante descendo dos céus. Tinha seis grandes presas; era tão branco quanto a neve sobre o topo da montanha. Maya o viu entrar em seu útero, e milhares de Deuses subitamente apareceram diante dela. Eles louvaram-na com canções imortais, e Maya compreendeu que nunca mais sofreria de inquietação, ódio ou ira.

Então, ela despertou. Estava feliz; era uma felicidade que ela jamais sentira antes. Levantando-se, ela vestiu-se de cores brilhantes e, seguida pelas suas mais belas acompanhantes, passou através dos portões do palácio. Caminhou nos jardins até chegar a um pequeno bosque, onde encontrou um lugar à sombra. Então, ela enviou duas de suas acompanhantes ao Rei Suddhodana com a seguinte mensagem:

A Vida do Buda

“Que o Rei deveria vir para o bosque; a Rainha Maya deseja vê-lo e o aguardará lá.”

O Rei prontamente atendeu ao seu pedido. Ele deixou o salão onde, com a ajuda dos seus conselheiros, ele vinha administrando justiça aos habitantes da cidade.

Ele caminhou em direção ao bosque, mas, no momento em que estava prestes a entrar, um estranho sentimento lhe acometeu. Seus membros fraquejaram, suas mãos tremiam, e lágrimas brotaram de seus olhos. E ele pensou:

“Nunca, nem mesmo no calor da batalha quando enfrentava meus mais bravos inimigos, me senti tão profundamente abalado como neste momento. Por que não posso entrar no bosque onde a rainha me aguarda? Alguém pode explicar essa minha agitação?”

Momento em que uma poderosa voz trovejou no céu:

“Sinta-se feliz, [Rei Suddhodana](#), o mais digno dos [Shakyas](#)! Aquele que busca a Suprema Sabedoria está prestes a vir ao mundo. Aquele que escolheu pertencer à sua família em razão da sua fama, boa sorte e virtude, e que escolheu para sua mãe a mais nobre de todas as mulheres, sua esposa, a Rainha Maya. Sinta-se feliz, Rei Suddhodana! Aquele que busca a Suprema Sabedoria, de bom grado será seu filho!”

O Rei sabia que os Deuses estavam falando, e regozijou-se. Recobrando a sua serenidade, ele entrou no bosque onde Maya o aguardava.

Ele a viu, e calmamente, sem arrogância, indagou-lhe:

“Por que mandou procurar-me? O que você deseja?”

A Vida do Buda

A rainha contou-lhe do sonho que teve, e então disse-lhe:

“Meu senhor, há brâmanes que são experts na interpretação de sonhos. Procure-os. Eles saberão se o palácio foi visitado por deuses ou demônios, e se devemos regozijar ou lamentar.”

O rei concordou com a rainha, e brâmanes familiarizados com o mistério dos sonhos foram convocados ao palácio. Quando ouviram a história de Maya, falaram dessa maneira:

“Uma grande alegria deve ser sentida, oh Rei, oh Rainha. Vocês terão um filho, distinto pela graça Divina. Se, um dia, ele renunciar à realeza, deixar o palácio, deixar o amor de lado; se, movido pela compaixão para com os mundanos, ele escolher a vida errante de um monge, ele merecerá os mais elevados louvores, merecerá os mais magníficos oferecimentos. Ele será adorado pelos mundanos, pois ele lhes dará aquilo que eles anseiam. Oh mestre, oh mestra, vosso filho será um **Buda!**”

Os brâmanes se retiraram. O rei e a rainha entreolharam-se, e suas faces tornaram-se radiantes de felicidade e paz. Suddhodana então ordenou que esmolas fossem distribuídas aos pobres em [Kapilavastu](#); que comida fosse oferecida aos famintos, bebida aos sedentos, e que as mulheres recebessem flores e perfumes. Maya tornou-se objeto de veneração do povo; os doentes lotavam o seu caminho, e quando ela estendia a sua mão direita, eles eram curados. O cego viu, o surdo ouviu, o mudo falou, e quando moribundos tocavam uma folha da grama que ela havia recolhido, recuperavam imediatamente a sua saúde e energia. E sobre a cidade, uma melodia incessante era trazida pelo vento, flores raras choviam do céu, e cânticos de gratidão alçavam o ar ao redor das muralhas do palácio.

3. O Nascimento de Siddhartha

08/08/2011 às 8:25



Árvore Bodhi e o lago onde a Rainha Maya banhou-se antes de dar à luz o futuro Budha - Imagem via Wikipedia

Meses passaram. Então, certo dia, a rainha sabia que a hora se aproximava para o nascimento do seu filho. Ela foi ao [Rei Suddhodana](#), e disse-lhe:

“Meu senhor! Gostaria de caminhar feliz pelos jardins. Pássaros estão a cantar nas árvores, e o ar cintila com pléias de flores. Gostaria de caminhar feliz pelos jardins.”

A Vida do Buda

“Mas isto a cansará, oh rainha”, respondeu Suddhodana. “Você não tem medo?”

“O ser inocente que carrego em meu útero deve nascer em meio à inocência do desabrochar das flores. Não, eu irei, oh mestre, irei para os jardins em flores.”

O rei atendeu ao desejo de [Maya](#). Ele disse aos seus criados:

“Vá para os jardins e embeleze-os em prata e ouro. Decore as árvores com pingentes preciosos. Tornem tudo magnificente por onde a rainha passará.”

Então, ele dirigiu-se a Maya:

“Arrume-se, hoje, em grande esplendor, oh Maya. Passeie num deslumbrante palanquin; deixe-se carregar pelas suas mais belas acompanhantes. Ordene aos seus serventes para que usem perfumes raros; que adornem-se com colares de pérolas e braceletes de pedras preciosas; que carreguem alaúdes, tambores e flautas; e cantem suaves canções que deleitem os próprios Deuses.”

Suddhodana foi obedecido, e quando a rainha chegou aos portões do palácio, os guardas saudaram-na com alegre clamor. Sinos repicaram alegremente, pavões abriram suas esplendorosas caudas, e o canto dos cisnes ecoou no ar.

Eles chegaram a um bosque onde as árvores estavam em floração, em [Lumbini](#), e Maya ordenou-lhes descansar o palanquin. Ela saiu e começou a perambular sem rumo. Estava feliz. E eis! Ela encontrou uma árvore rara, cujos ramos pendiam sob a carga de flores. Ela foi à árvore. Graciosamente estendendo a sua mão, ela tirou um ramo. De repente,

A Vida do Buda

ela ficou muito quieta. Sorriu, e as acompanhantes que estavam próximas a ela receberam uma linda criança em seus braços.



Rainha Maya rumo à Lumbini, onde deu à luz o príncipe Siddharta. Fonte Wikipedia

Naquele exato momento, tudo o que era vivo no mundo vibrou com alegria. A terra tremeu. Canções e passadas de pés dançantes ecoaram no céu. Árvores de todas as estações explodiram em flores, e frutas maduras pendiam dos galhos. Uma luz pura e serena apareceu no céu. Os doentes libertaram-se do seu sofrimento. Os famintos foram satisfeitos. Aqueles a quem o vinho embriagara tornaram-se sóbrios. Loucos recuperaram a razão, os fracos a sua força, os pobres a sua riqueza. Prisões abriram seus portões. Os ímpios purificaram-se de todos os males.

A Vida do Buda

Uma das acompanhantes de Maya apressou-se ao Rei Suddhodana e exclamou alegremente:

“Meu senhor, meu senhor! Seu filho nasceu, um filho que trará grande glória para sua casa!”

Ele ficou sem palavras. Mas sua face estava radiante de alegria, e sentia grande felicidade.

Imediatamente ele conclamou todos os [Shakyas](#), e ordenou-lhes acompanhá-lo ao jardim onde a criança havia nascido. Eles obedeceram-lhe e, com uma multidão de brâmanes em acompanhamento, formaram uma nobre comitiva que solenemente seguiu o rei.

Quando se aproximou da criança, o rei fez profunda reverência, e disse:

“Curvem-se como eu me curvo diante do Príncipe, a quem darei o nome de Siddhartha.”

Todos se curvaram, e os brâmanes, inspirados pelos Deuses, então cantaram:

“Todas as criaturas estão felizes,
e os caminhos percorridos pelos homens não serão mais acidentados,
pois é nascido,
aquele que concede a felicidade:
ele trará a felicidade para o mundo.
Na escuridão, uma grande luz resplandeceu,
o sol e a lua são como brasas,
pois é nascido,
aquele que concede a luz:
ele trará luz para o mundo.

A Vida do Buda

O cego vê, o surdo ouve,
os tolos recuperam a sua razão,
pois é nascido,
aquele que restaura a visão, que restaura a audição, e restaura a mente:
ele trará visão, ele trará audição, ele trará razão para o mundo.
Zéfiros (brisa – ventos do ocidente) perfumados
aliviam o sofrimento da humanidade,
pois é nascido,
aquele que cura:
ele trará saúde para o mundo.
As chamas não são mais impiedosas,
as correntezas dos rios acalmaram,
a terra tremeu suavemente:
ele será o único a ver a verdade.“

4. A Profecia de Asita

O Encontro de Asita

09/08/2011 às 7:33

O grande heremita [Asita](#), cujas austeridades eram agradáveis aos Deuses, ouviu sobre o nascimento daquele que veio para salvar a humanidade do tormento do renascimento. Em sua sede pela verdadeira lei, ele veio ao palácio do [Rei Suddhodana](#) e discretamente aproximou-se dos aposentos das mulheres. Sua idade e seu conhecimento conferiam-lhe grande dignidade.

A Vida do Buda



Rei Suddhodana apresenta seu filho Siddhartha ao sábio Asita que profetizaria o seu destino - Imagem via Wikipedia

O rei mostrou-lhe as cortesias que o costume prescrevia e dirigiu-se a ele da maneira conveniente:

“Estou, de fato, feliz! Realmente, essa minha criança desfrutará de um privilégio distinto, por ter o venerável Asita vindo ver-me propositadamente. Ordene-me. O que devo fazer? Sou seu discípulo, seu servo.”

O heremita, com seus olhos brilhantes com a luz da alegria, solenemente disse essas palavras:

A Vida do Buda

“Isso aconteceu com você, oh nobre, generoso e hospitaleiro rei, porque você ama o dever, porque você é sempre gentil para com aqueles que são sábios e para com aqueles que são avançados na idade. Isso aconteceu com você porque seus ancestrais, não obstante ricos em terras e ouro, foram acima de tudo ricos na virtude. (Você) conhece a razão da minha vinda, oh rei, e alegre-se. Ouvi no ar uma voz divina a dizer: ‘Um filho nasceu para o rei dos [Shakyas](#), um filho que terá a verdadeira sabedoria’. Ouvi essas palavras e vim, e meus olhos agora contemplarão a glória dos **Shakyas**.”

Extasiado com alegria, o rei foi buscar a criança. Tomando-o do seio de sua enfermeira, ele mostrou-lhe ao idoso Asita.

O heremita notou que o filho do rei trazia as marcas da onipotência. Seu olhar pairava sobre a criança, e logo seus cílios ficaram molhados pelas lágrimas. Então, ele suspirou e elevou seus olhos ao céu.

A Profecia

10/08/2011 às 10:05

O rei viu que [Asita](#) estava chorando, e começou a temer por seu filho. Ele questionou o velho homem:

“Você diz, oh venerável ruão, que o corpo do meu filho difere pouco daquele de um Deus. Você diz que seu nascimento foi uma coisa maravilhosa, que no futuro a sua glória será suprema, e ainda assim você o olha com os olhos cheios de lágrimas. Então, sua vida será algo frágil? Ele nasceu apenas para trazer-me aflição? Deve este novo ramo murchar antes mesmo de explodir em flores? Diga, oh santo homem, diga logo; você sabe o grande amor que um pai nutre por seu filho.”

A Vida do Buda

“Não se angustie, oh Rei,” respondeu o eremita. “O que eu lhe disse é verdadeiro: essa criança encontrará grande glória. Se choro, é por mim mesmo. O desfecho da minha vida se aproxima e ele nasce, ele que destruirá a maldade do renascimento. Ele renunciará o poder soberano, ele dominará as suas paixões, ele compreenderá a verdade, e as más visões desaparecerão no mundo ante a luz de sua sabedoria, assim como a noite foge ante as lanças do sol. Do oceano da maldade, das espumas dolorosas das doenças, dos vagalhões da velhice, das ondas iradas da morte, disto ele livrará o mundo do sofrimento, e juntos eles velejarão no grande barco da sabedoria. Ele saberá onde tem sua origem o veloz, maravilhoso e benevolente rio, o rio da retidão; ele revelará o seu curso, e aqueles que são torturados pela sede virão e beberão das suas águas. Àqueles atormentados pela tristeza, àqueles escravizados pelos sentidos, àqueles que vagueiam na floresta das existências como viajantes que perderam o seu caminho, ele apontará a estrada para a salvação. Àqueles que queimam nos fogos da paixão, ele será a nuvem que traz a chuva refrescante; armado com a verdadeira lei, ele irá para a prisão dos desejos onde todas as criaturas definham, e derrubará os portões da maldade. Por gozar de perfeita compreensão, ele decretará o mundo livre. Portanto, não se aflija, oh Rei. Só é digno de pena aquele que não ouvirá a voz do seu filho, e este é o porquê choro, eu que, a despeito das minhas austeridades, a despeito das minhas meditações, nunca conhecerei sua mensagem e sua lei. Sim, é digno de pena mesmo aquele que ascenderá aos mais elevados jardins do céu.”

A Vida do Buda



Imagem via DhammaWiki. [Click na imagem para ir ao site de origem.](#)

5. Siddhartha no Templo

A Morte de Maya

12/08/2011 às 10:15

Essas palavras de [Asita](#), num primeiro momento, agradaram [Suddhodana](#), e ele as ponderou. “Então meu filho viverá, e viverá gloriosamente”, ele pensou, mas então tornou-se ansioso. Por ter sido dito que o príncipe renunciaria a realeza, que ele levaria a vida de um eremita, significaria então que por ocasião sua morte a família de Suddhodana se extinguiria?

Mas sua ansiedade durou pouco, porque desde o nascimento de **Siddhartha**, o rei não empreenderia nada mais que não prosperasse. Como um grande rio cujas águas são supridas por muitos tributários, a cada dia novas riquezas vertiam em seus tesouros; os estábulos tornaram-se muito pequenos para abrigar os cavalos e elefantes que

A Vida do Buda

Lhe eram presenteados, e ele constantemente estava cercado por uma multidão de amigos leais. O reinado era rico em terras férteis, e elegante, o rebanho gordo pastava nos prados. Mulheres pariam seus filhos sem sofrimento; homens viviam em paz com seus vizinhos, e a felicidade e tranquilidade reinavam nos domínios de [Kapilavastu](#).

Mas a alegria que adviera a [Maya](#) provou ser doce demais. Logo tornou-se insuportável. O mundo a conheceu como uma mãe, mas não por mais de sete dias; então ela morreu e ascendeu ao céu para ser recebida entre os Deuses.

As Jóias Mahaprajapati

16/08/2011 às 7:40

[Maya](#) tinha uma irmã, [Mahaprajapati](#), que em beleza e virtude era quase igual a ela. O príncipe foi entregue aos cuidados de Mahaprajapati, e ela cuidava das suas vontades tão ternamente como se ele fosse seu próprio filho. E como o fogo soprado por um vento auspicioso, como a lua (emergente), rainha das estrelas no céu luminoso, como o sol nascente sobre as montanhas do Oriente, **Siddhartha** cresceu em força e estatura.

Todos agora se deleitavam em trazer-lhe preciosos presentes. Davam-lhe brinquedos que encantariam (qualquer) uma criança da sua idade: pequenos animais, cervos e elefantes, cavalos, vacas, pássaros e peixes, e pequenas carruagens; e eram brinquedos feitos não de madeira ou barro, mas de ouro e pedras preciosas. E traziam-lhe materiais caros e gemas raras, colares de pérolas e braceletes de jóias.

Certo dia, enquanto ele estava brincando num jardim não longe da cidade, Mahaprajapati pensou: “É tempo de ensinar-lhe a usar colares e braceletes”, e ordenou aos criados trazerem as jóias que lhe haviam

A Vida do Buda

sido dadas. Ela colocou-as em torno de seus braços e pescoço, mas foi como se ele nada usasse. O ouro e as pedras preciosas pareciam banais e sem vida, tão brilhante era a luz que ele irradiava. E a Deusa que vivia em meio às flores daquele jardim veio a Mahaprajapati e disse:

“Se a terra fosse feita de ouro, um simples raio de luz emanado desta criança, o futuro Guia do mundo, seria suficiente para empanar o seu esplendor. A luz das estrelas e a luz da lua, e mesmo a luz do sol, são ofuscados pela sua refulgência. E você deseja vestir-lhe jóias, bugigangas grosseiramente confeccionadas por joalheiros e ourives? Oh mulher! Remova aqueles colares, tire aqueles braceletes. Eles só servem para serem usados por escravos; dê-lhes aos escravos. Essa criança terá seus pensamentos; eles são gemas de uma água mais pura.”

Mahaprajapati deu ouvido às palavras da Deusa. Despreendeu os braceletes e colares, e não cansava de admirar o príncipe.

Ao Templo dos Deuses

17/08/2011 às 8:07

Chegou a hora de levar **Siddhartha** ao templo dos Deuses. Por ordem do rei, as ruas da cidade e as praças públicas foram soberbamente decoradas; tambores e sinos soaram alegremente. Enquanto Mahaprajapati estava trajando-lhe em seu mais rico vestuário, a criança indagou:

“Mãe, onde está me levando?”

“Ao templo dos Deuses, meu filho”, respondeu ela. A criança sorriu e calmamente foi com ela ao encontro de seu pai.

A Vida do Buda

Era uma magnífica visão. Na procissão foram Brâmanes da cidade, guerreiros e todos os mercadores-chefe. Uma multidão de guardas seguiu, e os [Shakyas](#) circundavam a carruagem que transportava o príncipe e o rei. Nas ruas o ar estava carregado (da fragrância) de incenso, flores eram espalhadas em seu caminho, e as pessoas agitavam bandeiras e flâmulas conforme eles passavam.

Chegaram ao templo. O rei tomou Siddhartha pela mão e levou-o ao salão onde se encontravam as estátuas dos Deuses. Conforme a criança atravessou a soleira, as estátuas ganharam vida, e todos os Deuses, [Shiva](#), [Skanda](#), [Vishnu](#), [Kuvera](#), [Indra](#), [Brahma](#), desceram de seus pedestais e prostraram-se aos seus pés. E cantaram:

“Meru, rei das montanhas, não se curva diante de um grão de trigo;
o Oceano não se curva diante de um poço de águas pluviais;
o Sol não se curva diante de um vaga-lume;
ele que terá a verdadeira sabedoria não se curva diante dos Deuses.
Como o grão de trigo, como o poço de águas pluviais,
como vaga-lume é o homem ou o Deus com orgulho obstinado;
como a montanha Meru, como o Oceano,
como o Sol é ele que terá a suprema sabedoria.
Deixe o mundo prestar-lhe homenagem,
e o mundo será libertado!”

6. A Primeira Meditação de Siddhartha

Visvamitra – O Primeiro Professor

18/08/2011 às 7:29

O Príncipe amadureceu, e veio o tempo para estudar com o mestre que instruía os jovens [Shakyas](#) na arte da escrita. Esse mestre chamava-se **Visvamitra**.

A Vida do Buda

Siddhartha foi confiado ao seus cuidados. A ele foi dado, para escrever, uma tabuleta de sândalo dourado, emoldurada com pedras preciosas. Quando ele a tomou em suas mãos, indagou:

“Qual escrita, mestre, você teria que me ensinar?”

E enumerou as sessenta e quatro variedades de escrita. E indagou novamente:

“Mestre, qual dessas sessenta e quatro você teria que me ensinar?”

Visvamitra não respondeu: ele ficou mudo de espanto. Finalmente, respondeu:

“Vejo, meu senhor, que não há nada que eu possa ensiná-lo. Das escritas que você mencionou, algumas são conhecidas por mim apenas pelo nome, e outras são desconhecidas por mim até pelo nome. Eu é que deveria sentar-me aos seus pés e aprender. Não, meu senhor, não há nada que eu possa ensiná-lo.”

Ele ficou sorrindo, e o príncipe retribuiu o seu olhar afetuoso.

A Vida do Buda



O príncipe é ensinado pelo Brahman Visvamitra que, ao ver pela primeira vez o jovem, desmaiou com a visão de seu brilho. [Click na imagem para ir ao site de origem.](#)

Os Cinco Eremitas

22/08/2011 às 11:16

Ao deixar [Visvamitra](#), o príncipe foi ao campo e começou a caminhar em direção a uma aldeia.

No caminho, ele parou para contemplar alguns camponeses trabalhando na lavoura, e então entrou numa campina onde havia um aglomerado de árvores. As árvores atraíram-lhe pois era meio-dia e estava muito quente. O príncipe foi a elas e sentou-se à sombra de uma árvore. Lá, começou a ponderar, e logo estava mergulhado em meditação.

A Vida do Buda

Cinco eremitas itinerantes passaram nas proximidades da campina. Eles viram o príncipe em meditação, e se perguntaram:

“É ele um Deus, este que lá está sentado, descansando? Seria ele o Deus da riqueza, ou o Deus do amor?”

Seria ele [Indra](#), o portador dos trovões, ou o pastor [Krishna](#)?”

Mas eles ouviram uma voz dizendo-lhes:

“O esplendor dos Deuses empalideceria diante do esplendor deste [Shakya](#) que senta-se sob a árvore e pondera verdades majestosas!”

Ao que todos eles exclamaram:

“De fato, aquele que senta e medita sob a árvore ostenta as marcas da onipotência; idubitavelmente, ele tornar-se-á o Buda!”

Então, eles cantaram os seus louvores, e o primeiro deles disse: “A um mundo consumido pelo fogo da maldade, ele veio como um lago. Sua lei refrescará o mundo.”

O segundo disse: “Para um mundo obscurecido pela ignorância, ele veio como uma tocha. Sua lei trará luz ao mundo.”

O terceiro disse: “Através do mar do sofrimento, esse mar tão difícil de navegar, ele veio como um navio. Sua lei conduzirá o mundo de forma segura ao porto.”

O quarto disse: “Àqueles presos aos grilhões da maldade, ele veio como um redentor. Sua lei libertará o mundo.”

A Vida do Buda

O quinto disse: “Àqueles atormentados pela velhice e doença, ele veio como um salvador. Sua lei trará a libertação do nascimento e morte.”

Por três vezes eles se curvaram, e então seguiram o seu caminho.

A Sombra do Bodhi

23/08/2011 às 10:15



Wisdom Quarterly - [Click na imagem para ir ao site de origem.](#)

Neste íterim, o [Rei **Suddhodana**](#) se perguntou o que tinha acontecido com o príncipe, e enviou muitos servos à sua procura. Um deles o encontrou absorvido em meditação. O servo aproximou-se, então subitamente parou, perplexo com admiração. Pois

as sombras de todas as árvores tinham se distanciado (alongado devido à posição do sol), exceto a daquela [Árvore](#) sob a qual o príncipe estava sentado. Sua sombra não havia se movido; ela ainda o abrigava.

O servo correu de volta ao palácio do rei.

“Meu senhor!”, ele clamou, “Eu vi seu filho; ele está meditando sob uma árvore cuja sombra não se moveu, muito embora as sombras de todas as outras árvores tenham se movido e alongado.”

A Vida do Buda

Suddhodana deixou o palácio e acompanhou o servo para onde seu filho estava sentado. Chorando de alegria, disse para si:

“Ele é tão belo quanto o fogo no topo de uma montanha. Ele me deslumbra. Ele será a luz do mundo, e meus membros tremem quando o vejo assim em meditação.”

O rei e seu servo não ousaram mover nem falar. Mas algumas crianças passaram por ali, puxando uma pequena carruagem atrás deles. Estavam fazendo um barulho. O servo disse-lhes , num susurro:

“Não devem fazer barulho.”

“Por quê?” indagaram as crianças.

“Vêm quem medita sob a árvore? Aquele é o **Príncipe Siddhartha**. A sombra da árvore não o deixou. Não o perturbem, crianças; vocês não vêem que ele tem o brilho do sol?”

Mas o príncipe despertou das suas meditações. Levantou-se e aproximando-se do seu pai, disse-lhe:

“Devemos cessar o trabalho nos campos, pai; devemos buscar as grandes verdades.”

E retornou para [Kapilavastu](#).

7. O Casamento de Siddhartha

Como um Lótus – Quando a Recíproca é Verdadeira

25/08/2011 às 0:24

Suddhodana ficou a pensar sobre o que **Asita** lhe dissera. Ele não queria que sua família se extinguísse, e disse para si: “Despertarei no meu filho um desejo pelo prazer; então, talvez, terei netos, e eles prosperarão.”

Então, ele enviou (mensagem) para o príncipe, e falou-lhe nestas palavras:

“Meu filho, você se encontra numa idade quando seria bom pensar em casamento. Se há alguma donzela que lhe agrade, diga-me.”

Siddhartha respondeu:

“Dê-me sete dias para considerar, pai. Em sete dias você terá a minha resposta.”

E ele pensou:

Um mal interminável, eu sei, vem do desejo. As árvores que crescem na floresta do desejo têm suas raízes no sofrimento e na contenda, e suas folhas são venenosas. O desejo queima como fogo e fere como uma espada. Não sou daqueles que buscam a companhia de mulheres; minha sina é viver no silêncio dos bosques. Lá, através da meditação, minha mente encontrará paz, e conhecerei a felicidade. Mas o **Lótus** não cresce e floresce mesmo em meio ao emaranhado de flores do pântano? Não há homens com esposas e filhos que encontram a sabedoria? Aqueles que, antes de mim, buscaram a suprema sabedoria

A Vida do Buda

dispenderam muitos anos na companhia de mulheres. E quando o tempo veio para deixá-las pelo deleite da meditação, o fizeram por uma alegria maior. Seguirei seu exemplo.”



Quando a Recíproca é Verdadeira

Gopa, a Consorte do Príncipe

26/08/2011 às 4:04

Ele pensou sobre as qualidades que mais sobrelevaria numa mulher. Então, no sétimo dia, ele retornou a seu pai.

A Vida do Buda

“Pai”, disse ele, “aquela com a qual me casarei deverá ser uma mulher de raro mérito. Se você encontrar alguém dotada com os dons naturais que enumerarei, você poderá dá-la a mim em casamento.”

E disse:

“Aquela com a qual me casarei deverá estar na flor da juventude; aquela com a qual me casarei terá a flor da beleza; no entanto, sua juventude não a tornará vaidosa, e nem a sua beleza a tornará orgulhosa. Aquela com a qual me casarei terá a afeição de uma irmã, a ternura de uma mãe, para com todas as criaturas viventes. Ela será doce e verdadeira, e não conhecerá a inveja. Nunca, nem mesmo em seus sonhos, pensará em qualquer outro homem senão seu marido. Nunca usará linguagem arrogante; seus modos serão simples; e será tão dócil quanto uma escrava. Ela não cobiçará aquilo que pertence aos outros; não fará exigências incabíveis, e estará satisfeita com o seu quinhão. Não será inclinada aos vinhos, e doces não a tentarão. Será insensível à música e perfume; será indiferente aos jogos (peças de teatro) e festivais. Ela será gentil com os meus atendentes e suas acompanhantes. Será a primeira a levantar-se e a última a dormir. Aquela com a qual me casarei será pura no corpo, na boca, e na mente.”

E acrescentou:

“Pai, se você conhece uma donzela que possua essas qualidades, você poderá dá-la a mim em casamento.”

O rei convocou o sacerdote da família. Enumerou as qualidades que o príncipe buscava na mulher com a qual se casaria, e então ordenou:

“Vá”, disse ele, “vá, brahman. Visite todos os lares de [Kapilavastu](#); observe as jovens donzelas e interrogue-lhes. E se você encontrar uma

A Vida do Buda

que possua as qualidades necessárias, traga-a para o príncipe, ainda que ela seja da mais baixa casta. Pois não é pela posição e nem riqueza que meu filho procura, mas pela virtude.”

O sacerdote vasculhou a cidade de Kapilavastu. Visitou as casas, viu as donzelas, questionou-as inteligentemente; mas não encontraria nenhuma digna do **Príncipe Siddhartha**. Finalmente, ele veio à casa de Dandapani, que era da família **Shakya**. Dandapani tinha uma filha chamada **Gopa**. Ao deparar-se com ela, o coração do sacerdote regozijou, por ser ela muita bela e cheia de graça. Disse-lhe algumas poucas palavras, e não teve mais dúvidas.

O sacerdote retornou ao **Rei Suddhodana**. “Meu senhor!”, ele exclamou, “encontrei uma donzela digna do seu filho.”

“Onde a encontrou?” indagou o rei.

“Ela é filha do Shakya, Dandapani”, respondeu o brahman.

Embora tivesse grande confiança no seu sacerdote da família, Suddhodana hesitou em convocar Gopa e Dandapani. “Mesmo os homens mais sábios podem cometer enganos”, ele pensou. “O brahman pode estar exagerando em suas qualidades. Devo submeter a filha de Dandapani a um teste adicional, e meu próprio filho a julgará.”

Ele possuía muitas jóias confeccionadas em ouro e prata, e por ordem real um arauto foi enviado pelas ruas de Kapilavastu, clamando:

“No sétimo dia a partir de hoje, o Príncipe Siddhartha, filho do Rei Suddhodana, oferecerá presentes às jovens donzelas da cidade. Assim sendo, todas as jovens donzelas podem comparecer ao palácio no sétimo dia!”

A Vida do Buda

No dia anunciado, o príncipe sentou-se ao trono no grande salão do palácio. Todas as jovens donzelas da cidade estavam presentes e perfilaram-se diante dele. A cada uma ele presenteou uma jóia, mas, conforme elas se aproximavam do trono, sua beleza marcante as intimidava tanto que elas abaixavam o olhar ou, voltando suas cabeças, o desviavam para longe. Quase não tiveram tempo de receber seus presentes; algumas estavam com tanta pressa de se afastar que meramente tocaram o presente com as pontas dos seus dedos, e este caiu ao chão.

Gopa foi a última a aparecer. Ela avançou destemidamente, sem sequer fechar os olhos. Mas o príncipe já não tinha uma única jóia disponível. Gopa sorriu e disse-lhe:

“Príncipe, de que forma o ofendi?”

“Você não me ofendeu”, respondeu Siddhartha.

“Então por que você me trata com desdém?”

“Não a trato com desdém”, ele respondeu. “Você é a última, e não tenho mais jóias para lhe dar.”

Mas subitamente lembrou que sobre seu dedo ele estava usando um anel de grande valor. Ele o tirou e o entregou à jovem donzela.

Ela não pegou o anel.

Ela disse, “Príncipe, devo aceitar este anel de você?”

“Era meu”, respondeu o príncipe, “e você deve aceitá-lo.”

A Vida do Buda

“Não”, disse ela, “eu não privaria você de suas jóias. Eu é que devo dar-lhe uma jóia.” E saiu.

Quando o rei soube desse incidente, ficou exultante.

“Gopa, somente, poderia enfrentar meu filho”, ele pensou; “somente ela é digna de você. Gopa, quem não aceitaria o anel que você (meu filho) tirou do seu dedo? Gopa, oh meu filho, será a sua mais bela jóia.”

E chamou o pai de Gopa ao palácio.



Siddhartha apresenta o anel para Gopa no palácio. [Click na imagem para ir ao site de origem.](#)

A Negativa de Dandapani

29/08/2011 às 10:14

“Amigo”, disse ele, “Chegou o tempo para meu filho **Siddhartha** se casar. Creio que sua filha Gopa tenha caído na graça dos seus olhos. Você daria sua mão em casamento para meu filho?”

Dandapani não respondeu de imediato. Ele hesitou, e novamente o rei indagou-lhe:

A Vida do Buda

“Você daria a mão de sua filha em casamento para meu filho?” Então Dandapani disse:

“Meu senhor, seu filho foi criado em meio ao luxo; ele nunca esteve para fora dos portões do palácio; suas habilidades físicas e intelectuais nunca foram postas à prova. Você sabe que os [Shakyas](#) somente entregam suas filhas em casamento para homens que sejam hábeis e fortes, bravos e sábios. Como posso entregar minha filha a seu filho que, até agora, tem mostrado gosto somente para a indolência?”

Essas palavras desconcertaram o Rei Suddhodana. Ele pediu para ver o príncipe. Siddhartha veio imediatamente.

“Pai”, disse ele, “você parece muito triste. O que aconteceu?”

O rei não sabia como dizer-lhe o que Dandapani havia expressado tão veementemente. Permaneceu em silêncio.

O príncipe repetiu:

“Pai, você parece muito triste. O que aconteceu?”

“Não me pergunte”, respondeu [Suddhodana](#).

“Pai, você está triste, o que aconteceu?”

“É um assunto doloroso; preferiria não falar sobre isso.”

“Explique-se, pai. É sempre bom ser explícito.”

O rei finalmente decidiu relatar a conversa que ele teve com Dandapani. Quando ele terminou, o príncipe começou a rir.

A Vida do Buda

“Meu senhor”, disse ele, “você está perturbado desnecessariamente. Você acredita que haja alguém em [Kapilavastu](#) superior a mim em força ou intelecto? Convoque todos os que são famosos por seus feitos em qualquer que seja o campo; ordene-lhes a medir as suas aptidões (habilidades) com as minhas, e eu lhe mostrarei o que posso fazer.”

A Contenda

30/08/2011 às 11:09

O rei restabeleceu a sua serenidade. E proclamou por toda a cidade:

“No sétimo dia a partir de hoje, o **Príncipe Siddhartha** competirá com todos que se destaquem em qualquer que seja o campo (de suas habilidades).”

No dia determinado, todos aqueles que se diziam habilidosos nas artes ou em ciências compareceram ao palácio. [Dandapani](#) estava presente, e prometeu sua filha àquele que, de origem nobre ou humilde, fosse vitorioso nas competições que aconteceriam.

Primeiro, um jovem homem, que conhecia as regras da escrita, procurou desafiar o príncipe, mas o erudito [Visvamitra](#) adiantou-se à assembléia e disse:

“Jovem homem, tal competição seria inútil. Você já está derrotado. O príncipe ainda era uma criança quando foi colocado aos meus cuidados; eu deveria ensinar-lhe a arte da escrita. Mas ele já conhecia as sessenta e quatro variedades de escrita! Ele conhecia certas variedades de escrita que eram desconhecidas por mim até pelo nome!”

O testemunho de Visvamitra foi suficiente para dar ao príncipe a vitória na arte da escrita.

A Vida do Buda

Então procuraram testar seu conhecimento dos números. Ficou decidido que um certo [Shakya](#) chamado Arjuna, que tinha uma ou outra vez resolvido problemas intrincados, atuaria como juiz na competição.

Um jovem homem afirmou ser um excelente matemático, e a ele Siddhartha endereçou uma questão, mas o jovem homem foi incapaz de responder.

“Ainda assim era uma questão fácil”, disse o príncipe. “Mas eis uma que é ainda mais fácil; quem a responderá?”

Ninguém respondeu essa segunda questão.

“Agora é a vossa vez de arguir-me”, disse o príncipe

Eles indagaram-lhe questões que eram consideradas difíceis, mas ele deu-lhes as respostas mesmo antes que tivessem terminado de colocar o problema.

“Deixem que o próprio Arjuna examine o príncipe!” surgiu o clamor de todos os lados.

Arjuna colocou-lhe os mais intrincados problemas, e nenhuma vez Siddhartha deixou de dar a solução correta.

Todos ficaram maravilhados com o seu conhecimento de matemática e se conevenceram que sua inteligência havia explorado a fundo todas as ciências. Eles então decidiram desafiar sua habilidade atlética, mas em salto e corrida ele venceu com pouco esforço, e na luta ele teve apenas que encostar o dedo em seu adversário, e esse cairia ao chão.

Então eles sacaram os arcos, e exímios arqueiros colocaram suas flechas em alvos que eram pouco visíveis. Mas quando chegou a vez de o

A Vida do Buda

príncipe atirar, tão grande era a sua força natural que ele quebrou cada arco conforme o vergou. Finalmente, o rei enviou guardas para buscar um muito antigo, muito precioso arco que era mantido no templo. Ninguém que se lembre tinha sido capaz de vergá-lo ou levantá-lo. Siddhartha pegou o arco em sua mão esquerda, e com um dedo da sua mão direita ele o vergou até si. Então ele escolheu como alvo uma árvore tão distante que somente ele podia vê-la. A flecha atravessou a árvore e, enterrando-se no chão, desapareceu. E lá, onde a flecha havia entrado no chão, uma fonte bem formado, a qual foi chamada a Fonte da Flecha.

Tudo parecia estar encerrado, e eles levaram para o vencedor um enorme elefante branco sobre o qual, em triunfo, ele foi conduzido através de [Kapilavastu](#). Mas um jovem Shakya, [Devadatta](#), que era muito orgulhoso de sua força, segurou o animal pela tromba e, por diversão, bateu-lhe com o seu punho. O elefante caiu ao chão.

O príncipe olhou com reprovação para o jovem homem, e disse:

“Você cometeu uma maldade, Devadatta.”

Ele tocou o elefante com o seu pé, e ele levantou-se e prestou-lhe homenagem (reverenciou-lhe).

Então todos aclamaram sua glória, e o ar vibrou com suas aclamações. [Suddhodana](#) ficou feliz, e Dandapani, chorando de alegria, exclamou:

“[Gopa](#), minha filha Gopa, orgulhe-se de ser a esposa de tal homem.”

8. Siddhartha Leva Uma Vida de Prazer

Uma Vida de Prazeres

31/08/2011 às 11:37

O **Príncipe Siddhartha** vivia feliz com sua esposa, a princesa. E o rei, cujo amor por seu filho agora se transformara em adoração, tomava infinito cuidado para poupá-lo da visão de qualquer coisa que pudesse angustiá-lo. Ele construiu três magníficos palácios para seu filho: um para o inverno, um para o verão, e o terceiro para a estação chuvosa; e esses (palácios) ele sempre foi proibido de deixar para vagar sobre a amplitude da terra.

Em seus palácios, brancos como as nuvens de outono e reluzentes como as carruagens celestiais dos Deuses e Deusas, o príncipe esvaziava a taça do prazer. Ele levou uma vida de conforto voluptoso; passava lânguidas horas ouvindo músicas tocadas pela princesa e suas acompanhantes e, quando bonitas as músicas, dançarinos sorridentes apareciam diante dele a realizar performances ao som de tambores ([kettle-drums](#)) dourados e, com prazer (deleitado), ele os assistia conforme se agitavam com graça e rara beleza em meio às [Apsaras](#) (ninfas do paraíso de [Indra](#)) felizes.

Mulheres lançavam olhares furtivos para ele: olhares atrevidamente oferecidos ou maliciosamente suplicantes, e seus cílios prostrados eram uma promessa de prazer inefável. Suas brincadeiras divertiam-no, seus encantos prendiam-no na servidão, e ele se comprazia em permanecer nesses palácios cheios de risos e músicas.

A Vida do Buda



Siddhartha levava uma vida de prazeres sob a proteção de Suddhodana. [Click na imagem para ir ao site de origem.](#)

A Vida do Buda

O Exemplo de Suddhodana

05/09/2011 às 10:36

Suddhodana regozijava com a vida que seu filho levava, embora a sua própria conduta ele julgasse com a maior severidade. Ele se esforçava para manter a sua alma serena e pura; se abstinha de cometer o mal, e cobria de presentes aqueles que fossem virtuosos. Ele nunca se entregou à indolência ou ao prazer; nunca foi queimado pelo veneno da avaréza. Assim como cavalos selvagens são feitos para suportar o jugo, assim ele subjugou as suas paixões, e em virtudes ele superava seus aparentados e amigos. O conhecimento que ele adquiriu, colocou a serviço de seus companheiros, e somente estudou assuntos que eram de interesse (úteis) para todos. Ele não só buscava o bem estar do seu próprio povo, mas também desejava que todo o mundo fosse feliz. Purificava seu corpo com a água dos lagos sagrados, e purificava a sua alma com as águas sagradas da virtude. Ele nunca pronunciava uma palavra que fosse agradável, porém uma mentira; as verdades que ele falava nunca causavam ofensa ou mágoa. Ele procurou ser justo, e foi através da honestidade, e não pela força, que ele derrotou (suplantou) o orgulho de seus inimigos. Ele não atacava, nem sequer olhava com ira aqueles que mereciam a penalidade da morte; ao invés, ele dava-lhes conselhos úteis, e então a sua liberdade.

O Rei era um exemplo para todos os seus súditos, e **Kapilavastu** era o mais feliz e virtuoso dos reinados.

A Vida do Buda

O Nascimento de Rahula

06/09/2011 às 7:48



O Buda com Rahula - Fonte:
Wikipedia

Então, a bela [Gopa](#) deu ao príncipe um filho, ao qual foi dado o nome de [Rahula](#). O rei [Suddhodana](#) ficou feliz de ver sua família prosperar, e ficou tão orgulhoso do nascimento de seu neto quanto havia ficado com o nascimento de seu filho.

Ele continuou (perseverou) no caminho da virtude, vivia quase como um eremita, e suas ações eram santas; ainda que continuasse

instando seu amado filho para novos prazeres, imenso era seu medo de vê-lo deixar o palácio e a cidade, e buscar o refúgio austero das florestas sagradas.

9. Os Três Encontros

O Primeiro Passeio

13/09/2011 às 10:34

Certo dia, alguém falou na presença do príncipe sobre como as gramas nos bosques tornaram-se suavemente verdes e os pássaros nas árvores cantavam a primavera; e como, nos lagos, as grandes (flores de) lótus

A Vida do Buda

estavam desabrochando. A natureza havia quebrado a cadeia (ordem seqüencial) que o inverno impusera e, ao redor da cidade, aqueles jardins tão estimados pelas jovens donzelas estavam agora alegremente atapetados com flores. Então, como um elefante confinado há muito tempo em seu estábulo, o príncipe tinha um desejo irresistível de deixar o palácio.

O rei soube o desejo de seu filho, e não sabia como se opor.

“Mas”, pensou ele, “Siddhartha não deve ver nada que perturbe a serenidade de sua alma; ele nunca deve suspeitar que a maldade exista no mundo. Ordenarei que a estrada seja limpa dos mendigos, daqueles que estão doentes e enfermos, e de todos os que sofrem.”

A cidade foi decorada com guirlandas (deflores), flâmulas e serpentinas; uma magnificente carruagem foi preparada, e os aleijados, idosos e mendigos foram colocados para fora das ruas onde o príncipe passaria.

Chegado o momento, o rei mandou chamar o seu filho, e havia lágrimas em seus olhos quando ele o beijou na testa. Com o olhar fixo sobre ele, então disse-lhe: “Vá!” E com essa palavra, ele deu-lhe permissão para deixar o palácio, embora seu coração falasse contrariamente.

A carruagem do príncipe era feita de ouro. Era puxada por uma junta quádrupla de cavalos ajaezados em ouro, e o cocheiro segurava rédeas de ouro em suas mãos. Somente os ricos, os jovens e belos eram permitidos nas ruas pelas quais ele passava, e estes paravam para vê-lo conforme passava. Alguns elogiavam-no pela bondade do seu olhar; outros exaltavam a sua postura digna; ainda outros exaltavam a beleza de suas feições; enquanto muitos glorificavam sua força exuberante. E todos se curvavam diante dele, como bandeiras postas diante da estátua de algum Deus.

A Vida do Buda

As mulheres em suas casas ouviram os gritos na rua. Elas acordaram ou deixaram suas tarefas domésticas e correram para as janelas ou rapidamente ascenderam aos terraços. E olhando para ele com admiração, elas murmuravam, “Feliz a esposa de tal homem!”.

E ele, em vista do esplendor da cidade, em vista da riqueza dos homens e da beleza das mulheres, sentiu uma nova alegria invadir sua alma.

O Primeiro Encontro

14/09/2011 às 10:19

Mas os Deuses ficaram com inveja da felicidade celestial desfrutada por esta cidade da terra. Eles fizeram um homem velho e, no sentido de perturbar a mente de Siddhartha, eles puseram-no na estrada por onde o príncipe estava passando.

O homem estava arqueado sobre uma bengala; estava esgotado (espoliado) e decrépito. Suas veias sobressaltavam em seu corpo, seus dentes batiam, e sua pele era um labirinto de rugas escuras. Um punhado de cabelos cinzentos e sujos pendiam de seu couro cabeludo; suas pálpebras não tinham cílios; a cabeça e os membros paralisados.

O príncipe viu este ser, tão diferente dos homens ao seu redor. Ele o fitou com tristeza nos olhos, e indagou ao cocheiro:

“O que é esse homem com cabelos cinzentos e o corpo tão arqueado? Ele agarra-se à sua bengala com as mãos ressequidas, seus olhos são sem brilho e seus membros hesitantes. Ele é um monstro? A natureza o fez assim, ou é o acaso?”

O cocheiro não deveria ter respondido, mas os Deuses confundiram-lhe a mente, e sem entender o seu erro (engano), ele disse:

A Vida do Buda

“O que estraga a beleza, arruína o vigor, que causa tristeza e mata o prazer, o que enfraquece a memória e destrói os sentidos é a velhice. Ela (a velhice) agarrou este homem e quebrou-lhe. Ele, também, certa vez foi criança, amamentou-se no seio de sua mãe; ele, também, certa vez engatinhou pelo chão; cresceu, foi jovem, tinha força e beleza; e então chegou ao crepúsculo dos seus anos, e agora você o vê, a ruína que é a velhice.”

O príncipe ficou profundamente comovido, e indagou:

“Este será meu destino, também?”

O cocheiro respondeu:

“Meu senhor, a juventude também o abandonará algum dia; para você, também, chegará a velhice perturbadora. O tempo esgota a nossa força e rouba a nossa beleza.”

O príncipe estremeceu como um touro ao som do trovão. Ele soltou um suspiro profundo e balançou sua cabeça. Seus olhos se desviaram do homem miserável para a multidão feliz, e ele falou essas solenes palavras:

“Assim a velhice destrói a memória, a beleza e a força no homem, e mesmo assim o mundo não está sobressaltado com terror! Dê meia volta com os cavalos, oh cocheiro; leve-nos de volta para nossas casas. Como posso deleitar-me em jardins e flores, quando meus olhos podem somente ver a velhice, quando minha mente pode somente pensar na velhice?”

O príncipe retornou ao seu palácio, mas não encontraria paz em lugar algum. Ele vagava pelos corredores e salões, murmurando, “Velhice, oh, velhice!” e em seu coração não havia mais alegria.

A Vida do Buda

O Segundo Encontro

15/09/2011 às 10:11

Ele decidiu, no entanto, andar mais uma vez através da cidade.

Mas os Deuses fizeram um homem afligido por uma doença repugnante, e colocaram-no na estrada que Siddhartha havia tomado.

Siddhartha viu o homem doente; ele o fitou, e indagou ao cocheiro:

“O que é este homem com essa barriga inchada? Seus braços emaciados pendem flácidos, está pálido e gritos de lamento escapam dos seus lábios. Está ofegante; veja, cambaleia e empurra os transeuntes; está caindo. Cocheiro, cocheiro, o que é este homem?”

O cocheiro respondeu:

“Meu senhor, este homem sofre o tormento da doença, pois ele tem o mal do rei. Ele é a fraqueza em si; no entanto ele, também, certa vez foi saudável e forte!”

O príncipe olhou para o homem com piedade, e indagou novamente:

“Essa aflição é peculiar a esse homem, ou todas as criaturas são ameaçadas pela doença?”

O cocheiro respondeu:

“Nós, também, poderemos ser visitados por semelhante aflição, oh príncipe. A doença oprime o mundo.”

A Vida do Buda

Quando ele ouviu essa verdade dolorosa, começou a tremer feito um raio de luar refletido nas ondas do mar, e pronunciou essas palavras de amargura e pena:

“Os homens vêem o sofrimento e a doença, e mesmo assim nunca perdem sua auto-confiança! Oh, quão grande deve ser a sua sabedoria! São constantemente ameaçados pelas doenças, e ainda assim conseguem rir e ser felizes! Dê meia volta nos cavalos, cocheiro; nosso passeio de lazer está encerrado; retornemos ao palácio. Aprendi a temer a doença. Minha alma afasta-se do prazer e parece fechar-se como uma flor desprovida da luz.”

Envolto em pensamentos dolorosos, ele retornou ao palácio.

O [Rei Suddhodana](#) notou o semblante sombrio de seu filho. Ele perguntou por que o príncipe já não saía a passeio, e o cocheiro disse-lhe o que havia acontecido. O rei entristeceu; já se sentia abandonado pela criança que ele adorava. Perdeu a sua compostura habitual e dirigiu toda a raiva para o homem cuja obrigação era assegurar que todas as ruas estivessem limpas; ele o puniu, mas seu hábito de ser indulgente era tão forte que a punição foi leve. E o homem ficou atônito ao ser assim repreendido, por não ter visto nem um homem velho e nem um homem doente.

O Terceiro Encontro

16/09/2011 às 8:15

O rei agora estava mais ansioso do que nunca para evitar que seu filho deixasse o palácio. Ele lhe proporcionou raros prazeres, mas nada, ao que parece, poderia suscitar Siddhartha. E o rei pensou: “Permitirei a ele sair uma vez mais! Talvez ele recupere a alegria que perdeu.”

A Vida do Buda

Ele deu ordens estritas para que todos os aleijados e todos os doentes que estivessem doentes ou velhos fossem retirados da cidade. Até mesmo trocou o cocheiro do príncipe, e tinha certeza de que desta vez não aconteceria nada que perturbasse a alma de **Siddhartha**.

Mas os Deuses invejosos fizeram um cadáver. Quatro homens carregavam-no, e outros seguiam atrás, chorando. E o cadáver, tanto quanto os homens que o carregavam e o seguiam chorando, eram visíveis somente para o príncipe e o cocheiro.

E o filho do rei indagou:

“O que é este que está sendo carregado por quatro homens, seguido por aqueles outros, trajando roupas escuras e chorando?”

O cocheiro deveria preservar a sua serenidade, mas foi por vontade dos Deuses que ele respondeu:

“Meu senhor, ele não tem mais inteligência, nem sentimento, nem respiração; ele dorme, inconsciente, como grama ou um pedaço de madeira; prazer e sofrimento são sem significado para ele agora, e tanto amigos quanto inimigos o abandonaram.”

O príncipe ficou perturbado. Ele disse: “Essa condição é peculiar a esse homem, ou esse mesmo fim aguarda todas as criaturas?”

E o cocheiro respondeu: “Esse mesmo fim aguarda todas as criaturas. Sejam esses de origem humilde ou nobre, a cada ser que viva neste mundo, a morte virá inevitavelmente.”

Então o Príncipe Siddhartha conheceu o que era a morte.

A Vida do Buda

A despeito de sua fortaleza, ele estremeceu. Ele teve que encostar a carruagem, e suas palavras eram cheias de angústia:

“Então, a isto o destino conduz todas as criaturas! Mesmo assim, sem medo em seus corações, os humanos divertem-se de mil maneiras diferentes! A morte está próxima (a espreita), e eles tomam os caminhos do mundo com uma canção em seus lábios! Oh, começo a pensar que a alma humana endureceu! Dê meia volta em seus cavalos, cocheiro; não é hora de passear pelos jardins em flores. Como pode um homem sensível, um homem que sabe o que é a morte, procurar prazer nas horas de angústia?”

Mas o cocheiro continuou a dirigir em direção ao jardim para onde o rei ordenou-lhe levar seu filho. Lá, por ordem de [Suddhodana](#), Udayin, que era um filho do sacerdote da família e amigo de Siddhartha desde a infância, havia reunido muitas belas donzelas, peritas na arte da dança e da música, e também peritas nas brincadeiras de amor.

10. O Sonho de Gopa

Os Préstimos de Udayin

21/09/2011 às 10:22

O cocheiro entrou no bosque. As árvores jovens estavam em floração, pássaros esvoaçavam alegremente como que embriagados pela luz e pela atmosfera, e sobre a superfície dos tanques, o lótus curvava as suas pétalas para beber o frescor do ar.

A Vida do Buda



Estátua em arenito do século X de uma Apsara de Madhya Pradesh, Índia. Fonte: Wikipedia

Siddhartha foi contra a sua vontade, como um jovem eremita, que ainda muito novo para os seus votos, teme a tentação e é levado para algum palácio celestial onde lindas Apsaras estão acostumadas a dançar. Cheias de curiosidade, as donzelas levantaram-se e vieram para a frente como se para cumprimentar um noivo. Seus olhos brilhavam com admiração, e suas mãos estendidas eram como flores. Todas elas pensaram: “Este é Kama em pessoa de volta à terra.” Mas não falaram, nem mesmo sorriram, tão tímidas ficaram em sua presença.

Udayin chamou as mais ousadas e belas, e disse-lhes:

Por que vocês me desapontaram hoje, vocês que escolhi em meio a muitas para cativarem o príncipe, meu amigo? O que lhes fez comportarem-se como uma criança tímida e quieta? Seu encanto, sua beleza, sua ousadia conquistariam mesmo o coração de uma mulher, e vocês tremem diante de um homem! Vocês me mortificam. Venham, levantem-se! Usem seus encantos! Façam-lhe render-se ao amor!” Uma das donzelas falou:

“Ele nos intimida, oh mestre; seu majestoso esplendor intimida-nos.”

A Vida do Buda

“Grande como é”, respondeu Udayin, “ele não a assustaria. Pois estranho é o poder das mulheres. Permita-me lembrar-lhes de todos aqueles que, no passado, ficaram a mercê de um olhar terno. Certa vez o grande eremita [Vyasa](#), a quem mesmo os Deuses temiam ofender, foi chutado por uma cortesã chamada Bela de [Benares](#), e ele não ficou descontente. O monge Manthalagotama, que era famoso por suas longas penitências, tornou-se um assistente de funerária, no sentido de ganhar os favores da devassa Jangha, uma mulher da mais baixa casta. Santa artisticamente conseguiu seduzir [Rishyasringa](#), um homem erudito que nunca tinha conhecido uma mulher; e o mais piedoso de todos os homens, o glorioso [Visvamitra](#) que, certo dia, na floresta, rendeu-se às importunações da Apsaras Ghritaki. E eu poderia nomear muitos outros que sucumbiram à mulheres como vocês, oh lindas donzelas! Venham, não tenham medo do filho do rei. Sorriam para ele, e ele se apaixonará por vocês.”

As palavras de Udayin encorajaram as donzelas. Sorrindo, e com extraordinária graça, elas gradualmente formaram um círculo em torno do príncipe.

Elas usaram as artimanhas mais atraentes no intuito de abordar Siddhartha, de modo a esbarrá-lo ou segurá-lo, e roubar uma carícia. Uma delas fingiu tropeçar e agarrou-se à sua cintura. Uma outra aproximou-se e discretamente susurrou em seu ouvido, “digne-se a ouvir o meu segredo, oh príncipe”. Uma outra fingiu embriaguez; ela lentamente desenrolou o véu azul que atava os seus seios, e então veio e encostou em seu ombro. Uma outra pulou do galho de uma mangueira e, sorridente, tentou impedi-lo de passar. Ainda uma outra ofereceu-lhe uma [flor de lótus](#). E uma delas cantou: “Veja, querido, essa árvore está coberta de flores, flores cujo perfume satura o ar; em seus galhos, pássaros raros gorjeiam felizes canções, como se em uma gaiola dourada. Ouça as abelhas, pairando sobre as flores; estão excitadas e arrebatadas por um calor ardente. Olhe aquelas trepadeiras,

A Vida do Buda

abraçando calorosamente e árvore; a brisa agita-lhes com uma mão ciumenta. Ali, naquela clareira encantadora, você vê o lago prateado adormecido? Está sorrindo, sonolento, como uma donzela acariciada por forte raio de luar.”



Foto de Marcos Ubirajara em 17/09/2011. Local: Sítio da Dôra.

Mas o príncipe não estava sorrindo; estava infeliz, por estar a pensar sobre a morte.

Ele pensou: “Essas donzelas não sabem que a juventude é fugaz, e que a velhice virá e as privará de sua beleza! Elas são cegas para a ameaça que é a doença, embora sejam mestras nas artes mundanas. Nada sabem da morte, da morte imperiosa, da morte que destrói todas as

A Vida do Buda

coisas! E esse é o porquê elas podem sorrir, esse é o porquê elas podem brincar!”

Udayin tentou interromper os pensamentos de Siddhartha.

Ele disse: “Por que você é tão descortês com essas donzelas? Talvez por não lhe interessarem? O que importa! Seja gentil com elas, mesmo a custa de alguma mentira. Poupe-lhes da vergonha de serem rejeitadas. Como sua beleza poderá conquistá-lo se você é displicente? Você será como uma floresta sem flores.”

“O que há de bom nas mentiras, o que há de bom nas lisonjas”? respondeu o príncipe. “Eu não enganaria essas mulheres. A velhice e a morte estão a espreita por mim. Não tente me seduzir, Udayin; não me peça para juntar-me à nenhuma diversão vulgar. Eu vi a velhice, eu vi a doença, e estou certo da morte; nada agora pode dar-me paz no pensamento. E você queria que me rendesse ao amor? De que metal é feito o homem que sabe da morte e ainda busca o amor? Um cruel e implacável guardião (da morte) está à sua porta, e ele nem sequer chora!”

O sol estava se pondo. As donzelas tinham cessado seus sorrisos; o príncipe não tinha olhos para suas guirlandas e suas jóias. Elas sentiram que seus encantos de nada valeram, e lentamente elas pegaram a estrada de volta à cidade.

O príncipe retornou ao palácio. O Rei [Suddhodana](#) ouviu de Udayin que seu filho estava desprezando todo o prazer, que naquela noite ele não havia encontrado o sono.

A Vida do Buda

O Sonho de Gopa

22/09/2011 às 10:45

Gopa estava à espera do príncipe. Ele evitou-a. Deixou-a ansiosa, e quando finalmente ela caiu no sono, teve um sonho:

A terra toda tremeu; as mais altas montanhas balançaram; um vento furioso soprou, quebrando e arrancando as árvores. O sol, a lua e as estrelas caíram do céu à terra. Ela, Gopa, foi despojada de suas roupas e ornamentos; tinha perdido a sua coroa; estava nua. Seu cabelo foi cortado. O leito nupcial foi quebrado; os robes do príncipe e as pedras preciosas com as quais eles eram bordados foram espalhadas. Meteoros riscavam o céu sobre uma cidade escura, e o (Monte) Meru, rei das montanhas, tremeu.

Dominada pelo terror, Gopa despertou. Ela correu para seu marido.

“Meu senhor, meu senhor”, gritava, “O que acontecerá? Eu tive um sonho terrível! Meus olhos estão cheios de lágrimas, e meu coração cheio de medo.”

“Conte-me seu sonho”, respondeu o príncipe.

Gopa relatou tudo o que havia visto no seu sonho. O príncipe sorriu.

“Alegre-se, Gopa”, disse ele, “alegre-se. Você viu a terra agitar-se? Então, um dia os próprios Deuses se curvarão diante de você. Você viu a lua e o sol caírem do céu? Então, em breve você derrotará a maldade, e receberá louvor infinito. Você viu as árvores (sendo) arrancadas? Então você encontrará uma forma de sair da floresta do desejo. Seu cabelo foi cortado? Então você se libertará da rede de paixões que a mantém em cativeiro. Meus robes e minhas jóias foram espalhados? Então eu estou

A Vida do Buda

no caminho para a libertação. Meteoros riscaram o céu sobre uma cidade escura? Então, para o mundo ignorante, para o mundo que é cego, levarei a luz da sabedoria, e aqueles que tiverem fé em minhas palavras conhecerão a alegria e a felicidade. Sinta-se feliz, oh Gopa, acabe com a sua melancolia; em breve você será honrada singularmente. Durma, Gopa, durma; você teve um lindo sonho.”

11. Siddhartha está Ansioso para Conhecer as Grandes Verdades

Herói

26/09/2011 às 8:17

Siddhartha não encontraria mais a paz. Ele caminhava pelos corredores do seu palácio como um leão atingido por algum dardo envenenado. Estava infeliz.

Certo dia, veio-lhe um grande desejo pelos campos abertos e pela visão dos verdes prados. Ele deixou o palácio, e como perambulava sem rumo pelos campos, ponderou:

“É de fato lamentável que o humano, fraco como realmente é, sujeito às doenças, com a certeza da velhice, e tendo a morte como destino inexorável, deva, na sua ignorância e orgulho, menosprezar os doentes, os idosos e os mortos. Se eu olhasse com desgosto (apenas) para alguns companheiros que estivessem doentes, velhos ou mortos; eu seria injusto, eu não seria digno de compreender a lei suprema.”

E como ele ponderava sobre a miséria da espécie humana, ele perdeu a vã ilusão da força, da juventude e da vida. Não conheceria mais alegria ou tristeza, dúvida ou cansaço, desejo ou amor, ódio ou desprezo.

A Vida do Buda

De repente, ele viu um homem aproximar-se, o qual parecia um mendigo e que era visível somente para ele.

“Diga-me, quem é você?”, indagou-lhe o príncipe.

“Herói”, disse o monge, “devido ao medo do nascimento e da morte, tornei-me um monge itinerante. Procuo a libertação. O mundo está a mercê da destruição. Não penso como outros homens; evito prazeres; nada sei sobre a paixão; busco a solidão. Às vezes vivo ao pé de uma árvore; às vezes nas montanhas solitárias, ou às vezes na floresta. Nada possuo; nada espero. Eu vagueio, vivendo da caridade, e buscando apenas o bem mais elevado.”

Ele falou. Então, ascendeu aos céus e desapareceu. Um Deus havia tomado a forma de um monge a fim de incitar o príncipe.

Siddhartha ficou feliz. Ele viu o seu dever; e decidiu deixar o palácio e tornar-se um monge.

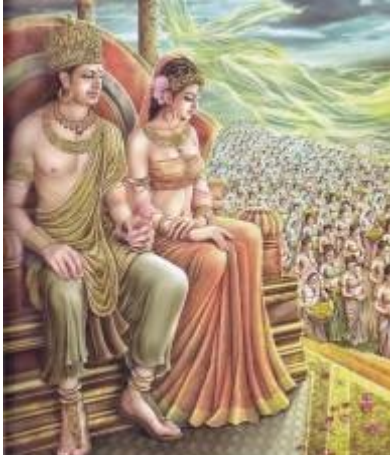
Os Apelos de Suddhodana

27/09/2011 às 7:45

Retornou à cidade. Nas proximidades dos portões ele passou por uma jovem mulher que curvou-se e disse-lhe: “Aquela que é sua noiva deve conhecer a suprema bem-aventurança, oh nobre príncipe”. Ele ouviu sua voz, e sua alma encheu-se de paz: veio-lhe o pensamento da suprema bem-aventurança, beatitude, do nirvana.

Ele foi ao rei, curvou-se e disse-lhe:

A Vida do Buda



Rei Suddhodana e a Rainha Maya.
Click na imagem para detalhes.

“Rei, defira o pedido que tenho a fazer. Não se oponha a ele, porque estou determinado. Gostaria de deixar o palácio, gostaria de trilhar o caminho da libertação. Devemos nos separar, pai.”

O rei ficou profundamente comovido. Com lágrimas nos olhos, a voz embargada, disse ao seu filho:

“Filho, desista dessa ideia. Você ainda é jovem demais para considerar uma vocação religiosa.

Nossos pensamentos nos primórdios da vida são inconstantes e mutáveis. Além disso, é um grave erro levar ao cabo práticas de austeridades em nossa juventude. Nossos sentidos são ávidos por novos prazeres; nossas mais firmes decisões são esquecidas quando aprendemos quanto custam em esforços. O corpo vagueia na floresta do desejo, somente nossos pensamentos escapam. Jovens carecem de experiência. Está mais para mim abraçar a religião. É chegado para mim o tempo para deixar o palácio. Eu abduco, oh meu filho. Reine em meu lugar. Seja forte e corajoso; sua família necessita de você. Primeiro conheça as alegrias da juventude, e então aquelas dos anos tardios, antes de recolher-se às florestas e tornar-se um eremita.”

A Soberana Decisão

28/09/2011 às 9:22

O príncipe respondeu:

A Vida do Buda

“Prometa-me quatro coisas, oh pai, e não deixarei vossa casa para recolher-me às florestas.”

“Quais são elas, filho?”, indagou o rei.

“Prometa-me que minha vida não terminará com a morte, que a doença não prejudicará a minha saúde, que a velhice não se seguirá à minha juventude, que o infortúnio não destruirá a minha prosperidade.”

“Você está pedindo demais”, respondeu o rei. “Desista dessa ideia. Não é bom agir sob um impulso tolo.”

Solene como a montanha Meru, o príncipe disse ao seu pai:

“Se você não pode me prometer essas quatro coisas, não me retenha, oh pai. Quando alguém está tentando escapar de uma casa em chamas, não devemos impedi-lo. Inevitavelmente, virá o dia quando deveremos deixar este mundo, mas que mérito há numa separação involuntária (forçada)? Uma separação voluntária é longinquamente melhor. A morte me levaria do mundo antes que eu alcançasse o meu objetivo, antes que eu satisfizesse meu ardor. O mundo é uma prisão: eu poderia libertar aqueles seres que são prisioneiros do desejo! O mundo é um profundo abismo onde vagueiam o ignorante e o cego: eu acenderia a lâmpada da sabedoria, removeria a película que esconde a luz da sabedoria! O mundo tem levantado a bandeira errada, tem levantado a bandeira do orgulho: eu poderia puxá-la abaixo, poderia rasgar em pedaços a bandeira do orgulho! O mundo é conturbado, o mundo é um turbilhão, o mundo é uma roda de fogo: eu poderia, com a verdadeira lei, trazer a paz a todos os homens!”

Com lágrimas nos olhos, ele retornou ao palácio. No grande salão as acompanhantes de [Gopa](#) estavam rindo e cantando. Ele não lhes deu atenção. A noite veio, e elas ficaram em silêncio.

A Vida do Buda

Elas caíram no sono. O príncipe as olhou.

Foi-se a sua graça premeditada (ensaiada), foi-se o brilho dos seus olhos. Seus cabelos estavam desgrenhados, suas bocas abertas, seus braços e pernas estavam rigidamente esticados ou desajeitadamente retorcidos sob seus corpos. E o príncipe gritou:

“Mortas! Elas estão mortas! Encontro-me num cemitério!”

E as deixou, fazendo seu caminho em direção aos estábulos reais.

12. Siddhartha Deixa o Palácio de seu Pai

Os Portões de Kapilavastu

29/09/2011 às 7:29

Ele chamou o seu escudeiro, o rápido Chandaka.

“Traga-me o meu cavalo [Kanthaka](#), imediatamente”, disse ele. “Permanecerei fora, para encontrar a eterna bem-aventurança. Sinto a profunda alegria, a força indomável que agora sustenta a minha vontade, a segurança de que tenho um protetor muito embora esteja sozinho, todas essas coisas me dizem que estou prestes a atingir o meu objetivo. Chegou a hora; estou no caminho para a libertação.”

Chandaka tinha conhecimento das ordens do rei, mas sentiu algum poder superior compelindo-o a desobedecer. Ele foi buscar o cavalo.

A Vida do Buda



Siddhartha ao deixar o palácio em seu cavalo Kanthaka. [Click na imagem para site de origem.](#)

Kanthaka era um animal esplêndido; era forte e dócil. Siddhartha acariciou-lhe calmamente, e então disse-lhe numa voz terna:

“Muitas vezes, oh nobre animal, meu pai montou-lhe na batalha e derrotou os seus poderosos inimigos. Hoje, irei à busca da suprema bem-aventurança; empresta-me a sua ajuda, oh Kanthaka! Companheiros nas armas ou nos prazeres não são difíceis de encontrar, e quando nos propomos a adquirir riquezas, nunca carecemos de amigos (logo

muitos se apresentam). Mas os companheiros e amigos nos abandonam quando é o caminho da santidade que iremos tomar. No entanto, disto estou certo: aquele que ajuda outro a cometer o bem ou o mal, compartilha daquele bem ou mal. Então saiba, oh Kanthaka, que é um impulso virtuoso que me compele. Emprésteme sua força e sua rapidez; a salvação do mundo, e a sua própria, está em jogo.”

O príncipe falou a Kanthaka como falaria a um amigo. Montou com decisão a sela, e parecia como o sol montado numa nuvem de outono.

O cavalo teve o cuidado de não fazer barulho, pois a noite era clara. Ninguém no palácio ou em [Kapilavastu](#) estava acordado. Pesadas trancas de ferro protegiam os portões da cidade, um elefante poderia levantá-las somente com grande dificuldade, mas, para permitir a passagem do príncipe, os portões abriram-se silenciosamente, de sua própria vontade.

A Vida do Buda

Deixando seu pai, seu filho e sua gente, Siddhartha saiu da cidade. Não sentiu arrependimento, e numa voz firme, ele bradou:

“Até que eu veja o fim da vida e da morte, não retornarei à cidade de Kapila.”



**O Portão Leste, através do qual o Príncipe Siddhartha deixou a vida mundana.
Click na imagem para o site de origem.**

13. Siddhartha o Eremita

Ao Apartar-se de um Grande Amigo

30/09/2011 às 8:06

Bravamente, [Kanthaka](#) o carregou a uma grande distância. Quando o sol finalmente olhou por entre as pálpebras da noite, o mais nobre entre os humanos viu que ele estava próximo a uma floresta onde habitavam muitos eremitas devotos. Cervos estavam dormindo sob as árvores, e pássaros esvoaçavam destemidamente. Siddhartha sentiu-se descansado, e pensou que não necessitava prosseguir. Ele desmontou e gentilmente acariciou seu cavalo. Havia felicidade em seu olhar e em sua voz quando ele disse a **Chandaka**:



[Kanthaka, o cavalo do Príncipe Siddhartha, click na imagem para site de origem.](#)

A Vida do Buda

“Realmente, um cavalo tem a força e a rapidez de um Deus. E você, querido amigo, por fazer-me companhia, provou-me quão grande é sua afeição e a sua coragem. Foi um gesto nobre e muito me agrada. Aqueles que, como você mesmo, possam combinar energia e devoção são realmente raros. Você tem demonstrado que é meu amigo, e não espera qualquer recompensa de mim! No entanto, é geralmente um interesse egoísta que conduz homens juntos. Asseguro-lhe, você me fez muito feliz. Pegue seu cavalo agora e retorne para a cidade. Encontrei a floresta que estava procurando.”

O herói tirou as suas jóias e entregou-as a Chandaka.

“Pegue este colar”, disse ele, “e vá até meu pai. Diga-lhe que acredite em mim e não dê lugar à sua tristeza. Se eu adentrar um eremitério, não é porque estou carente de afeição por meus amigos ou porque meus inimigos provocam a minha ira; nem é porque busco um lugar entre os Deuses. A minha é uma razão digna: destruirei a velhice e a morte. Portanto, não entristeça, Chanda, e não permita que meu pai sinta-se infeliz. Deixei minha casa para livrar-me da infelicidade. A infelicidade nasce do desejo; digno de piedade é o homem que é um escravo das suas paixões. Quando um homem morre, há sempre herdeiros para a sua fortuna, mas herdeiros para as suas virtudes são raramente encontrados, nunca são encontrados. Se o meu pai disser-lhe: “Ele partiu para a floresta antes do tempo determinado”, você responderá que a vida é tão incerta que a prática da virtude nunca é inoportuna. Diga isto ao rei, oh meu amigo, e dê o melhor de si para fazer-lhe esquecer de mim. Diga-lhe que não possuo virtude nem mérito; pois um homem sem virtude nunca é amado, e aquele que nunca é amado nunca é lamentado.”

A Vida do Buda

Os Apelos de Chandaka

03/10/2011 às 9:34

Com lágrimas nos olhos, Chandaka respondeu:

“Oh, como chorarão aqueles que te amam! Você é jovem, é belo, o palácio dos Deuses deveria ser o seu lar; todavia, você viveria nas florestas e dormiria sobre a grama grosseira? Eu sabia da tua cruel decisão; eu não deveria ter ido buscar [Kanthaka](#); mas um poder sobrenatural ordenou-me, enganou-me, e eu o busquei para você. Como eu poderia ter feito tal coisa da minha própria vontade? A tristeza agora encontrará seu lugar em [Kapilavastu](#). Oh príncipe, seu pai te ama muito, não o abandone! E [Mahaprajapati](#)? O que ela não fez por você! Ela é tua mãe adotiva; não seja ingrato! E ainda não há uma outra mulher que te ama? Não abandone a fiel [Gopa](#)! Crie seu filho com a ajuda dela, e um dia ele lhe trará glória!”

Ele chorou amargamente. O herói ficou em silêncio. Chanda continuou:

“Você vai deixar a tua família para sempre! Oh, se você deve causar-lhes dor, poupe-me, pelo menos, a angústia de transmitir a triste notícia! O que o rei diria a mim se me visse retornar sem você? O que tua mãe diria a mim? O que Gopa diria? E quando eu aparecer diante de seu pai, você me pede para negar o seu mérito e a sua virtude! Como poderei fazer isso, meu senhor? Não posso mentir. E mesmo se eu decidisse mentir, quem acreditaria em mim? Quem poderia fazer crer que a lua tem vagas de fogo?”

Ele agarrou a mão do herói.

“Não nos abandone! Volte, oh, volte!”

A Vida do Buda

Siddhartha ainda permaneceu em silêncio. Finalmente, ele disse numa voz solene:

“Devemos nos separar, Chanda. Chega um tempo em que pessoas que estão ligadas pelos laços mais fortes devem seguir os seus próprios caminhos. Independente do amor pela minha família, se eu não os deixasse, ainda assim a morte nos separaria, a despeito de tudo. O que sou agora para a minha mãe? O que ela é para mim? Pássaros que dormem na mesma árvore à noite, se dispersam aos quatro ventos no esplendor da aurora; nuvens que algum sopro de vento juntou são dispersadas novamente por algum outro sopro de vento. Não posso mais viver num mundo que nada mais é que um sonho. Devemos nos separar, meu amigo. Diga às pessoas de Kapilavastu que nada fiz digno de culpa, diga-lhes para esquecerem a sua afeição por mim; e diga-lhes também que eles me verão novamente, em breve, (verão) o conquistador da velhice e da morte, a menos que eu falhe miseravelmente e morra.”

Kanthaka estava lambendo seus pés. O herói gentilmente acariciou seu cavalo e falou-lhe como se para um amigo:

“Não chore. Você deve demonstrar ser um animal nobre. Seja paciente. Aproxima-se o tempo em que sua labuta será recompensada.”

A Vida do Buda

O Caçador

04/10/2011 às 9:11



Siddhartha corta seu cabelo. [Click na imagem para site de origem](#)

Então ele pegou uma espada que [Chandaka](#) estava segurando. O punho era de ouro e cravejado de jóias; a lâmina era afiada. Com um golpe ele cortou o seu cabelo, e então ele lançou a espada ao ar onde brilhava como uma estrela (super)nova. Os Deuses a pegaram e a seguraram em grande reverência.

Mas o herói ainda estava vestindo o seu suntuoso robe. Ele queria um mais simples, mais adequado para um

eremita. Foi quando então um caçador apareceu, vestindo uma roupa grosseira feita de um material avermelhado. Siddhartha disse-lhe:

“O seu humilde robe é como aqueles usados pelos eremitas; está estranhamente em contraste com o seu arco selvagem. Dê-me sua roupa e pegue as minhas em troca. Elas lhe servirão melhor.”

“Graças a essas roupas”, disse o caçador, “eu posso enganar os animais na floresta. Eles não me temem, e posso matá-los a curta distância. Mas se você tem necessidade delas, meu senhor, dar-lhe-ei de bom grado e pegarei as suas em troca.”

A Vida do Buda

Siddhartha alegremente vestiu a (roupa) grosseira e avermelhada pertencente ao caçador, e o caçador reverentemente aceitou o robe do herói, e então desapareceu no céu. Siddhartha percebeu que os próprios Deuses desejavam presenteá-lo com seu robe de eremita, e alegrou-se. Chandaka ficou cheio de admiração.

Vestido em seu robe avermelhado, o herói sagrado se pôs a caminho do eremitério. Era como o rei das montanhas envolto em nuvens ao entardecer.

E Chandaka, com pesar no coração, pegou a estrada de volta a [Kapilavastu](#).

14. A Aflição de Gopa e Suddhodana

A Aflição de Gopa

05/10/2011 às 7:49

[Gopa](#) havia despertado nas profundezas da noite. Uma inquietação estranha a possuía. Ela chamou seu amado, Príncipe Siddhartha, mas não houve resposta. Ela se levantou. Correu pelos corredores do palácio; ele não se encontrava em lugar algum. Ela ficou assustada. Suas acompanhantes estavam dormindo. Um grito escapou dos seus lábios:

“Oh, malvado, malvado! Você me traiu! Você deixou meu amado fugir!”

As acompanhantes acordaram. Vasculharam todos os quartos. Não havia mais qualquer dúvida: o príncipe deixara o palácio. Gopa rolava no chão; arrancava os cabelos, e seu rosto mostrava as marcas de profundo desespero.

A Vida do Buda

“Certa vez, ele me disse que iria embora, para longe, ele, o rei dos humanos! Mas nunca pensei que essa cruel separação viria tão cedo. Oh, onde está você, meu bem-amado? Onde está você? Não posso esquecê-lo, eu que estou desamparada, tão desamparada! Onde está você? Onde está você? Você é tão belo! Sua beleza é incomparável entre os humanos. Seus olhos brilham. Você é bom, é querido, meu bem-amado! Você não é feliz? Oh, meu querido, meu amado, para onde você foi?”

Suas acompanhantes tentaram em vão consolá-la.

“Daqui por diante, vou beber apenas para saciar a minha sede, vou comer apenas para matar a minha fome. Dormirei sobre o chão bruto, como coroa usarei uma trança de eremita, não tomarei mais banhos de essências florais, mortificarei meu corpo. Os jardins estão desnudos de flores e frutos; as guirlandas desbotadas estão pesadas com a poeira. O palácio está deserto. Não mais vibrará com as felizes canções de outrora.”

Mahaprajapati soube de uma de suas acompanhantes sobre a fuga de Siddhartha. Ela foi a Gopa. As duas mulheres choraram uma nos braços da outra.

A Aflição de Suddhodana e Mahaprajapati

06/10/2011 às 9:16

O rei **Suddhodana** ouviu a lamentação. Perguntou a razão. A criada foi indagar e voltou com a seguinte resposta:

“Meu senhor, o príncipe não se encontra em nenhum lugar do palácio.”

A Vida do Buda

“Fechem os portões da cidade”, gritou o rei, “e procurem por meu filho nas ruas, nos jardins, nas casas.”

Ele foi obedecido, mas o príncipe não se encontrava em lugar algum. O rei desmoronou.

“Meu filho, meu único filho!”, ele soluçava, e desmaiou. Logo se recobrou, e ordenou:

“Que sejam despachados cavaleiros em todas as direções, e que tragam-me de volta meu filho!”

Nesse ínterim, Chandaka e o cavalo [Kanthaka](#) estavam retornando lentamente do eremitério. Quando se aproximaram da cidade, ambos baixaram a cabeça em desalento. Alguns cavaleiros avistaram-nos.

“É Chandaka! É Kanthaka!”, eles gritaram, e galoparam seus cavalos. Eles viram que Chandaka estava carregando as jóias do príncipe. Então indagaram, ansiosamente:

“O príncipe foi assassinado?”

“Não, não”, respondeu Chandaka rapidamente. “Ele confiou-me as suas jóias para que eu pudesse devolvê-las à sua família. Ele vestiu um robe de eremita, e entrou na floresta onde residem alguns homens sagrados.”

“Você pensa”, disse o cavaleiro, “que se fôssemos a ele, o persuadiríamos a retornar conosco?”

“Suas palavras serão fúteis. Ele está obstinado. Ele disse: ‘Não retornarei a [Kapilavastu](#) até que tenha conquistado a velhice e a morte’. E o que ele disse, ele o fará.”

A Vida do Buda

Chandaka acompanhou os cavaleiros até o palácio. O rei o chamou imediatamente.

“Meu filho! Meu filho! Para onde ele foi, Chandaka?”

O escudeiro disse-lhe o que o príncipe havia feito. O rei entristeceu, contudo ele não poderia deixar de admirar a grandeza do seu filho.

Gopa e **Mahaprajapati** entraram; elas tinham ouvido sobre o retorno de Chandaka. Elas indagaram-lhe e souberam da decisão soberana de Siddhartha.

“Oh você que foi minha alegria”, disse Gopa entre lágrimas, “você cuja voz era tão doce, você que possuía tanta força e graça, tanto conhecimento e tantas virtudes! Quando você me falava, pensava estar ouvindo alguma canção de amor, e quando me reclinava sobre você, inalava a fragrância de todas as flores. Agora estou tão longe de você, e choro. O que será de mim, agora, uma vez que ele se foi, ele que era meu guia? Conhecerei a pobreza, por ter perdido meu tesouro. Ele era meus olhos; não posso mais ver a luz; estou cega. Oh, quando ele retornará, ele que era a minha alegria?”

Mahaprajapati viu as jóias que Chandaka havia trazido de volta com ele. Ficou olhando para elas um longo tempo. Pôs-se a chorar. Então, pegando as jóias, deixou o palácio.

Ainda a chorar, ela caminhou pelos jardins até chegar a uma fonte. Novamente, ela olhou para as jóias, e em seguida jogou-as na água.

Kanthaka retornou aos estábulos. Os outros cavalos ficaram felizes com o seu retorno e relincharam de uma maneira amigável. Mas ele não os ouviu; ele não os viu. Estava muito triste. Relinchou angustiado por uma ou duas vezes e, de repente, caiu morto.

15. A Doutrina de Arata Kalama

10/10/2011 às 10:23

Siddhartha entrou no eremitério onde o sagrado **Arata Kalama** ensinava a doutrina da renúncia a um grande número de discípulos. Onde quer que ele (Siddhartha) aparecesse, todos o admiravam; onde quer que ele fosse, lá resplandecia uma luz maravilhosa. Os monges ouviam com alegria quando ele falava, pois que sua voz era doce e poderosa, e ele era persuasivo. Um dia, Arata Kalama disse-lhe:

“Você compreende a lei tão bem quanto a compreendo; tudo o que conheço, você conhece. A partir de agora, se desejar, compartilharemos o trabalho; ambos ensinaremos os discípulos.”

O herói perguntou-se: “A lei que Arata ensina é a verdadeira lei? Ela conduz à libertação?”

Ele pensou: “Arata e seus discípulos levam uma vida de grande austeridade. Eles recusam alimentos preparados pelos humanos; comem somente frutas, folhas e raízes; bebem somente água. Eles são mais abastêmios do que os pássaros que bicam as sementes, do que o cervo que mordisca a grama, do que as serpentes que inalam (inspiram) a brisa. Quando eles dormem, é sob um dossel de ramos; o calor do sol castiga-lhes; expõem seus corpos ao vento cortante; ferem seus pés e joelhos sobre os cascalhos da estrada. Para eles, a virtude vem somente com sofrimento. E pensam que são felizes, por acreditarem que ao praticar a perfeita austeridade, ganharão o direito de ascender ao céu! Sim, eles ascenderão ao céu! Mas a raça humana continuará a sofrer da velhice e da morte! Levar uma vida de austeridade e ser indiferente ao constante mal do nascimento e da morte é simplesmente acrescentar sofrimento ao sofrimento. Os humanos tremem na presença da morte, e ainda assim fazem tudo para renascer; assim, seguem mergulhando

A Vida do Buda

mais e mais fundo no abismo (cova) que eles tanto temem. Se mortificar a carne é um ato de piedade, então deve ser ímpio condescender com a sensualidade, no entanto, mortificações neste mundo são seguidas por gratificações no próximo (mundo), e assim a retribuição da piedade é a impiedade. Se, para ser santificado, é suficiente simplesmente ser abstinente, então os cervos seriam santos, e aqueles humanos que perderam a casta (rebaixados) também seriam santos, por uma má sorte ter tornado inatingível o prazer para eles. Mas, se dirá: é a intenção de sofrer que desenvolve a virtude religiosa. A intenção! Podemos pretender gratificar nossos sentidos tanto quanto podemos pretender sofrer, e se a intenção de gratificar nossos sentidos não vale nada, por que a intenção de sofrer teria qualquer valor?”

Assim ele ponderou no eremitério do Arata Kalama. Ele viu a fatuidade da doutrina que o mestre estava a ensinar, e disse-lhe:

“Não ensinarei sua doutrina, Arata. Quem a conhece não encontrará a libertação. Deixarei seu eremitério, e buscarei a regra à qual devemos nos submeter antes do que possamos fazer com o sofrimento.”

E o herói partiu para o país de [Magadha](#), e lá, solitário e absorvido em meditação, habitou a encosta de uma montanha, próximo à cidade de [Rajagriha](#).

16. Siddhartha e o Rei Bimbisara

A Aparição em Rajagriha

11/10/2011 às 7:48

A Vida do Buda

Certa manhã, o herói pegou a sua tigela de donativos e entrou na cidade de [Rajagriha](#). As pessoas que por ele passavam na estrada admiravam a sua beleza e o seu porte nobre. “O que é este homem?”, eles imaginavam. “Ele é como um Deus, como o Shakra ou Brahma em pessoa”. Dentro em pouco, estava sendo propalado que um ser maravilhoso estava vagando pela cidade, esmolando. Todos queriam ver o herói; seguiram-no, e as mulheres corriam para as janelas quando ele passava. Mas ele solenemente seguiu seu caminho, enquanto uma estranha luz apareceu sobre a cidade. Um homem correu para informar ao rei que um Deus, nada menos, estava esmolando nas ruas da cidade. O rei [Bimbisara](#) acorreu ao terraço do palácio; ele viu o herói. Seu esplendor deslumbrou-lhe. Ele enviou seus donativos, e deu ordens para que o seguissem, no sentido de descobrir o seu retiro (abrigo). Dessa forma, o rei soube que o magnífico pedinte vivia na encosta da montanha, próximo à cidade.



Prisão de Bimbisara, onde foi preso pelo filho Ajatashatru - Fonte: Wikipedia

A Vida do Buda

O Encontro com Bimbisara

17/10/2011 às 10:54

No dia seguinte, [Bimbisara](#) retirou-se da cidade e chegou à montanha. Ele deixou a sua carruagem e, completamente só, caminhou em direção à árvore em cuja sombra o herói estava sentado. O rei parou próximo à árvore e, mudo com admiração, reverentemente olhou pasmado para o mendigo.

Então, curvando-se humildemente, disse:

“Eu ví você e grande é a minha alegria! Não fique aqui neste lado solitário da montanha; não durma mais sobre o chão duro. Você é belo, resplandecente em juventude; venha para a cidade. Dar-lhe-ei um palácio, e todos os seus desejos serão satisfeitos.”

“Meu senhor”, respondeu o herói, numa voz gentil, “meu senhor, você pode viver muitos anos! Desejos nada significam para mim. Levo a vida de um eremita; conheço a paz.”

“Você é jovem”, disse o rei, “você é belo, é fogoso; seja rico. Você terá as mais belas donzelas do meu reinado para servi-lo. Não vá embora; fique e seja meu companheiro.”

“Eu renunciei grandes riquezas”, disse o herói.

“Dar-lhe-ei metade do meu reinado.”

“Renunciei ao mais belo dos reinados.”

“Aqui você poderá satisfazer todos os seus desejos.”

A Vida do Buda

“Conheço a fatuidade de todos os desejos. Desejos são como veneno; homens sábios desprezam-lhes. Eu os tenho descartado como se jogasse fora um punhado de palha seca. Desejos são tão efêmeros (transitórios) quanto o fruto em uma árvore, são tão instáveis quanto as nuvens no céu, são tão traiçoeiros quanto a chuva, são tão inconstantes quanto o vento! O sofrimento nasce do desejo, para que nenhum humano jamais satisfaça todos os seus desejos. Mas os que buscam a sabedoria, que ponderam a verdadeira fé, são os que encontram a paz. Quem bebe água salgada aumenta a sua sede; quem foge do desejo tem a sua sede aplacada. Não conheço mais o desejo. Eu busco a verdadeira lei.”

O rei disse:

“Grande é a sua sabedoria, oh mendigo! Qual é o seu país? Onde está seu pai? Onde está sua mãe? Qual é o seu castelo? Fale!”

“Você já ouviu falar da cidade de [Kapilavastu](#), oh rei? É uma cidade próspera. O rei, [Suddhodana](#), é meu pai. Deixei-o para vagar e esmolar.”

O rei respondeu:

“A boa sorte o assiste! Estou feliz agora que o vi. Entre a sua família e a minha há uma amizade de longa data. Tenha piedade de mim, e quando tiver alcançado a iluminação, digne-se a ensinar-me, oh mestre.”

Ele curvou-se três vezes, e então retornou a [Rajagriha](#).

O herói ouviu que próximo a Rajagriha vivia um famoso eremita chamado Rudraka, filho de Rama. Esse eremita tinha muitos discípulos, os quais ele instruiu na lei. O herói foi ouvir os seus ensinamentos, mas

A Vida do Buda

como [Arata Kalama](#), Rudraka nada sabia da verdadeira lei, e o herói não permaneceu.

Logo ele veio para as margens do Nairanjana. Cinco dos discípulos de Rudraka juntaram-se a ele, a saber: Kaundinya, Asvajit, Vashpa, Mahanaman e Bradrika.

17. Siddhartha Abandonado pelos seus Primeiros Discípulos

Os Alaúdes do Nairanjana

18/10/2011 às 7:54



Rio Nairanjana com o Templo Mahabodhi ao pôr do sol em Bodhgaya. [Click na imagem para site de origem.](#)

A Vida do Buda

As águas claras do Nairanjana fluíam através de uma terra rica e fértil. Pequenas aldeias dormitavam à sombra de árvores magníficas, e grandes prados estendiam-se na distância. O herói pensou: “Quão agradável é aqui; é um lugar convidativo para se meditar! Talvez, aqui, encontrarei o caminho para a sabedoria. Residirei aqui.”

Ele tornou-se profundamente absorto em contemplação. Estava tão entretido com seus pensamentos que parou a respiração e, certo dia, caiu desacordado. Os Deuses, que o estavam observando do céu, pensaram que ele estava morto, e gritaram:

“Está morto, esse filho dos [Shakyas](#)? Será que ele morreu e deixou o mundo por seu sofrimento?”

[Maya](#), a mãe do herói, vivia em meio aos Deuses. Ela ouviu seus gritos e clamores, e temeu pela vida do seu filho. Acompanhada por uma multidão de [Apsaras](#), ela desceu às margens do Nairanjana, e quando viu Siddhartha, tão rígido, tão inerte, ela chorou.

Ela disse: “Quando você nasceu no jardim, estava certa, oh meu filho, que você contemplaria a verdade. Depois, [Asita](#) profetizou que você libertaria o mundo. Mas eram mentirosas aquelas profecias. Você não ganhou fama por qualquer conquista real, você não atingiu a suprema sabedoria! Você morreu, deploravelmente e sozinho. Quem poderá lhe ajudar, oh meu filho? Quem trará você de volta à vida? Por dez luas carreguei você em meu útero, oh minha jóia, e agora só posso lamentar.”

Ela espalhou flores sobre o corpo do seu filho, ao que ele se mexeu e falou-lhe numa voz suave:

“Não tenha medo, mãe; seus esforços não foram em vão; Asita não lhe disse mentiras. Mesmo se a terra fosse transformada em pó, mesmo se

A Vida do Buda

a montanha Meru submergisse nas águas, mesmo se as estrelas caíssem como chuva sobre a terra, eu não morreria. Somente Eu, de todos os homens, sobreviveria à ruína do mundo! Não chore, mãe! Aproxima-se o tempo quando atingirei a suprema sabedoria.”

Maya sorriu ao ouvir as palavras do seu filho; ela curvou-se por três vezes, e então ascendeu ao céu, sob o som de alaúdes celestiais.

A Deserção dos Cinco Discípulos

19/10/2011 às 10:00

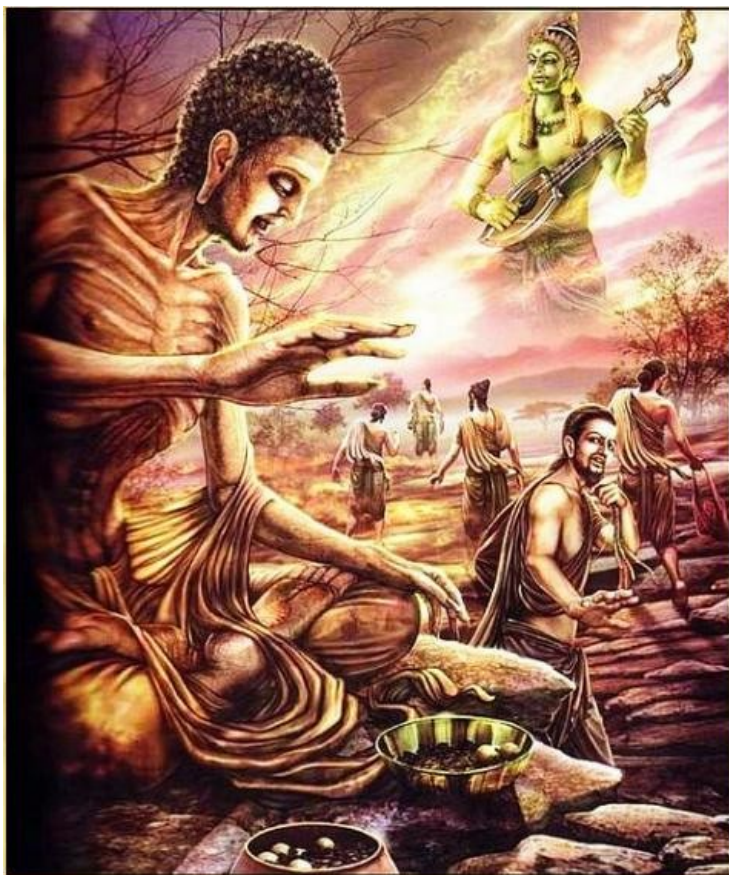
Por seis anos, o herói permaneceu às margens do rio e meditou. Ele nunca procurou abrigo do vento, do sol ou da chuva; permitiu moscas, mosquitos e serpentes picarem-lhe. Estava alheio aos meninos e meninas, aos pastores e lenhadores, que zombavam dele quando passavam e que às vezes atiravam-lhe pó ou lama. Jejuou severamente: uma fruta e alguns grãos de arroz ou gergelim compunham a sua alimentação. Tornou-se muito magro; seus ossos apareciam proeminentemente. Mas sob a sua testa magra, seus olhos dilatados brilhavam como estrelas.

E ainda assim a verdadeira sabedoria não lhe veio. Sentiu que estava tornando-se muito fraco, e percebeu que se ele definhasse, nunca alcançaria o objetivo que havia colocado para si. Então, ele decidiu alimentar-se melhor.

Havia uma aldeia chamada Uruvilva, próxima ao local onde Siddhartha permanecia longas horas em meditação. O líder dessa aldeia tinha dez filhas. Elas reverenciavam o herói, e traziam-lhe grãos e frutos (obtidos) por meio de donativos. Ele raramente tocava esses donativos, mas, certo dia, as meninas noticiaram que ele havia comido tudo o que elas lhe ofereceram. No dia seguinte, elas vieram com um grande prato

A Vida do Buda

repleto de arroz cozido, e ele o esvaziou. No dia seguinte, cada uma trouxe uma iguaria diferente, e o herói comeu-as todas. Ele começou a ganhar peso e, em breve, começou ir à aldeia esmolar sua comida. Os moradores competiam entre si na doação de esmolos e, logo, ele recuperou suas forças e sua beleza.



Por seis anos, o herói jejuou severamente às margens do rio Nairanjana, sem resultado. [Click na imagem para site de origem.](#)

A Vida do Buda

Mas os cinco discípulos que tinham se juntado a ele disseram um ao outro:

“Suas austeridades não lhes conduziram ao caminho da verdadeira sabedoria, e agora ele cessou de praticá-las. Ele toma alimentação abundante; procura o conforto. Ela não pensa mais em praticar ações sagradas. Como ele poderá, agora, atingir a verdadeira sabedoria? Considerávamos-lhe um homem sábio, mas estávamos enganados: ele é um insano e tolo.”

Eles abandonaram-lhe e foram para [Benares](#).

18. Siddhartha sob a Árvore da Sabedoria

A Árvore da Sabedoria

20/10/2011 às 9:20

As vestimentas do herói tornaram-se esfarrapadas nos seis anos que ele lhas havia vestido, e ele pensou: “seria bom se eu obtivesse algumas roupas novas; caso contrário, terei que seguir nu, o que seria indecente.”

Naquela ocasião, **Sujata**, a mais devota das dez jovens meninas que haviam trazido-lhe comida, tinha um escravo o qual acabara de morrer. Ela havia envolvido o corpo em uma mortalha feita de um material avermelhado e o tinha carregado para o cemitério. O escravo morto

A Vida do Buda

estava deitado no pó. O herói viu o corpo conforme passou; foi a ele e removeu a mortalha.

Estava muito empoeirada, e o herói não tinha água na qual pudesse lavá-la. Shakra (Devanan), do céu, viu sua perplexidade. Descendo à terra ele atingiu o chão, e um poço apareceu diante dos olhos do Santo.

“Deus”, disse ele, “aqui está a água, mas ainda necessito de sabão.”

Shakra fez uma pedra (de sabão) e a colocou na beira do poço.

“Homem da virtude”, disse o Deus, “dê-me a mortalha; eu a lavarei para você.”

“Não, não”, respondeu o Santo. “Conheço os deveres de um Monge; eu mesmo a lavarei.”

Quando ela estava limpa, ele se banhou. Ora, Mara, a Maldade, o tinha observado por algum tempo. Ele (Mara) elevou as margens do poço, fazendo-lhes muito íngremes (escarpadas). O Santo ficou impossibilitado de sair da água. Afortunadamente, havia uma árvore alta crescendo à beira do poço, e o Santo dirigiu uma oração à Deusa que vivia nela.

“Oh Deusa, pode um ramo dessa árvore curvar-se sobre mim?”

Um ramo imediatamente curvou-se sobre o poço. O Santo agarrou-lhe e içou-se para fora da água. Então ele foi e sentou-se sob a árvore, e começou a coser a mortalha e a fazer uma roupa nova para si.

A Vida do Buda

Os Cinco Sonhos

24/10/2011 às 10:02

A noite veio. Ele caiu no sono, e teve cinco sonhos

Primeiro, ele se viu deitado numa grande cama que compreendia toda a terra; sob sua cabeça, havia uma almofada que era o [Himalaya](#); sua mão direita repousava sobre o mar ocidental, sua mão esquerda sobre o mar oriental, e seus pés tocavam o mar do sul.

Então ele viu um junco saindo do seu umbigo, e o junco cresceu tão rápido que logo alcançou o céu.

Então ele viu vermes subindo suas pernas e cobrindo-lhe inteiramente.

Então ele viu pássaros voando em sua direção de todos os pontos do horizonte, e quando os pássaros se aproximaram de sua cabeça, eles pareciam ser de ouro.

Finalmente, ele se viu no sopé de uma montanha de sujeira e excrementos; ele escalou a montanha; alcançou o seu cume; desceu, e nem a sujeira nem os excrementos o haviam contaminado (maculado).

Ele despertou, e (a partir) desses sonhos ele soube que havia chegado o dia quando, tendo atingido a suprema sabedoria, ele tornar-se-ia um Buda.

Ele levantou e pôs-se a caminho da aldeia de Uruvilva, para esmolar.

A Vida do Buda

O Mingau de Sujata

25/10/2011 às 9:48

Sujata havia acabado de ordenhar oito vacas maravilhosas que ela possuía. O leite que elas davam era rico, oleoso e de delicado sabor. Ela adicionou mel e farinha de arroz ao leite, e então levou a mistura a cozinhar numa panela nova (limpa), em um fogão novo. Enormes bolhas começaram se formar e mantinham-se flutuando à direita, sem que o líquido subisse ou derramasse uma única gota. O fogão nem mesmo esfumaçava. Sujata ficou atônita, e disse a Purna, sua servente:

“Purna, os Deuses estão nos favorecendo hoje. Vá e veja se o homem sagrado está se aproximando da casa.”

Purna, da soleira da porta, viu o herói caminhando em direção à casa de Sujata. Ele estava emitindo uma luz brilhante, uma luz dourada. Purna ficou deslumbrada. Correu de volta para a sua senhora.

“Senhora, ele está vindo! Ele está vindo! E seus olhos serão cegados pelo seu esplendor!”

“Deixe-o vir! Oh, deixe-o vir!” gritou Sujata. “É para ele que preparei esse leite maravilhoso.”

Ela derramou o leite misturado com mel e farinha de arroz numa tigela de ouro, e aguardou o herói.

Ele entrou. A casa ficou iluminada pela sua presença. Sujata, para fazer-lhe honra, curvou-se sete vezes. Ele sentou-se. Sujata ajoelhou e banhou os seus pés em água suavemente aromatizada; e então ofereceu-lhe a tigela de ouro cheia de leite misturado com farinha de arroz e mel. Ele pensou:

A Vida do Buda



A jovem Sujata oferece-lh a última refeição de leite, farinha de arroz e mel na manhã da sua Iluminação.

“Os Budas do passado, diz-se, tinham suas últimas refeições servidas numa tigela de ouro, antes da consecução da suprema sabedoria. Uma vez que Sujata me oferece esse leite com mel numa tigela de ouro, chegou o tempo para tornar-me um Buda.

Então ele indagou à jovem menina:

“Irmã, o que devo fazer com essa tigela de ouro?”

“Ela pertence a você”, ela respondeu.

“Não tenho uso para tal tigela”, disse ele.

“Então faça o que lhe aprouver com ela”, disse Sujata. “Seria mesquinho da minha parte oferecer a comida e não oferecer a tigela.”

Ele se foi, carregando a tigela em suas mãos, e caminhou para as margens do rio. Banhou-se; e comeu. Quando a tigela estava vazia, ele a atirou na água, e disse:

“Se estou para tornar-me um Buda no dia de hoje, a tigela deve ir rio acima (contra a correnteza); se não, ela pode seguir a corrente.”

A Vida do Buda

A tigela flutuou até o meio do rio, e então rapidamente começou a subir o rio. Ela desapareceu num redemoinho, e o herói ouviu o som abafado quando ela pousou no mundo subterrâneo, em meio àquelas outras tigelas que os Budas pretéritos tinham esvaziado e atirado fora.

Sob Árvore da Sabedoria

26/10/2011 às 10:15

O herói passeou ao longo das margens do rio. A noite caiu lentamente. As flores exaustas fecharam suas pétalas; uma doce fragrância surgiu dos campos e jardins; e os pássaros timidamente ensaiavam seus cantos vespertinos.

Então, o herói caminhou em direção à árvore da sabedoria.

A estrada estava polvilhada com ouro em pó; palmeiras raras, cobertas de pedras preciosas, delineavam o caminho. Ele contornou a borda de um poço cujas águas abençoadas exalavam um perfume inebriante. Lótus brancos, amarelos, azuis e vermelhos espalharam suas imensas pétalas sobre a superfície, e o ar vibrava com os cantos límpidos dos cisnes. Próximo ao poço, sob as palmeiras, Apsaras dançavam, enquanto no céu os Deuses admiravam o herói.

Svastika

31/10/2011 às 8:35

Ele aproximou-se da árvore. À beira da estrada, ele viu **Svastika**, o ceifeiro.

A Vida do Buda



“Suástica” vem da palavra sânscrita “Svastika”, que significa o bem-estar ou a boa sorte.

“São tenras essas gramas que você está cortando, Svastika. Dê-me um punhado de grama; quero forrar o acento que ocuparei quando atingir a suprema sabedoria. São verdes essas gramas que você está cortando, Svastika. Dê-me um punhado de grama, e você conhecerá a lei algum dia, porque a ensinarei para você,

e você poderá ensiná-la aos outros.”

O ceifeiro deu ao Santo oito punhados de grama.

Lá estava a árvore da sabedoria. O herói caminhou para o leste dela e curvou-se sete vezes. Ele espalhou os punhados de grama no chão e, subitamente, um grande assento apareceu. A grama macia o cobria como um tapete.

O herói sentou-se, sua cabeça e ombros eretos, sua face voltada para o leste. Então ele disse numa voz solene:

“Mesmo que minha pele resseque, mesmo que minha mão definhe, mesmo que meus ossos se transformem em pó, até que eu atinja a suprema sabedoria, não me moverei deste assento.”

E ele cruzou suas pernas.

N.T. A palavra anglicizada é “Swastika”. Na minha interpretação, é uma foice que ceifa os desejos que vicejam nas oito direções, faz oito

A Vida do Buda

punhados e os utiliza para forrar o assento da iluminação. Quais são as oito direções? Elas são: inferno, fome, animalidade, ira, tranquilidade, alegria, erudição (Sravaka) e Absorção (Pratyekabuda); as quais correspondem às quatro direções principais e as quatro intermediárias. A nona direção é a do Bodhisattva, o Grande Veículo, no Nadir. E a décima é Buda, no Zenith. Essa roda gira. E, porque gira, cada uma das direções “abrange” todas as outras. Quando gira? Quando se busca a virtude.

Marcos Ubirajara.

em 28/10/2011

19. A Derrota de Mara

A Apreensão de Mara

01/11/2011 às 10:25

A luz que emanava do corpo do herói penetrou mesmo aqueles domínios onde Mara, o Demônio, reinava supremo. Essa luz deslumbrou Mara, e ele parecia ouvir uma voz dizendo:

“O herói que renunciou à realeza, o filho de [Suddhodana](#), está agora sentado sob a árvore da sabedoria. Ele está concentrando a sua mente, está fazendo o esforço supremo, e logo ele concederá a todas as criaturas a ajuda de que eles necessitam. A estrada que ele tomará, outros tomarão. Uma vez liberto, ele libertará outros. Uma vez que tenha encontrado a paz, ele trará a paz aos outros. Ele entrará no **Nirvana**, e fará com que outros adentrem. Ele encontrará sabedoria e felicidade, e as concederá aos outros. Por causa dele, a cidade dos Deuses será abarrotada; por causa dele, a cidade do Demônio será

A Vida do Buda

abandonada. E você, Mara, um comandante sem exército, um rei sem súditos, não saberá onde tomar refúgio.”

Mara ficou cheio de apreensão. Procurou dormir, mas seu sono foi perturbado por sonhos terríveis. Ele acordou e chamou os seus servos e seus soldados. Quando eles viram-no, ficaram alarmados, e Sarthavaha, um dos seus filhos, disse-lhe:

“Pai, você está pálido e parece infeliz; seu coração palpita e seus lábios tremem. O que você ouviu? O que você viu? Fale!”

“Filho”, respondeu Mara, “os dias da minha soberba terminaram. Ouvi uma voz clamando na luz, a qual disse-me que o filho dos [Shakyas](#) sentou-se sob a árvore da sabedoria. E eu tive sonhos horríveis. Uma nuvem negra de poeira assentou sobre o meu palácio. Meus jardins ficaram desnudos de folhas, de flores e de frutos. Meus lagos secaram, e meus cisnes e pavões tiveram suas asas cortadas. E eu me senti só, em meio à desolação. Todos vocês me abandonaram. Minha rainha estava batendo em seu peito e arrancando seus cabelos, como se assombrada pelo remorso. Minhas filhas estavam chorando de angústia, e você, meu filho, estava curvando-se perante esse homem que meditava sob a árvore da sabedoria! Eu queria lutar com o meu inimigo, mas eu não conseguia tirar a minha espada da bainha. Todos os meus súditos fugiram aterrorizados. Uma escuridão impenetrável abateu-se sobre mim, e ouvi meu palácio cair ao chão.”

Sathavaha disse:

“Pai, é desalentador perder uma batalha. Se você viu esses presságios, aguarde sua vez, e não corra o risco de ser derrotado ingloriamente.”

A Vida do Buda

A Reação de Mara

02/11/2011 às 8:18

Mas Mara, em vista das legiões que o cercavam, recobrou a sua coragem. Ele disse ao seu filho:

“Para um homem forte, uma batalha pode somente terminar em vitória. Somos bravos; certamente venceremos. Que força esse homem pode ter? Ele está sozinho. Avançarei contra ele com um numeroso exército, e vou derrubá-lo ao pé da árvore.”

“Meros números não constituem o poder de um exército”, disse Sarthavaha, “o sol pode ofuscar uma miríade de vaga-lumes. Se a sabedoria é a fonte do seu poder, um único herói pode derrotar incontáveis soldados.”

Mas Mara não prestou atenção. Ordenou ao seu exército avançar de uma vez, e Sarthavaha pensou:

“Aquele que é insano com orgulho nunca se recuperará.”

O exército de Mara era uma visão temerosa. Armado com lanças, flechas e espadas; muitos carregavam enormes machados de guerra e pesados porretes. Os soldados eram pretos, azuis, amarelos, vermelhos, e suas faces eram aterrorizantes. Seus olhos eram (como) chamas cruéis; suas bocas vomitavam sangue. Alguns tinham as orelhas de bode, outros as orelhas de porco ou de elefante. Muitos tinham corpos semelhantes a um jarro. Um tinha as patas de um tigre, a corcova de um camelo e a cabeça de um burro; um outro tinha a juba de um leão, o chifre de um rinoceronte e a cauda de um macaco. Havia muitos com duas, quatro e cinco cabeças, e outros com dez, doze e vinte braços. Em lugar dos ornamentos, eles usavam mandíbulas, crânios e dedos

A Vida do Buda

humanos secos. E balançando suas cabeças peludas, eles avançaram com risadas histéricas e gritos selvagens:

“Eu posso atirar uma centena de flechas de uma só vez; vou agarrar o corpo do monge”. “Minhas mãos podem esmagar o sol, a lua e as estrelas; quão mais fácil será esmagar esse homem e sua árvore”. “Meus olhos estão cheios de veneno (fúria); eles secariam o mar; olharei para ele e queimará até se transformar em cinzas.”

Sarthavaha, o filho de Mara

03/11/2011 às 7:32

Sarthavaha conteve-se. Alguns poucos amigos se reuniram em torno dele, aos quais disse:

“Tolos! Pensam que ele é louco porque medita; pensam que é covarde porque é calmo. Vocês que são loucos, vocês que são covardes. Vocês não conhecem o seu poder; devido à sua grande sabedoria, ele derrotará todos vocês. Mesmo que vocês fossem em número tão incontável quanto os grãos de areia das margens do [Ganges](#), não perturbariam um único fio de cabelo da sua cabeça. E acreditam que podem matá-lo! Oh, voltem! Não tentem feri-lo; curvem-se diante dele em reverência. Seu reinado chegou. Os chacais uivam na floresta quando o leão está longe, mas quando o leão rugir, os chacais correm de terror. Tolos, tolos! Vocês gritam com orgulho enquanto o mestre está em silêncio, mas quando o leão falar, vocês se verão pelos calcanhares.”

O exército (de Mara) ouviu com desprezo essas palavras de sabedoria ditas por Sathavaha e seus amigos. E continuou a avançar.

A Vida do Buda

As Entranhas do Exército de Mara

07/11/2011 às 10:19

Antes de atacar o herói, Mara tentou assustá-lo. Ele evocou contra o herói a fúria dos ventos. Ferozes vendavais sopraram do horizonte em sua direção, arrancando árvores, devastando aldeias, estremecendo montanhas, mas o herói jamais se moveu; nem uma simples prega do seu robe foi perturbada.

O Demônio evocou as chuvas. Elas caíram com grande violência, submergindo cidades e cavando a superfície da terra, mas o herói jamais se moveu; nem um simples pedaço do seu robe ficou molhado.

O Demônio fez rochas incandescentes e atirou-as no herói. Elas cruzaram rápido o ar mas se transformaram quando chegaram próximas à árvore, e caíram, não como rochas, mas como flores.

Mara então ordenou seu exército a atirar suas flechas em seu inimigo, mas as flechas, também, transformaram-se em flores. O exército correu para o herói, mas a luz que ele emanava agiu como uma blindagem para protegê-lo; as espadas tilintavam, machados de guerra foram amassados pela blindagem, e onde quer que uma arma caísse ao chão, esta também transformava-se em flor.

E, subitamente, cheios de terror em vista desses prodígios, os soldados do Demônio bateram em retirada.

E Mara contorceu suas mãos em agústia, e gritou:

“O que fiz para que esse homem me derrotasse? Pois eles não são poucos, ***aqueles cujos desejos tenho concedido!*** Tenho sido

A Vida do Buda

frequentemente gentil e generoso! Aqueles covardes que estão fugindo poderiam testemunhar isto.”

As tropas que ainda estavam na audiência responderam:

“Sim, você tem sido gentil e generoso. Daremos testemunho disto.”

“E ele, que prova tem dado da sua generosidade?” continuou Mara. “Que sacrifícios ele tem feito? Quem dará testemunho da sua bondade?”

O Testemunho da Terra

08/11/2011 às 10:06

Momento em que uma voz emergiu da terra, e disse:

“Eu darei testemunho da sua generosidade”.

Mara ficou mudo de espanto. A voz continuou:

“Sim, Eu, a Terra; Eu, a mãe de todos os seres, darei testemunho da sua generosidade. Uma centena de vezes, um milhar de vezes! No decorrer das suas existências prévias, suas mãos, seus olhos, sua cabeça, seu corpo inteiro têm estado a serviço dos outros. E no decorrer dessa existência, que será a última, ele destruirá a velhice, a doença e a morte. Como ele o supera em força, Mara, assim também ele o supera em generosidade.”

E o Demônio viu uma mulher de grande beleza emergir da terra, até sua cintura. Ela curvou-se diante do herói, e juntando suas mãos, disse: “Oh mais sagrado dos humanos, Eu dou testemunho da sua generosidade.”

A Vida do Buda

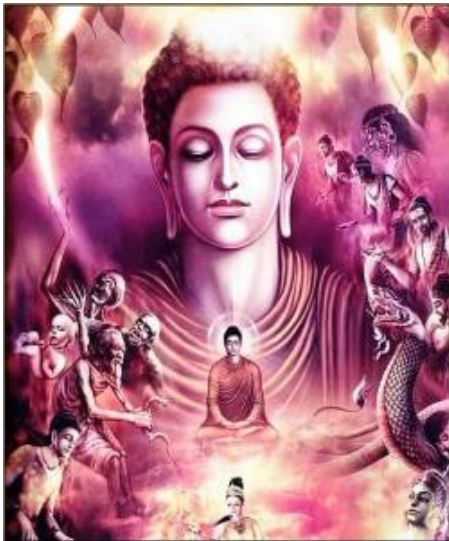
Então, ela desapareceu.

E Mara, o Demônio, chorou porque foi derrotado.

20. Siddhartha Tornou-se o Buda

E o Herói se tornou o Buda

09/11/2011 às 9:50



O Herói chega ao conhecimento de tudo o que havia acontecido nas existências anteriores. [Click na imagem para site de origem.](#)

as viu passar através dos ciclos de existências, à mercê de suas ações. E o herói pensou:

Ao entardecer o exército do Demônio havia fugido. Nada havia perturbado a meditação do herói e, na primeira vigília da noite, ele chegou ao conhecimento de tudo o que havia acontecido nas existências anteriores. Na segunda vigília, ele aprendeu o estado atual de todos os seres. Na terceira, ele compreendeu a cadeia de causas e efeitos.

Agora ele via claramente todas as criaturas nascendo continuamente e, seja de alta ou de baixa casta, no caminho da virtude ou da maldade, ele

A Vida do Buda

“Quão miserável é este mundo que nasce, envelhece e morre; e então renasce apenas para envelhecer e morrer novamente! E os homens não sabem como escapar!”

E em profunda meditação, ele disse para si:

“Qual é a causa da velhice e da morte? Há velhice e morte porque há nascimento. A velhice e a morte são devidas ao nascimento. Qual é a causa do nascimento? Há nascimento porque há existência. O nascimento é devido à existência. Qual é a causa da existência? Há existência porque há laços (apego). A existência é devida aos laços. Qual é a causa dos laços? Há laços porque há desejo. Os laços são devidos ao desejo. Qual é a causa do desejo? Há desejo porque há sensação. O desejo é devido à sensação. Qual é a causa da sensação? Há sensação porque há contato. A sensação é devida ao contato. Qual é a causa do contato? Há contato porque há os seis sentidos. O contato é devido aos seis sentidos. Qual é a causa dos seis sentidos? Há os seis sentidos porque há nome e forma. Os seis sentidos são devidos ao nome e à forma. Qual é causa do nome e da forma? Há nome e forma porque há percepção. Nome e forma são devidos à percepção. Qual é a causa da percepção? Há percepção porque há impressão (imagem). A percepção é devida à impressão. Qual é a causa da impressão? Há impressão porque há ignorância. A impressão é devida à ignorância.”

E ele pensou:

“Assim, a ignorância está na raiz da morte, da velhice, do sofrimento, da aflição. Suprimir a ignorância é suprimir a impressão (imagem). Suprimir a impressão é suprimir a percepção. Suprimir a percepção é suprimir o nome e a forma. Suprimir o nome e a forma é suprimir os seis sentidos. Suprimir os seis sentidos é suprimir o contato. Suprimir o contato é suprimir a sensação. Suprimir a sensação é suprimir o desejo. Suprimir o desejo é suprimir os laços (apego). Suprimir os laços é suprimir a

A Vida do Buda

existência. Suprimir a existência é suprimir o nascimento. Suprimir o nascimento é suprimir a velhice e a morte. Existir é sofrer. O desejo conduz do nascimento ao renascimento, do sofrimento à mais sofrimento. Ao sufocar o desejo, impedimos o nascimento, impedimos o sofrimento. Ao levar uma vida de santidade, o desejo é sufocado, e deixamos de suportar nascimento e sofrimento.”

Quando a aurora surgiu, esse mais nobre dos humanos era um **Buda**. Ele exclamou:

“Tive inúmeros nascimentos. Em vão Eu procurei o construtor da casa. Oh, o tormento do renascimento perpétuo! Mas Eu o vi afinal, oh construtor da casa. Você já não constrói a casa. As vigas estão quebradas; as velhas paredes estão ruindo. A velha montanha desmorona; a mente atinge o Nirvana; o nascimento não é mais por desejo, não mais.”

A terra sacudiu doze vezes; o mundo ficou como uma grande flor. Os Deuses cantaram:

“Ele chegou, aquele que traz luz para o mundo; ele chegou, aquele que protege o mundo! Por longo tempo fechados, os olhos do mundo foram abertos, e olhos do mundo estão deslumbrados pela luz.

Oh conquistador, você concederá a todos os seres ‘aquilo que jamais tiveram antes’. Guiados pela sublime luz da lei, todas as criaturas alcançarão as margens da libertação. Você detém a lâmpada; vá agora e disperse a escuridão!”

A Vida do Buda

A Vida do Buda

PARTE DOIS

A Vida do Buda

1. Trapusha e Bhallika

As Filhas de Mara

10/11/2011 às 10:04

O Buda nunca se moveu. Ele permaneceu sob a árvore, com suas pernas cruzadas. Estava repleto de bem-aventurança ao ter alcançado a perfeita sabedoria. Ele pensou: “Eu encontrei a libertação”. Por sete dias, ele permaneceu sob a árvore da sabedoria, sem mover-se.

Na segunda semana, ele empreendeu uma longa jornada; ele viajou por todos os mundos.

Na terceira semana, ele novamente permaneceu sob a árvore da sabedoria, e nunca piscou os olhos.

Na quarta semana, ele empreendeu uma viagem curta, do mar do leste ao mar do oeste.

Foi então que Mara, cuja derrota o havia deixado inconsolável, foi ao Buda e falou essas más palavras:

“Bem-Aventurado, por que você permanece, você que conhece o caminho para a libertação? Apague a lâmpada, extinga a chama; entre no Nirvana, oh Bem-Aventurado; chegou a hora.”

Mas o Bem-Aventurado respondeu:

“Não, Mara, Eu não extinguirei a chama, Eu não entrarei no Nirvana. Devo primeiro conquistar muitos discípulos, e eles, por sua vez, devem ganhar outros sob a minha lei. Através da palavra e através da ação Eu

A Vida do Buda

devo silenciar meus adversários. Não, Mara, Eu não entrarei no Nirvana até que o Buda seja glorificado em todo o mundo, até que sua lei benéfica seja reconhecida.”

Mara o deixou. Ficou cabisbaixo, e parecia ouvir vozes divinas zombando dele.

“Você foi derrotado, Mara”, estavam dizendo, “e você permanece envolto em pensamento, como uma velha garça-real. Você é impotente, Mara, como um velho elefante atolado num pântano. Pensou que era um herói, e está mais fraco que um homem doente abandonado na floresta. De que adiantaram suas palavras insolentes? Elas foram tão fúteis quanto o murmúrio dos corvos.”

Ele pegou um pedaço de madeira morta, e começou a desenhar figuras na areia. Suas três filhas, Rati, Arati e Trishna, viram-lhe. Elas ficaram abatidas ao ver a sua aflição.

“Pai, por que você está tão melancólico?”, indagou Rati.

“Fui derrotado por um homem santo”, respondeu Mara. “Ele é prova contra a minha força e a minha astúcia”.

“Pai”, disse Trishna, “nós somos belas; temos modos sedutores”.

“Iremos a esse homem”, continuou Arati; “o prenderemos com os grilhões do amor, e o traremos para você, humilhado e acovardado.”

Elas foram ao Buda, e cantaram:

A Vida do Buda



As três filhas de Mara: Rati, Arati e Trishna. [Click na imagem para site de origem.](#)

“Eis a primavera, amigo, a mais linda das estações. As árvores estão em floração; devemos estar felizes. Seus olhos são belos, brilham com uma luz adorável, e você carrega as marcas da onipresença. Olhe-nos: somos feitas para dar prazer e felicidade tanto aos humanos quanto aos Deuses. Levante e junte-se a nós, amigo; aproveite o máximo da sua juventude brilhante; afaste todos os pensamentos sérios da sua mente. Veja nossos cabelos, veja quão sedosos são; as flores emprestam a sua fragrância para a sua sedosidade. Veja nossos olhos, nos quais repousa

a doçura do amor. Veja nossos lábios calorosos, como a fruta amadurecida no sol. Veja nossos seios rijos e bem torneados. Deslizamos com a graça majestosa dos cisnes; sabemos canções que encantam e apazem, e quando dançamos, os corações palpitam e os pulsos latejam. Venha, amigo, não nos despreze; somente um tolo, de fato, jogaria fora um tesouro. Olhe-nos, prezado Senhor; somos suas escravas.”

Mas o Bem-Aventurado permaneceu imóvel ante a música. Ele franziu a testa para as jovens donzelas, e elas se transformaram em bruxas.

Em desespero, elas retornaram ao seu pai. “Pai”, gritou Rati, “veja o que ele fez com a nossa juventude e nossa beleza.”

A Vida do Buda

“O amor nunca o ferirá”, disse Trishna, “ele foi capaz de resistir nossos encantos.”

“Oh”, suspirou Arati, “quão cruelmente ele nos puniu.”

“Pai”, implorou Trishna, “cure-nos desta horrível velhice.”

“Devolva-nos nossa juventude”, gritou Rati.

“Devolva-nos nossa beleza”, implorou Arati.

“Minhas pobres filhas”, respondeu Mara, “compadeço-me de vocês. Sim, ele derrotou o amor; ele está para além do meu poder, e estou triste. Vocês suplicam-me para devolver-lhes a juventude e a beleza, mas como eu poderia? Somente o Buda poderá desfazer o que o Buda fez. Voltem a ele; admitam que vocês foram culpadas; digam-lhe que estão arrependidas, e talvez ele devolva seus encantos.”

Elas imploraram ao Buda.

“Abençoado”, disseram, “perdoai nossas ofensas. Nossos olhos estavam cegos para a luz, e fomos tolas. Perdoai-nos!”

“Sim, vocês foram tolas”, respondeu o Bem-Aventurado; “vocês tentaram destruir uma montanha com suas unhas, vocês tentaram morder ferro com seus dentes. Mas vocês reconhecem a sua ofensa; o que já é um sinal de sabedoria. Oh donzelas, Eu perdôo-lhes.”

E as três filhas do Maligno deixaram a sua presença, mais belas do que antes.

A Vida do Buda

Mucilinda

17/11/2011 às 7:27



A Naga-Rei Mucilinda protege o Buda.
Click na imagem para site de origem.

A quinta semana o Bem-Aventurado permaneceu sob a árvore. Mas, subitamente, lá soprou um vento implacável, e uma chuva fria caiu. Então Mucilinda, a serpente-rei, disse para si: “O Bem-Aventurado não deve sofrer com a chuva ou com o frio”. Ela deixou seu lar. Sete vezes ela enrolou-se em torno do Buda, e abriu o seu capelo sobre a cabeça do Buda para protegê-lo. Assim o Buda nada sofreu durante esse período de mau tempo.

Trapusha e Bhallika

18/11/2011 às 8:30

A sexta semana ele foi à uma figueira onde pastores costumavam reunir-se. Lá, alguns Deuses esperavam-no, e curvaram-se humildemente conforme ele se aproximou. Ele disse:

“A mansidão é doce para quem conhece a lei; a bondade é doce para quem pode ver; a mansidão é doce para todas as criaturas; a bondade é doce para todas as criaturas. Bem-Aventurado é aquele que não tem

A Vida do Buda

desejo no mundo; Bem-Aventurado é aquele que conquistou o pecado; Bem-Aventurado é aquele que escapou da tortura dos sentidos; Bem-Aventurado é aquele que não mais anseia pela existência!”

A sétima semana ele permaneceu sob a árvore da sabedoria.

Dois irmãos, Trapusha e Bhallika, estavam retornando para os países do norte. Eles eram mercadores e tinham quinhentas carroças em seu comboio. Conforme eles se aproximaram da árvore, as carroças pararam. Inutilmente os condutores tentavam encorajar ou incitar os animais que as puxavam; eles não podiam avançar um passo sequer. As rodas continuaram a afundar na lama até os cubos. Trapusha e Bhallika ficaram alarmados, mas um Deus que apareceu tranqüilizou-lhes e disse:

“Caminhem um pouco, oh mercadores, e encontrarão alguém a quem vocês devem prestar homenagem.”

Trapusha e Bhallika viram o Bem-Aventurado. Sua face estava radiante.

“É o Deus de algum rio, ou é o Deus da Montanha”? eles imaginaram. “Seria ele Brahma em pessoa”?

Mas ao olhar as suas vestes, eles pensaram:

“Ele deve ser algum Monge. Quem sabe gostaria de algo para comer.”

Trapusha e Bhallika foram até a carroça que carregava as provisões. Encontraram tabletes de farinha com mel, e trouxeram-nos ao Buda.

“Pegue-os, homem santo”, disseram, oferecendo-lhe os tabletes, “pegue-os e tenha misericórdia de nós.”

A Vida do Buda

O Bem-Aventurado não tinha uma tigela na qual receber esmolas. Não sabia o que fazer. Os Deuses, que a tudo assistiam dos quatro cantos da terra, viram a sua perplexidade, e rapidamente trouxeram-lhe tigelas feitas de ouro. Mas o Bem-Aventurado disse para si:

“Na verdade, seria impróprio para um Monge receber esmolas numa tigela de ouro.”

E ele recusou as tigelas de ouro. Os Deuses então trouxeram-lhe tigelas de prata, as quais ele também recusou. Ele igualmente recusou tigelas de esmeralda, e aceitaria apenas tigelas feitas de pedra.

Ele então recebeu os tabletes que os mercadores lhes ofereceram. Quando terminou a refeição, ele disse:

“A bênção dos Deuses estará com vocês, mercadores! Prosperem e sejam felizes!”

Trapusha e Bhallika curvaram-se, e ouviram um Deus dizer-lhes:

“Aquele que está diante de vocês atingiu a suprema sabedoria. Esta foi a sua primeira refeição desde que ele encontrou o caminho para a libertação, e a vocês coube a honra de oferecê-la a ele. Ele agora irá através do mundo e ensinará a verdadeira lei”.

Trapusha e Bhallika regozijaram, e tornaram-se os primeiros a professar sua fé no Buda, e na lei.

2. O Buda está Preparado para Pregar a Doutrina

A Súplica de Brahma

21/11/2011 às 8:22

O Buda começou a imaginar como ele propagaria o conhecimento. Ele disse para si:

“Descobri uma profunda verdade. Foi difícil perceber; será difícil entender; somente o sábio a compreenderá. Num mundo conturbado, onde humanos levam uma vida agitada, todavia gostam de viver num mundo cheio de confusão. Como então poderão entender a cadeia das causas e efeitos? Como poderão entender a lei? Eles nunca serão capazes de reprimir seus desejos; nunca romperão com os prazeres mundanos; nunca adentrarão o Nirvana. Se eu pregar a doutrina, não serei compreendido. Talvez ninguém sequer me ouça. Qual é o objetivo de revelar para os humanos a verdade que tive que lutar para conquistar? A verdade permanece oculta para aqueles dominados pelo desejo e pelo ódio. A verdade é difícil de encontrar; permanece sempre como um mistério. A mente vulgar nunca a captará. Nunca conhecerá a verdade aquele cuja mente está perdida na escuridão, e que está presa aos desejos mundanos.”

E, assim, o Bem-Aventurado não estava inclinado a pregar a doutrina.

Então [Brahma](#), pela virtude de sua suprema inteligência, sabia das dúvidas que afligiam o Bem-Aventurado. Ficou assustado. “O mundo estará perdido”, disse para si, “o mundo estará desfeito, se o Perfeito, o Sagrado, o Buda, ficar indiferente agora, se ele não for entre os humanos para pregar a doutrina e propagar a sabedoria.”

A Vida do Buda



Escultura de Brahma no templo em Halebidu. Imagem via Wikipedia

E ele deixou o céu. Ele levou menos tempo para chegar à terra do que leva um homem forte para dobrar ou esticar seu braço, e apareceu diante do Bem-Aventurado. Para demonstrar a sua profunda reverência, ele descobriu um ombro, então ajoelhou-se, juntou as palmas das mãos erguidas para o Bem-Aventurado, e disse:

“Digne-se a ensinar o conhecimento, oh Mestre, condescenda a ensinar o conhecimento, oh Bem-Aventurado. Há humanos de grande pureza no mundo, pessoas a quem nenhuma impureza contaminou, mas, se não forem instruídos na sabedoria, como encontrarão a

salvação? Tais pessoas devem ser salvas; oh, salve-os! Eles ouvirão a você; serão seus discípulos.”

Assim falou Brahma. O Bem-Aventurado permaneceu em silêncio. Brahma continuou:

“Até agora uma lei maligna prevaleceu no mundo. Ela levou os humanos ao pecado. Cabe a você destruí-la. Oh Homem de Sabedoria,

A Vida do Buda

abra para nós os portões da eternidade; diga-nos o que você encontrou, oh Redentor! Você é aquele que subiu a montanha, encontra-se no seu cume rochoso, e contempla a humanidade de longe. Tenha piedade, oh Redentor; pense nas pessoas infelizes que sofrem a angústia do nascimento e da velhice. Vá, herói conquistador, vá! Viaje através do mundo, seja a luz e o guia. Fale, ensine; haverá muitos para entender a sua palavra.”

E o Bem-Aventurado respondeu:

“Profunda é a lei que estabeleci; é sutil e difícil de compreender; está para além da razão comum. O mundo irá zombar dela; somente alguns poucos homens sábios talvez alcancem o significado e decidam aceitá-la. Se eu me propuser, se eu falar e não for compreendido, corro o risco de uma derrota vergonhosa. Permanecerei aqui, Brahma; os humanos são o brinquedo da ignorância.”

Mas Brahma falou novamente:

“Você atingiu a sublime sabedoria; os raios da sua luz chegam até o espaço, mesmo assim você está indiferente, oh Sol! Não, tal conduta é indigna de você; seu silêncio é repreensível; você deve falar. Levante-se! Bata os tambores, soe o gongo! Deixe a lei fulgar como uma tocha acesa, ou como uma chuva refrescante, deixe-a cair sobre a terra ressequida. Liberte aqueles atormentados pela maldade; leve paz àqueles consumidos pelo fogo do vício! Você, que é como uma estrela em meio aos homens, apenas você pode destruir o nascimento e a morte. Veja, prostro-me aos seus pés e lhe imploro, em nome de todos os Deuses!”

Então o Bem-Aventurado pensou:

A Vida do Buda



Foto de Marcos Ubirajara em 02/12/2007. Local: Sítio da Dôra.

“Em meio aos lótus azuis e brancos que florescem num lago, há alguns que ficam sob a água, outros que sobem à superfície, e ainda outros que crescem tanto que suas pétalas sequer são molhadas. E no mundo eu vejo homens bons e homens maus; alguns têm mentes aguçadas e outros são estúpidos; alguns são nobres, outros ignóbeis; alguns

me compreenderão, outros não; mas sentirei piedade de todos eles. Considerarei o lótus que se abre sob a água tão bom quanto o lótus que exhibe sua grande beleza.”

E ele disse a Brahma:

“Que os portões da eternidade sejam abertos para todos! Que os que têm ouvidos ouçam a palavra e creiam! Eu estava pensando no esforço que se reserva a mim, e temendo o cansaço que viria para nada, mas a minha piedade sobrepuja essas considerações. Levantar-me-ei, oh Brahma, e pregarei a lei para todas as criaturas.”

3. O Buda Parte para Benares

A Quem Ensinar?

22/11/2011 às 8:12

O Bem-Aventurado indagou quem era digno de ser o primeiro a ouvir a palavra da salvação. “Onde há um homem de virtude, inteligência e

A Vida do Buda

energia, a quem eu possa ensinar a lei?”, ele se perguntou. “Seu coração deve ser isento (inocente) de ódio, sua mente deve ser tranquila, e ele não deve reter o conhecimento para si como se fosse algum segredo obscuro.”

Ele pensou em Rudraka, filho de Rama. Lembrou que ele (Rudraka) era livre de ódio e procurava levar uma vida de virtude, e que ele não era o tipo de homem que faria do conhecimento um segredo. Ele decidiu ensinar-lhe a lei, e essa questão surgiu em sua mente: “Onde está Rudraka agora?” Então ele descobriu que Rudraka, filho de Rama, estava morto havia sete dias, e ele disse:

“É uma grande pena que Rudraka, filho de Rama, tenha morrido sem ouvir a lei. Ele a teria compreendido, e ele, por sua vez, poderia tê-la ensinado.”

Ele pensou em [Arata Kalama](#). Lembrou do seu intelecto claro e sua vida virtuosa, e decidiu que Arata Kalama ficaria feliz em propagar o conhecimento. E essa questão surgiu em sua mente: “Onde está Arata Kalama agora?” Então ele descobriu que Arata Kalama estava morto havia três dias, e ele disse:

“Arata Kalama morreu sem ouvir a lei; grande é a perda de Arata Kalama.”

Ele pensou novamente, e lembrou dos cinco discípulos de Rudraka que certa vez juntaram-se a ele. Eles eram virtuosos; eles eram vigorosos; eles certamente compreenderiam a lei. O Bem-Aventurado sabia, em virtude da sua inteligência, que os cinco discípulos de Rudraka estavam vivendo no Parque do Cervo em [Benares](#). Assim, ele partiu para Benares.

A Vida do Buda

A Caminho de Benares

23/11/2011 às 9:54

No Monte Gaya ele encontrou um monge chamado Upaka. À vista do Bem-Aventurado, Upaka soltou um grito de admiração.

“Quão maravilhoso é você!”, ele exclamou. “Sua face está radiante. Uma fruta amadurecida no sol tem menos esplendor. Vossa beleza é de um (dia) claro (de) outono. Meu senhor, posso indagar-lhe quem foi seu mestre?”

“Eu não tenho mestre”, respondeu o Bem-Aventurado. “Não há alguém como eu. Sou um sábio solitário, tranquilo, incorruptível.”

“Que grande mestre você deve ser!”, disse Upaka.

“Sim, eu sou o único mestre neste mundo; ninguém igual a mim pode ser encontrado na terra ou no céu.”

“Para onde vai?”, perguntou Upaka.

“Estou a caminho de [Benares](#)”, disse o Bem-Aventurado, “E lá eu acenderei a lâmpada que trará luz ao mundo, uma luz que irá deslumbrar até os olhos do cego. Estou a caminho de Benares, e lá soarei os tambores que despertarão a raça humana, os tambores que ressoarão até mesmo nos ouvidos do surdo. Estou a caminho de Benares, e lá ensinarei a lei.”

Ele continuou em seu caminho, e veio para as margens do Ganges. O rio estava em cheia, e o Bem-Aventurado procurou por um barqueiro para atravessá-lo. Ele encontrou um, a quem disse:

A Vida do Buda



Varanasi, também conhecida como Benares

“Amigo, você me levaria em travessia do rio?”

“Certamente”, respondeu o barqueiro, “mas primeiro me pague pela viagem”.

“Não tenho dinheiro”, disse o Bem-Aventurado.

E voou através do ar para a margem oposta.

O barqueiro ficou com o coração partido. Gritou: “Não o atravessei o rio, ele que era um homem santo! Oh, ai de mim!” E rolou no chão em sua grande aflição.

4. O Buda Encontra Seus ex-Discípulos

O Buda Supremo Encontra os ex-Discípulos

24/11/2011 às 9:18

O Bem-Aventurado entrou na grande cidade de **Benares**. Ele perambulou pelas ruas, pedindo por esmolas; comeu o alimento que a ele foi oferecido, e então foi para o Parque do Cervo onde ele sabia que encontraria os ex-discípulos de Rudraka.

Os cinco discípulos viram-no à distância. Eles pensaram que o reconheciam, e disseram um ao outro:

“Não conhecemos esse homem, caminhando em nossa direção? Não é aquele que, anteriormente, se utilizou das austeridades para nos impressionar, e que, um dia, revoltou-se com a severidade da auto-disciplina que ele havia imposto? Se suas mortificações não lhe mostraram o caminho para a suprema sabedoria, então como podem suas idéias trazerem algum proveito para nós agora que ele está seduzido pela ganância e covardia? Não vamos ao seu encontro, ou levantar-nos quando ele se aproximar; não vamos aliviá-lo do seu manto ou de sua tigela de donativos; não vamos sequer oferecer-lhe um assento. Nós lhe diremos: ‘todos os assentos aqui estão tomados’. E não lhe daremos nada para comer ou beber.”

Assim eles decidiram. Mas o Bem-Aventurado veio se aproximando, e quanto mais próximo chegava, mais desconfortáveis eles se sentiam. Eles ficaram tomados por um grande desejo de se levantarem de seus assentos. Ficaram como pássaros tentando escapar freneticamente de uma gaiola sob a qual um fogo foi aceso. Ficaram inquietos; pareciam estar doentes. Finalmente, eles romperam a sua resolução. Levantaram como se fossem um; correram para o Bem-Aventurado, e saudaram-lhe.

A Vida do Buda

Um pegou a sua tigela de donativos, outro o seu manto, e o terceiro ofereceu-lhe assento. Trouxeram-lhe água para banhar os pés, e em uníssonos bradaram:

“Bem-vindo, amigo, bem-vindo. Tome um assento em meio a nós.”

O Bem-Aventurado sentou-se e banhou seus pés. Então ele disse aos cinco eremitas:

“Não se dirijam a mim como amigo, oh monges. Eu sou o Santo, o Realizado, o Buda Supremo. Abram seus ouvidos, oh monges; está descoberto o caminho que conduz à libertação. Eu lhes mostrarei o caminho; Eu lhes ensinarei a lei. Ouçam bem, e aprenderão a verdade sagrada.”

Mas eles responderam:

“Anteriormente, a despeito das suas práticas de austeridades, você não chegou ao perfeito conhecimento; sendo assim, como você poderia tê-lo atingido, agora que você leva uma vida de auto-indulgência?”

“Oh monges”, respondeu o Bem-Aventurado, “Eu não levo uma vida de auto-indulgência; de maneira alguma eu renunciei as bênçãos às quais eu aspirava. Eu sou o Santo, o Realizado, o Buda Supremo. Abram seus ouvidos, oh monges; está descoberto o caminho que conduz à libertação. Eu lhes mostrarei o caminho; Eu lhes ensinarei a lei. Ouçam bem, e aprenderão a verdade sagrada.”

E acrescentou: “Oh monges, vocês admitirão que jamais me dirigi a vocês dessa maneira antes?”

“Nós admitiremos, Mestre.”

A Vida do Buda

“Digo-vos: Eu sou o Santo, o Realizado, o Buda Supremo. Abram seus ouvidos, oh monges; está descoberto o caminho que conduz à libertação. Ouçam bem.”

Nas Primeiras Palavras, o Caminho Médio

29/11/2011 às 10:42

E os cinco monges ouviram enquanto ele falava.

“Há dois extremos a serem evitados por quem deva levar uma vida governada pela inteligência. Alguns devotam-se ao prazer; suas vidas são um ciclo constante de dissipações; buscam apenas a satisfação de seus sentidos. Tais seres são desprezíveis; sua conduta é ignóbil e fútil; é indigna de quem houvesse adquirido inteligência. Outros devotam-se à auto-mortificação; eles privam-se de todas as coisas; sua conduta é sombria e fútil; é indigna de quem houvesse adquirido inteligência. Desses dois extremos, oh monges, o Realizado permanece distante. Ele descobriu o caminho do meio, o caminho que abre os olhos e abre a mente, o caminho que conduz à quietude, à sabedoria, ao **Nirvana**. Esse caminho sagrado, oh monges, tem oito variantes: fé correta, intenção correta, fala correta, ação correta, vida correta, esforço correto, pensamento correto, meditação correta. Este, oh monges, é o **Caminho Médio** (o **Nobre Caminho Óctuplo**), o caminho que Eu, o Realizado, descobri; o caminho que conduz à quietude, à sabedoria, ao Nirvana.”

As Quatro Nobres Verdades

30/11/2011 às 9:06

Todos os cinco prenderam a respiração para melhor ouvi-lo. Ele fez uma pausa, e então continuou:

A Vida do Buda

“Oh Monges! Direi a vocês a verdade sobre o sofrimento. Sofrimento é nascimento, sofrimento é velhice, sofrimento é doença, sofrimento é morte. Vocês estão atados àquilo que odeiam: sofrimento; vocês estão apartados daquilo que amam: sofrimento; vocês não obtêm aquilo que desejam: sofrimento. Apegam-se aos corpos, às sensações, formas, imagens (impressões), percepções: sofrimento, sofrimento, sofrimento.

Oh Monges, direi a vocês a verdade sobre a origem do sofrimento. A sede pela existência leva do nascimento ao nascimento; a luxúria e o prazer se sucedem. Somente o poder pode satisfazer a luxúria. A sede pelo poder, a sede pelo prazer, a sede pela existência; eis, oh Monges, a origem do sofrimento.

Oh Monges, Direi a vocês a verdade sobre a extinção do sofrimento. Sasciem sua sede através da aniquilação do desejo. Afastem o desejo. Renunciem o desejo. Libertem-se do desejo. Ignorem o desejo.

Oh Monges, direi a vocês a verdade sobre o caminho que conduz à extinção do sofrimento. É o caminho sagrado, o **Nobre Caminho Óctuplo**: fé correta, intenção correta, fala correta, ação correta, vida (conduta) correta, esforço correto, pensamento correto, meditação correta.

Oh Monges, (agora) vocês sabem a verdade sagrada sobre o sofrimento; ninguém antes de mim a havia descoberto; meus olhos abriram, e o sofrimento foi revelado para mim. Eu compreendi a verdade sobre o sofrimento; vocês, oh Monges, devem agora compreendê-la. Oh Monges, (agora) vocês sabem a verdade sagrada sobre a origem do sofrimento; ninguém antes de mim a havia descoberto; meus olhos abriram, e a origem do sofrimento foi revelada para mim. Eu compreendi a verdade sobre a origem do sofrimento; vocês, oh Monges, devem agora compreendê-la. Oh Monges, (agora) vocês sabem a verdade sagrada sobre a extinção do sofrimento;

A Vida do Buda

ninguém antes de mim a havia descoberto; meus olhos abriram, e a extinção do sofrimento foi revelada para mim. Eu compreendi a verdade sobre a extinção do sofrimento; vocês, oh Monges, devem agora compreendê-la. Oh Monges, (agora) vocês sabem a verdade sagrada sobre o caminho que conduz à extinção do sofrimento; ninguém antes de mim o havia descoberto; meus olhos abriram, e o caminho que conduz à extinção do sofrimento foi revelado para mim. Eu compreendi a verdade sobre o caminho que conduz à extinção do sofrimento; vocês devem agora compreendê-lo, oh Monges.”

Os cinco discípulos ouviram com enlevo as palavras do Bem-Aventurado. E Ele falou novamente:

“Oh Monges, enquanto eu não tive um completo entendimento dessas **Quatro Nobres Verdades**, eu sabia que, nem nesse mundo e nem no mundo dos Deuses, nem no mundo de Mara e nem no mundo de Brahma, em meio a todos os seres, humanos, Deuses, eremitas ou brâmanes, eu não havia atingido o supremo estado de Buda. Mas, oh Monges, agora que tenho uma completa compreensão dessas Quatro Nobres Verdades, Eu sei que tanto neste mundo como no mundo dos Deuses, tanto no mundo de Mara como no mundo de Brahma, em meio a todos os seres, humanos, Deuses, eremitas ou brâmanes, Eu atingi o supremo estado de Buda. Estou liberto para sempre: para mim não haverá novo nascimento.”

Assim falou o Bem-Aventurado, e os cinco Monges alegremente aclamaram-no e glorificaram-no.

5. A História do Eremita e a Lebre

Os Primeiros Homens Sagrados no Mundo

01/12/2011 às 0:12

Kaundinya foi o primeiro dos cinco Monges a aproximar-se do Bem-Aventurado. Ele disse: “Eu ouvi, oh Mestre, e se você considerar-me digno, serei seu discípulo.”

“Você compreendeu-me, Kaundinya?”, indagou o Bem-Aventurado.

“Tenho fé no Buda e gostaria de seguir o Buda”, disse Kaundinya. Gostaria de seguir aquele que tem a sabedoria, aquele que conhece os mundos, que é um Santo; Gostaria de seguir aquele que doma tanto os seres (humanos) quanto doma búfalos selvagens, cujas palavras são atendidas tanto por Deuses quanto por humanos; eu gostaria de seguir aquele que é o Buda Supremo. Eu tenho fé na lei e gostaria de seguir a lei. O Bem-Aventurado a expôs; ela ficou claramente estabelecida; ela leva à salvação, e o sábio deve reconhecer o seu poder benéfico. Gostaria de viver em concordância com os seus preceitos, em concordância com os seus preceitos sagrados, com os seus preceitos que o sábio elogiará.”

“Você compreendeu, Kaundinya”, disse o Bem-Aventurado. “Aproxime-se. A lei está bem pregada. Leve uma vida santa, e acabe com o sofrimento.”

Então Vashpa veio ao Buda para professar a sua fé, e foi seguido por Bradrika, Mahanaman e Asvajit. Naquela ocasião, então, havia seis santos no mundo.

A Vida do Buda

A História do Eremita e a Lebre

06/12/2011 às 7:27

O Bem-Aventurado ainda estava no Parque do Cervo quando um homem jovem chamado Yasas chegou. Yasas era filho de um rico mercador de [Benares](#). Ele havia levado uma existência mundana, mas aprendera a fatuidade dessas coisas, e agora buscava a paz sagrada das florestas. O Bem-Aventurado viu Yasas; falou-lhe, e Yasas anunciou que estava pronto para trilhar o caminho da santidade.

O pai de Yasas veio para o Parque do Cervo à procura do seu filho. Ele desejava desencorajar-lhe, fazê-lo afastar-se do caminho da santidade. Mas ele ouviu as palavras do Buda; suas palavras lhe impressionaram, e ele acreditou nele (o Buda). A mãe e a esposa de Yasas também professaram a sua crença na verdade da lei, mas ao passo que Yasas juntou-se aos Monges, seu pai, sua mãe e sua esposa retornaram para suas casas em Benares.

Quatro amigos de Yasas, Vimala, Subahu, Purnajit e Gavampati, estavam brincando ante a decisão que ele havia tomado. Eles disseram:

“Deixe-nos ir ao Parque do Cervo e procuraremos por Yasas. Nós o convenceremos do seu engano, e ele retornará conosco.”

Ao entrarem na floresta, eles encontraram o Buda instruindo seus discípulos. Ele estava dizendo:

“Certa vez havia um eremita que residia numa ravina distante nas montanhas. Ele vivia miseravelmente e solitário. Suas roupas eram feitas de cascas; bebia somente água, e nada comia além de raízes e frutos silvestres. Sua única companheira era uma lebre. Essa lebre podia falar como um ser humano, e ela gostava de conversar com o eremita.

A Vida do Buda

Ele auferia grandes benefícios de seus ensinamentos, e esforçava-se seriamente para atingir a sabedoria. Certo ano houve uma seca terrível: as fontes da montanha secaram, e as árvores não floriram ou frutificaram. O eremita não mais encontraria alimento ou água; cansou de seu retiro nas montanhas e, um dia, ele deixou de lado o seu robe de eremita. A lebre o viu e disse: “Amigo, o que você está fazendo?” , ‘Você pode ver por si mesma’, respondeu o eremita. ‘Não tenho mais utilidade para este robe’. “O quê!”, exclamou a lebre, “você está para deixar a ravina?” ‘Sim, irei para o meio do povo. Receberei esmolas, e eles me darão alimento, não apenas raízes e frutos’. Ante essas palavras, a lebre ficou assustada; ficou como uma criança abandonada por seu pai, e chorou, “Não vá, amigo! Não me deixe só! Além disso, muitos dos que foram viver nas cidades estão arruinados! A vida solitária na floresta é a única digna de louvor”. Mas o eremita estava determinado: ele havia decidido ir, e iria. Então a lebre disse-lhe: “Você deixará as montanhas? Então vá! Mas faça-me este favor: espere mais um dia, apenas um dia. Fique aqui hoje, e amanhã você poderá fazer como desejar”. O eremita pensou: ‘Lebres são boas forrageiras; elas sempre têm provisões secretamente guardadas. Amanhã, esta (lebre) poderá trazer-me algo para comer’. Assim, ele prometeu não deixar (a ravina) até o dia seguinte, e a lebre saiu em disparada de alegria. O eremita era um daqueles que cultuavam Agni (um dos mais importantes deuses Védicos. Ele é o deus do fogo e aceitante dos sacrifícios) com grande reverência, e tinha o cuidado de manter sempre um fogo ardente na ravina. ‘Não tenho comida’, disse para si, ‘mas ao menos posso manter-me aquecido até que a lebre retorne’. Ao amanhecer do dia seguinte, a lebre reapareceu com as mãos vazias. A face do eremita não escondia o seu desapontamento. A lebre curvou-se para ele e disse: “Nós, animais, não temos nem sentido e nem juízo; perdoa-me, digno eremita, se fiz algo errado”. E subitamente ela saltou nas chamas. ‘O que você está fazendo?’ gritou o eremita. Ele saltou no fogo e resgatou a lebre. Então a lebre disse-lhe: Eu não teria que ver você falhar em seu dever, eu não teria que ver você deixar este retiro. Não há mais

A Vida do Buda

qualquer alimento a ser obtido. Entreguei meu corpo às chamas; pegue-o, amigo; alimente-se da minha carne e fique na ravina”. O eremita ficou profundamente comovido. E respondeu: ‘Não pegarei a estrada para a cidade; permanecer aqui, mesmo que morra de fome’. A lebre ficou feliz; olhou para o céu e murmurou esta oração: “Indra, sempre amei a vida de solidão. Digne-se a ouvir-me, e faça a chuva cair”. Indra ouviu a oração. A chuva caiu torrencialmente, e em breve o eremita e sua amiga encontraram toda a comida que queriam na ravina.”

Após um momento de silêncio, o Bem-Aventurado acrescentou:

“Naquela ocasião, oh Monges, a lebre era eu. Quem era o eremita? Ele era um dos jovens mal-intencionados que acabaram de entrar no Parque do Cervo. Sim, você era ele, Vimala!”

Ele levantou-se de seu assento.

“Assim como eu lhe impedi de seguir o mal caminho quando eu era uma lebre vivendo na ravina, Vimala, assim lhe mostrarei o caminho para a santidade, agora que tornei-me o Buda Supremo, e seus olhos verão, seus ouvidos ouvirão. Porque você já está corado de vergonha por ter tentado impedir o seu melhor amigo de encontrar a salvação!”

Vimala caiu aos pés do Bem-Aventurado. Professou sua fé nele, e foi recebido em meio aos discípulos. Então Subahu, Purnajit e Gavampati decidiram aceitar a palavra sagrada.

A Lei em Propagação

07/12/2011 às 9:52

A cada dia o número de discípulos aumentava, e logo o mestre tinha sessenta monges prontos para propagar a sabedoria. Ele disse-lhes:

A Vida do Buda

“Oh discípulos! Estou liberto de todas as obrigações, humanas e divinas. E vocês, também, agora estão livres. Tomem o seu caminho, oh discípulos, sigam, por piedade do mundo, para a felicidade do mundo, sigam. É para vocês que Deuses e humanos deverão o seu bem-estar e a sua alegria. Ponham-se na estrada, sozinhos. E ensinem, oh discípulos, ensinem a gloriosa lei, a lei gloriosa no início, gloriosa no meio e gloriosa no fim; ensinem o espírito da lei; ensinem a letra da lei; para todos que ouçam, proclamem a vida perfeita (correta), (a vida) pura, (a vida) santa. Há alguns que não estão cegados pelo pó da terra, mas não encontrarão salvação se não ouvirem a lei em proclamação. Assim, sigam, oh discípulos, vão e ensinem-lhes a lei.”

Os discípulos espalharam-se, e o Bem-Aventurado tomou a estrada para **Uruvilva**.

6. A História de Padmaka

O Melhor das Habilidades

O Bem-Aventurado estava caminhando há longo tempo. Estava cansado. Chegando a um pequeno bosque, ele entrou e sentou aos pés de uma árvore. Estava prestes a cair no sono quando um grupo de trinta homens jovens entrou no bosque. Ele os viu.

Com base em suas palavras e comportamento, era evidente que eles procuravam por alguém. Finalmente, eles dirigiram-se ao Buda.

“Você viu uma mulher passar por aqui?”, eles indagaram. “Não. Quem são vocês?” (respondeu o Bem-Aventurado).

A Vida do Buda

“Somos músicos. Vagamos de cidade em cidade. Frequentemente temos nos apresentado diante de reis, pois nossas habilidades são muito admiradas. Trouxemos uma jovem conosco hoje, para nosso prazer e diversão, mas enquanto estávamos dormindo lá, à beira da estrada, ela roubou tudo o que pudesse carregar e fugiu. É ela que estamos procurando.”

“O que é melhor?”, perguntou o Buda: “que vocês sigam em busca dessa mulher, ou que vocês sigam em busca de si mesmos?”

Os músicos riram do Mestre.

“Toque o seu alaúde”, ele então disse a quem estava rindo mais alto.

O músico tocou. Ele era habilidoso; era fácil acreditar que reis se deleitassem ao seu tocar. Quando ele terminou, o Mestre disse:

“Dê-me seu alaúde.”

E tocou. Os músicos ouviram com espanto. Eles jamais imaginaram que notas tão doces pudessem ser arrancadas de um alaúde. Até o vento aquietou-se, e as deusas da floresta deixaram seus retiros verdejantes para melhor ouvi-lo.

O Bem-Aventurado parou de tocar.

“Mestre”, disseram os músicos, “pensávamos que éramos habilidosos em nossa arte, mas somos ignorantes dos seus mais básicos princípios. Digne-se a ensinar-nos tudo o que você sabe.”

O Bem-Aventurado respondeu: “Vocês suspeitam, agora, que o vosso conhecimento de música é superficial, embora pensassem que haviam

A Vida do Buda

dominado a arte. Assim vocês pensam que conhecem a si mesmos, mas vosso conhecimento é apenas superficial. Vocês sinceramente solicitaram-me que ensinasse a vocês tudo o que sei sobre música, no entanto riram quando disse-lhes para seguirem em busca de si mesmos!”

Os músicos não estavam rindo mais.

“Nós o compreendemos, Mestre”, eles clamaram, “nós o compreendemos! Iremos à busca de nós mesmos.”

“Muito bem”, disse o Buda. “Vocês aprenderão a lei de mim. Então, como o Rei Padmaka, que sacrificou seu corpo para salvar seu povo, vocês darão a sua inteligência (o melhor de suas habilidades) para salvar a humanidade.”

A História de Padmaka

13/12/2011 às 10:30

E os músicos ouviram com muita atenção enquanto ele contava a história do Rei **Padmaka**.

“Certa vez reinou em **Benares** um rei justo e poderoso chamado Padmaka. Naquela ocasião, uma estranha epidemia subitamente irrompeu através da cidade. Aqueles que foram acometidos ficaram completamente amarelos e, mesmo sob o sol, tremiam de frio. O Rei sentiu piedade de seus súditos, e tentou encontrar uma maneira de curá-los. Ele consultou os mais famosos médicos; distribuiu remédios, e ele mesmo ajudou a cuidar dos doentes. Mas não havia jeito; a epidemia continuou com sua fúria. Padmaka entristeceu. Certo dia, um velho médico veio a ele e disse: ‘Meu senhor, eu conheço um remédio

A Vida do Buda

que curará os habitantes de Benares'. 'Qual é (o remédio)?', indagou o Rei. 'É um grande peixe chamado **Rohita**. Capture-o, e dê um pedaço, não importa quão pequeno, a todos os que estão doentes, e a epidemia desaparecerá'. O Rei agradeceu o velho médico; ordenou que o peixe Rohita fosse buscado nos mares e rios, mas não era encontrado em lugar algum. O Rei caiu em desespero. Às vezes pela manhã ou ao entardecer, ele ouvia vozes lamuriosas clamando do lado de fora das paredes do palácio: 'Estamos sofrendo, oh Rei; salve-nos'! E ele chorava amargamente. Finalmente, ele pensou: 'Que bom é a riqueza ou realza, que bom é a vida, se não posso socorrer aqueles que estão dilacerados pela dor'? Ele chamou o seu filho mais velho, e disse-lhe: 'Meu filho, lego a você a minha fortuna e o meu reinado'. Então ele ascendeu ao terraço do palácio; ofereceu perfume e flores aos Deuses, e gritou: 'Alegremente dou em sacrifício uma vida que considero inútil. Que possa o (meu) sacrifício beneficiar aqueles que estão aflitos! Que possa eu tornar-me o peixe Rohita, e que seja encontrado no rio que flui através da cidade'! Então ele atirou-se do terraço e imediatamente reapareceu no rio como o peixe Rohita. Foi capturado; estava ainda vivo quando cortaram-lhe em pedaços para distribuir em meio aos doentes, mas ele jamais sentiu as facas, e estremeceu com amor por todas as criaturas. A epidemia logo desapareceu, e sobre a cidade de Benares, um coro celestial cantou: 'Foi Padmaka, o Rei sagrado, que salvou vocês! Alegrem-se!' E todos eles prestaram honras à memória de Padmaka."

Os músicos ouviram o Mestre, e prometeram segui-lo, para receber a sabedoria.

N.T. Minha interpretação, ainda sobre **Padmaka**:

Padma: é o Lótus Vermelho.

A Vida do Buda

'ka' (क) evoca grande compaixão para com todos os seres. O sentimento de um filho surge, como com relação a Rahula. Ele significa 'maravilhosamente bom'. Portanto, 'ka'. (Sutra do Nirvana – Capítulo Treze: Sobre as Letras).

Rohita: espécie de carpa rósea encontrada em rios e lagos da Ásia. É considerada uma especiaria em [Bangladesh](#), [Nepal](#) e [Indian](#). As comunidades de [Maithil Brahmins](#) e [Kayastha](#) de [Uttar Pradesh](#) a consideram um de seus mais sagrados alimentos, devendo ser comida em ocasiões auspiciosas – Fonte Wikipedia – a enciclopédia livre.



Foto de Dôra em Florença - Itália - em 14/06/2008.

A Vida do Buda

As Chamas da Ilusão

14/12/2011 às 10:24

Em **Uruvilva**, o Bem-Aventurado encontrou os três irmãos Kashyapa. Esses Brâmanes virtuosos tinham uns mil discípulos. Desde algum tempo eles vinham sendo incomodados por uma serpente perigosa que insistia em perturbar os seus sacrifícios, e trouxeram os seus problemas ao Buda. O Buda sorriu; viu a serpente e ordenou-lhe que, no futuro, os deixasse em paz. A serpente obedeceu, e os sacrifícios não foram mais interrompidos.

Os Kashyapas solicitaram ao Buda permanecer com eles alguns dias. Ele consentiu. O Buda surpreendeu seus anfitriões realizando inumeráveis prodígios, e naquela ocasião todos eles decidiram aceitar a lei. Somente o mais velho dos Kashyapas se recusou a seguir o Buda. Ele pensou:

“É verdade, esse monge é muito poderoso; ele realiza grandes prodígios, mas não se iguala a mim em santidade.”

O Bem-Aventurado leu o pensamento de Kashyapa. E disse-lhe:

“Você pensa que é um homem muito santo, Kashyapa, e nem mesmo está no caminho que conduz à santidade.”

Kashyapa ficou atônito com o fato de que o Buda teria adivinhado seus pensamentos secretos. O Bem-Aventurado completou:

“Você nem mesmo sabe como encontrar o caminho que conduz à santidade. Escutai minhas palavras, Kashyapa, se deseja dissipar a escuridão na qual você vive.”

A Vida do Buda

Kashyapa pensou por um momento; e então caiu aos pés do Bem-Aventurado, e disse:

“Instrua-me, oh Mestre! Não me deixe caminhar mais na escuridão!”

Então o Bem-Aventurado subiu uma montanha, e se dirigiu aos irmãos Kashyapa e seus discípulos.

“Oh monges”, disse ele, “tudo no mundo está em chamas. O olho é chama; tudo o que ele vê é chama; tudo o que vemos no mundo está em chamas. Por quê? Porque o fogo do amor e do ódio não está extinto. Vocês estão cegados pelas chamas desse fogo, e sofrem o tormento do nascimento e da velhice, da morte e da miséria. Oh monges, tudo no mundo está em chamas! Compreendam-me, e para vocês o fogo se extinguirá; seus olhos não mais serão cegados pelas chamas, e não mais apreciarão o espetáculo chamejante no qual se deleitam hoje. Compreendam-me, e saberão que existe um fim para o nascimento, saberão que nunca necessitarão voltar mais para essa terra.”

7. O Buda no Bosque dos Bambús

A Capitulação de Kashyapa

15/12/2011 às 0:54

O Bem-Aventurado lembrou que o Rei [Bimbisara](#) certa vez expressou um desejo de conhecer a lei, e resolveu ir a [Rajagriha](#). Ele partiu com o mais velho dos [Kashyapas](#) e alguns dos seus novos discípulos.

A Vida do Buda

Bimbisara logo soube da chegada dos monges. Ele decidiu prestar-lhes uma visita. Acompanhado por um séquito de súditos, ele foi ao Bosque. Ele reconheceu o Mestre, e exclamou:

“Você não esqueceu meu desejo, oh Bem-Aventurado; imensa é a minha gratidão e minha reverência.”

Ele prostrou-se, e quando o Mestre ordenou-lhe levantar-se, ele manteve-se à distância, para demonstrar respeito.

Mas na multidão havia alguns que conheciam Kashyapa, e que o consideravam um homem muito santo. Eles nunca haviam visto o Buda antes, e ficaram admirados de que o rei não lhe prestasse tal honra.

“Ele certamente se enganou”, disse um brâmane; “ele deveria ter se prostrado diante de Kashyapa”.

“Sim”, disse um outro, “Kashyapa é um grande mestre”.

“O rei cometeu um erro estranho”, um terceiro completou; “ele confundiu o pupilo com o mestre.”

Eles ficaram sussurrando, no entanto o Bem-Aventurado ouviu-lhes, pois o que poderia escapar à sua percepção? Ele disse a Kashyapa:

“Quem o persuadiu a abandonar seu eremitério, oh homem de Uruvilva? Quem o fez admitir a sua fraqueza? Responda, Kashyapa; como você veio a deixar o seu retiro familiar?”

Kashyapa compreendeu o que o Mestre tinha em mente. E respondeu:

“Agora sei para onde as minhas austeridades anteriores estavam me levando; agora sei a presunção (fatuidade) de tudo o que outrora

A Vida do Buda

ensinei. Meu discurso era maléfico, e comecei a odiar a vida que estava levando.”

Conforme ele disse essas palavras, ele caiu aos pés do Mestre, e acrescentou:

“Sou seu devotado pupilo. Permita-me colocar minha cabeça sobre seus pés! Você é o Mestre; é você que comanda. Sou seu pupilo, seu servo. A você seguirei e a você obedecerei.”

Por sete vezes ele prostrou-se, e a multidão exclamou em admiração:

“Poderoso é aquele que convenceu Kashyapa da sua ignorância! Kashyapa pensou que fosse o maior dos mestres, e agora o vemos curvar-se diante de outro! Oh, poderoso é aquele que é mestre de Kashyapa!”

O Desejo de Bimbisara

16/12/2011 às 10:31

Então o Bem-Aventurado falou-lhes das [Quatro Nobres Verdades](#). Quando ele terminou, o Rei [Bimbisara](#) aproximou-se dele e, na frente de todos, corajosamente proferiu essas palavras:

“Creio no Buda, creio na Lei, creio na comunidade dos santos (Sangha – constituindo os [Três Tesouros](#)).”

O Bem-Aventurado concedeu ao rei licença para sentar ao seu lado, e o rei falou novamente:

Em toda minha vida tive cinco grandes esperanças: esperava que algum dia eu fosse rei; esperava que algum dia o Buda viesse ao meu reinado;

A Vida do Buda

esperava que algum dia meu olhar repousasse sobre seu semblante; esperava que algum dia ele me ensinasse a lei; esperava que algum dia eu professasse a minha fé nele. Hoje, todas essas esperanças estão realizadas. Eu creio em você, meu Senhor, eu creio na Lei, eu creio na comunidade dos santos.”

Ele levantou-se.

“Oh Mestre, digno-se a tomar sua refeição em meu palácio, amanhã.”

O Mestre aceitou. O rei saiu; sentiu grande felicidade.

Muitos daqueles que haviam acompanhado o rei seguiram seu exemplo, e passaram a professar sua fé no Buda, na Lei e na comunidade dos santos (Sangha).

O Bosque dos Bambús

19/12/2011 às 8:52

No dia seguinte, os habitantes de [Rajagriha](#) deixaram seus lares e foram ao bosque; estavam ansiosos para ver o Bem-Aventurado; todos eles o admiraram, e louvaram o seu poder e a sua glória.

Chegou o momento para ele ir ao palácio do rei, mas a estrada estava tão lotada pelos expectadores, que era impossível avançar um passo sequer. Subitamente, um jovem brâmane apareceu diante do Mestre. Ninguém sabia de onde viera. Ele disse:

“O Mestre honrado está em meio ao povo honrado; ele concede a libertação. Aquele que reluz como o ouro chegou à Rajagriha.”

A Vida do Buda

Ele tinha uma voz agradável. Acenou à multidão para dar lugar, e eles obedeceram sem um pensamento de resistência. E ele cantou:

“O Mestre dissipou a escuridão; a noite nunca renascerá; aquele que conhece a lei suprema chegou à Rajagriha.”

“De onde ele vem, esse jovem brâmane com sua voz límpida e doce?”, o povo se perguntou.

Ele continuou a cantar:

“Aqui está ele, que é onisciente, o Mestre Honrado, o Buda Sublime. Ele é supremo no mundo; estou feliz por servi-lo. Não para servir o ignorante, mas para humildemente servir o sábio e para venerar aqueles que são nobres: existe no mundo uma alegria mais sagrada? Para viver numa terra de paz, para realizar muitas obras do bem, para buscar o triunfo da retidão: existe no mundo uma alegria mais sagrada? Para ter habilidade e conhecimento, para amar as ações da generosidade, para trilhar o caminho da justiça: existe no mundo uma alegria mais sagrada?”

O jovem brâmane conseguiu abrir um caminho através da multidão, e levou o Mestre ao palácio do Rei **Bimbisara**. Então, feito seu trabalho, ele alçou-se da terra, e atingindo o mais elevado dos céus, se desvaneceu na luz. Então o povo de Rajagriha soube que um Deus havia considerado uma honra servir ao Buda e exaltou a sua grandeza.

Bimbisara recebeu o Bem-Aventurado com grande reverência. Ao final da refeição, ele disse-lhe:

“Alegro-me com a sua presença, meu Senhor. Devo vê-lo com frequência, e frequentemente ouvir a palavra sagrada dos seus lábios. Você deve agora aceitar uma oferenda minha. Mais próximo da cidade

A Vida do Buda

do que aquela floresta onde você habita, há um bosque agradável, conhecido como Bosque dos Bambús. É vasto; você e seus discípulos podem viver lá confortavelmente. Eu dou-lhe o Bosque dos Bambús, meu Senhor, e se você quiser aceitá-lo, sentirei que você prestou-me um grande serviço.”

O Buda sorriu com satisfação. Uma bacia de ouro foi trazida, cheia de água suavemente fragrante. O rei pegou a bacia e derramou a água sobre as mãos do Mestre. E disse:

“Assim como essa água derrama das minhas mãos nas suas mãos, meu Senhor, assim possa o Bosque dos Bambús passar das minhas mãos para suas mãos, meu Senhor.”

A terra tremeu: a Lei agora tinha um solo no qual enraizar-se. E naquele mesmo dia, o Mestre e seus discípulos foram viver no Bosque dos Bambús.

8. Shariputra e Maudgalyayana

Shariputra e Maudgalyayana

21/12/2011 às 10:30

Dois jovens brâmanes, [Shariputra](#) e [Maudgalyayana](#), viviam naquela ocasião na cidade de [Rajagriha](#). Eram amigos íntimos e ambos pupilos do eremita Sanjaya. Um ao outro haviam feito essa promessa: “Qualquer um de nós que obtenha primeiramente a libertação da morte, imediatamente dirá ao outro.”

A Vida do Buda

Certo dia, Shariputra viu Asvajit a angariar esmolas nas ruas de Rajagriha. Ele ficou admirado com o seu semblante agradável, seu comportamento nobre e modesto, sua postura digna e tranquila. Ele disse para si:

“Realmente, já existe um monge que, neste mundo, encontrou o caminho certo para a santidade. Devo ir até ele; devo indagar-lhe sobre quem é seu mestre e que lei ele segue.”

Mas então ele pensou:

“Esta não é a ocasião apropriada para questioná-lo. Ele está a angariar esmolas; não devo perturbá-lo. Irei segui-lo, e quando ele estiver satisfeito com os oferecimentos que recebeu, me aproximarei e conversarei com ele.”

O venerável Asvajit logo parou de solicitar por esmolas. Então Shariputra foi a ele e cumprimentou-o de uma maneira amigável. Asvajit retribuiu o cumprimento de Shariputra.

“Amigo”, disse Shariputra, “sereno é o seu semblante, límpido e radiante é o seu olhar. Quem o persuadiu a renunciar o mundo? Quem é seu mestre? Que lei você segue?”

“Amigo”, respondeu Asvajit, “aquele grande monge, o filho dos [Shakyas](#), é meu mestre.”

“O que seu mestre diz, amigo; o que ele ensina?”

“Amigo, eu abandonei o mundo, mas recentemente; conheci a lei há pouco tempo; não posso expô-la extensivamente, mas posso dar-lhe o espírito dela resumidamente.”

A Vida do Buda

“Faça-o, amigo”, exclamou Shariputra. “Diga pouco ou muito, como lhe aprouver; mas dê-me o espírito da lei. A mim só importa o espírito.”

O venerável Asvajit falou essa única sentença:

“O Perfeito ensina a causa, o Perfeito ensina os fins.”

Shariputra regozijou-se nessas palavras. Foi como se a verdade tivesse sido revelada a ele. “Tudo o que é nascido tem um fim”, ele pensou. Ele agradeceu Asvajit e, cheio de alegria, foi ao encontro de Maudgalyayana.

“Amigo”, disse Maudgalyayana quando viu Shariputra, “amigo, quão sereno é o seu semblante! Quão límpido e radiante é o seu olhar! Você obteve a libertação da morte?”

“Sim, amigo. Próximo a Rajagriha, existe um mestre que ensina a libertação da morte.”

Shariputra contou sobre seu encontro, e os dois amigos decidiram ir ao Bem-Aventurado. Seu mestre, Sanjaya, tentou dissuadi-los.

“Fiquem comigo”, disse ele; “Darei a vocês uma posição de eminência em meio aos meus discípulos. Vocês se tornarão mestres e serão iguais a mim.”

“Por que desejaríamos ser iguais a você? Por que disseminaríamos a ignorância? Sabemos agora que seus ensinamentos não valem a pena. Nos transformaria em mestres da ignorância.”

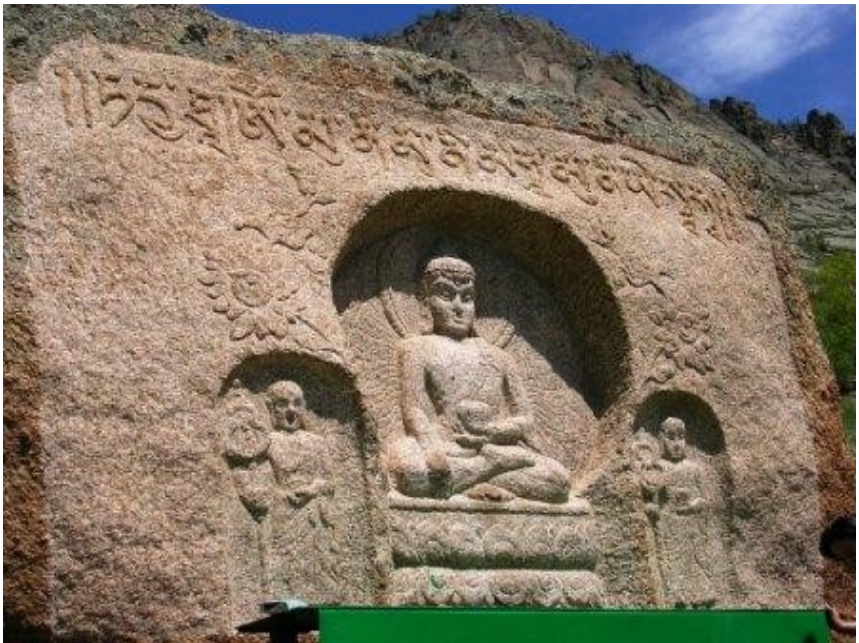
Sanjaya continuou a exortá-los; subitamente, um sangue quente jorrou da sua boca. Os dois amigos recuaram horrorizados.

A Vida do Buda

Eles o deixaram e foram ao Buda

“Aqui”, disse o Mestre ao vê-los aproximarem-se, “aqui estão os dois homens que serão os principais entre meus discípulos.”

E ele alegremente os recebeu na comunidade.



Shariputra e Maudgalyayana, que viriam a ser os dois principais discípulos do Buda.

9. O Buda Pacifica os Descontentes de Rajagriha

A Pacificação dos Descontentes

22/12/2011 às 9:26

O número de crentes foi aumentando constantemente, e o Rei **Bimbisara** reiteradamente dava provas ao Mestre da sua fé e amizade. Ele frequentemente o convidava ao palácio e oferecia-lhe um assento em sua mesa, e em tais ocasiões ele ordenava a cidade a manter uma aparência festiva. As ruas eram atapetadas com flores, e as casas decoradas com bandeiras e estandartes. As mais doces fragrâncias preenchiam o ar, e os habitantes trajavam-se nas suas roupas mais brilhantes. O próprio rei vinha adiante para comprimentar o Bem-Aventurado e protegia-lhe do sol com seu parassol dourado.



O Rei Bimbisara, retratado em arte Birmanesa, oferecendo seu reino para o Buda. Imagem Via Wikipedia, a enciclopédia livre.

A Vida do Buda

Muitos jovens da nobreza depositaram toda a sua fé na lei ensinada pelo Bem-Aventurado. Queriam tornar-se santos; abandonaram a família e a fortuna, e o Bosque dos Bambús logo ficou cheio com os devotos discípulos.

Mas havia muitos em [Rajagriha](#) que estavam perturbados ao ver o grande número de conversões que o Buda estava fazendo, e foram cidade afora vociferando a sua raiva.

“Por que ele se instalou em nosso meio, esse filho dos [Shakyas](#)?”, perguntavam. “Já não há monges o bastante, pregando-nos sobre virtudes? E eles não seduziram os nossos jovens a gostar desse mestre? Por que, mesmo as nossas crianças estão nos deixando? Devido a esse filho dos Shakyas, quantas mulheres estão nas janelas! Devido a esse filho dos Shakyas, quantas famílias estão sem seus filhos! O mal cairá sobre o reinado, agora que esse monge se instalou em nosso meio.”

O Mestre logo adquiriu uma grande quantidade de inimigos entre os habitantes da cidade. Sempre encontravam seus discípulos, zombavam deles ou faziam comentários sarcásticos.

“O grande monge veio à cidade de **Rajagriha** e conquistou o Bosque dos Bambús; agora irá conquistar todo o reinado de [Magadha](#)?”, disse alguém ao passar.

“O grande monge veio à cidade de Rajagriha e levou os discípulos de Sanjaya para longe dele; quem ele seduzirá hoje?”, disse um outro.

“Uma praga seria menos prejudicial do que esse grande monge”, disse um terceiro; “mataria menos crianças.”

“E ele deixaria menos viúvas”, suspirou uma mulher.

A Vida do Buda

Os discípulos não responderam. Mas sentiam uma raiva crescente da população, e falaram ao Mestre das palavras maldosas que ouviram.

“Não se deixem perturbar, oh discípulos”, respondeu o Buda. “Eles logo cessarão. Àqueles que os seguem com vaias e insultos, digam palavras calmas e gentis. Diga-lhes: ‘é porque ele sabe a verdade, a verdade real, que o herói convence, que o perfeito converte. Quem se atreve a ofender o Buda, o Santo que converte pelo poder da verdade’? Então eles silenciarão, e em poucos dias, quando vocês perambularem através da cidade, encontrarão apenas (aqueles) com respeito e louvor.”

Aconteceu como o Buda disse. As vozes maldosas foram silenciadas, e cada um em Rajagriha prestou honra aos discípulos do Mestre.

10. Suddhodana Envia Mensageiros ao seu Filho

O Cume Brilhante da Montanha

10/01/2012 às 8:18

O [Rei Suddhodana](#) ouviu que seu filho havia atingido a suprema sabedoria e que estava vivendo em [Rajagriha](#), no Bosque dos Bambús. Ele tinha um grande desejo de vê-lo novamente, e enviou um mensageiro até ele, com essas palavras: “Seu pai, Rei Suddhodana, anseia por vê-lo, oh Mestre.”

Quando o mensageiro chegou ao Bosque dos Bambús, encontrou o Mestre instruindo seus discípulos.

“Há uma floresta junto à encosta de uma montanha, e aos pés da montanha, um amplo e profundo lago. Animais selvagens vivem às

A Vida do Buda

margens desse lago. Aparece um homem que prejudicaria esses animais, que lhes faria sofrer, que os levaria à morte. Ele fecha o bom caminho que leva para longe do lago, o caminho que é seguro para viajar, e abre um caminho traiçoeiro que termina num pântano tenebroso. Os animais agora estão em perigo; um por um, todos perecerão. Mas deixe um homem aparecer que, ao contrário, procure o bem-estar desses animais selvagens, que vise o seu conforto, sua prosperidade. Ele destruirá o caminho traiçoeiro que termina num pântano, e abrirá um caminho seguro que conduza ao pacífico topo da montanha. Então os animais não mais correrão perigo; eles prosperarão e multiplicarão. Compreendam agora o que tenho dito a vocês, oh discípulos. Como esses animais às margens do amplo e profundo lago, os homens vivem apegados aos prazeres do mundo. Aquele que lhes faria mal, que lhes faria sofrer, que os levaria à morte, é Mara, o Maligno. O pântano onde todos os seres perecem é o prazer, o desejo, a ignorância. Aquele que busca o bem-estar, o conforto, a prosperidade de todos é o Perfeito, o Santo, o Buda abençoado. Foi Eu, oh discípulos, quem abriu o caminho seguro; Eu que destruí o caminho traiçoeiro. Vocês não irão para o pântano; vocês subirão a montanha e chegarão ao seu **Cume Brilhante**. Tudo o que o Mestre poderia fazer por compaixão de seus discípulos e que busca o seu bem-estar, Eu tenho feito por vocês, oh meus discípulos.”

O mensageiro ouviu num transe de prazer. Então ele caiu aos pés do Mestre e disse: “Acolha-me em meio aos seus discípulos, o Bem-Aventurado.”

O Mestre estendeu suas mãos e disse: “Venha, oh Monge.”

O mensageiro levantou-se e, subitamente, suas vestes, espontaneamente, tomaram a forma e a cor de um robe monástico. Ele esqueceu tudo, e a mensagem que Suddhodana havia lhe confiado nunca foi transmitida.

A Vida do Buda

Os Mensageiros de Suddhodana

11/01/2012 às 10:19

O rei ficou cansado de esperar pelo seu retorno. A cada dia, o desejo de ver o seu filho tornava-se mais intenso, e ele enviou um outro mensageiro ao Bosque dos Bambús. Mas, pelo retorno desse homem, ele também esperou em vão. Nove vezes ele enviou mensageiros ao Bem-Aventurado, e nove vezes os mensageiros, ao ouvirem as palavras sagradas, decidiram ficar e tornarem-se monges.

Suddhodana finalmente convocou Udayin.

“Udayin”, disse ele, “como você sabe, dos nove mensageiros enviados para o Bosque dos Bambús, nenhum retornou, nenhum enviou-me sequer uma palavra de como a minha mensagem foi recebida. Eu não sei se eles falaram ao meu filho, se eles ao menos viram-no. Isto me aflige e entristece, Udayin. Sou um homem velho. A morte está à espreita por mim. Posso ainda estar vivo amanhã, mas seria temerário contar com os dias que se seguirão. E antes que eu morra, Udayin, quero ver meu filho. Você foi o seu melhor amigo; vá até ele agora. Não posso imaginar alguém que pudesse ser mais bem-vindo (por ele). Diga-lhe da minha aflição; diga-lhe do meu desejo, e talvez ele não fique indiferente!”

“Eu irei, meu senhor”, respondeu Udayin

Ele foi. Muito antes de ter chegado ao Bosque dos Bambús, ele havia condicionado a sua mente para tornar-se um monge, mas as palavras do Rei Suddhodana haviam lhe afetado profundamente, e ele pensou: “Direi ao Mestre sobre a aflição do seu pai. Ele se compadecerá e irá a ele.”

A Vida do Buda

O Mestre ficou feliz ao ver Udayin tornar-se um de seus discípulos.

O inverno estava quase no fim. Era um tempo favorável para viajar e, certo dia, Udayin disse ao Buda:

“As árvores estão brotando; logo estarão em folhas. Veja os raios brilhantes do sol reluzindo através dos seus galhos. Mestre, este tempo é bom para viajar. Não está mais frio, e nem muito quente; e a terra veste-se num lindo manto verde. Não teremos problemas para encontrar alimento no caminho. Mestre, este é um tempo bom para viajar.”

O Mestre sorriu para Udayin e respondeu:

“Por que você me instiga a viajar, Udayin?”

“Seu pai, o Rei, ficaria feliz em vê-lo, Mestre.”

O Buda considerou por um momento, e então disse: “Irei à [Kapilavastu](#); irei e verei meu pai.”

11. A História da Garça e o Peixe

A Garça e o Peixe

12/01/2012 às 8:27

Quando [Bimbisara](#) ouviu que o Mestre estava deixando o Bosque dos Bambús, para ficar fora por algum tempo, ele foi visitá-lo com seu filho, o Príncipe [Ajatasatru](#).

A Vida do Buda

O Mestre olhou para o jovem príncipe; então voltou-se para o rei e disse:

“Ajatasatru pode ser digno do teu amor, oh Rei?”

Novamente ele olhou para o príncipe, e disse-lhe:

“Ouça bem agora, Ajatasatru, e pondere minhas palavras. A astúcia nem sempre tem sucesso; a maldade nem sempre prevalece. Uma história provará isto, a história de algo que aconteceu há muito tempo, algo que eu vi com os meus próprios olhos. Naquela ocasião, eu estava vivendo numa floresta; eu era uma árvore-Deus. Essa árvore cresceu entre dois lagos, um pequeno e pouco atraente, e o outro grande e belo. O pequeno lago estava cheio de peixes; e no grande, flores de lótus cresciam em profusão. Durante um certo verão de calor opressivo, o pequeno lago quase secou completamente; enquanto o grande lago, como era protegido do sol pelas flores de lótus, sempre tinha abundância de água e permaneceu agradavelmente fresco.

Uma garça, passando entre esses dois lagos, viu o peixe e parou. De pé sobre uma perna, ela começou a pensar: ‘Esses peixes seriam uma recompensa legal. Mas esses peixes são rápidos; eles provavelmente escaparão mesmo se eu atacá-los muito avidamente. Devo usar a astúcia! Eles estão tão desconfortáveis neste lago seco! E lá está aquele outro lago, profundo, cheio de água fresca, onde eles poderiam nadar a contento de seus corações!’

Um peixe viu a garça em profundo pensamento, e de aparência tão solene quanto um eremita, e indagou: ‘O que você está fazendo aí, venerável pássaro? Você parece imerso em pensamento’. ‘Estou a meditar, oh peixe’, disse a garça, ‘sim, de fato, estou a meditar. Estou querendo saber como você e seus amigos poderão escapar do seu triste destino’. ‘Nosso triste destino! O que você quer dizer?’ ‘Você sofre

A Vida do Buda

naquela água rasa, oh infeliz peixe! E a cada dia, como o calor torna-se mais intenso, e a água mais escassa, então o que será de você? Logo o lago estará completamente seco, e todos vocês perecerão! Pobre, pobre peixe! Eu choro por você’.

Todos os peixes tinham ouvido o que a garça dissera. E ficaram cheios de consternação. ‘O que será de nós’, eles gritavam, ‘quando o calor tiver secado o lago?’ Eles voltaram-se para a garça: ‘Pássaro, oh venerável pássaro, você pode salvar-nos?’ A garça novamente fingia estar perdida em pensamento; finalmente, ela respondeu: ‘Creio que vejo uma saída para a sua miséria’. O peixe ouviu ansiosamente. A garça disse: ‘Há um lago maravilhoso muito próximo daqui. É consideravelmente maior que este no qual você vive, e as flores de lótus que cobrem a superfície protegem a água do rigor do verão. Acredite em minhas palavras, vá viver naquele lago. Posso pinçá-los no meu bico, um de cada vez, e carregá-los para lá. Dessa forma, todos vocês serão salvos’. O peixe ficou feliz. Estavam prestes a aceitar a sugestão da garça quando um caranguejo falou: ‘Nunca ouvi nada tão estranho’, ele exclamou. O peixe indagou-lhe: ‘O que te surpreende tanto nisto?’ ‘Nunca’, disse o caranguejo, ‘nunca, desde os primórdios do mundo, eu soube que uma garça tivesse interesse em peixes, a menos que fosse para comê-los’. A garça assumiu um ar de ofendida, e disse: ‘O quê, seu caranguejo malvado! Você suspeita de eu estar tentando enganar esses pobres peixes que se encontram em perigo eminente de morte? Oh peixe, eu apenas desejo salvá-los; procuro o seu bem-estar. Coloque a minha boa fé à prova se você quiser. Escolha um do seu grupo, e eu o carregarei em meu bico para o lago do lótus. Ele o verá; poderá até mesmo nadar em volta algumas vezes; e então eu o pinçarei e o trarei de volta até aqui. Ele lhe dirá o que pensar de mim’. ‘Parece muito justo’, disse o peixe. Para fazer essa viagem ao lago, eles escolheram um dos seus peixes mais velhos que, embora meio cego, era considerado muito sábio. A garça o carregou até o lago, jogou-lhe dentro, e o deixou nadar tanto o quanto desejasse.

A Vida do Buda

O velho peixe ficou encantado, e quando ele retornou aos seus amigos, tinha somente palavras elogiosas para a garça. Os peixes agora estavam convencidos de que eles deviam suas próprias vidas à ela. 'Pegue-nos', eles clamaram, 'pegue-nos e carregue-nos até o lago do lótus'. 'Como desejarem', disse a garça, e com o seu bico ela novamente pinçou o velho e meio cego peixe. Mas desta vez ela não o carregou para o lago. Ao invés disso, ela o jogou ao chão e atravessou-o com o seu bico; e então devorou-lhe deixando os ossos aos pés de uma árvore, a árvore da qual eu era o Deus. Feito isto, a garça retornou ao pequeno lago, e disse: 'Quem virá comigo agora'? Os peixes estavam ansiosos por ver a sua nova casa, e a garça tinha apenas que fazer uma escolha que satisfizesse seu apetite. Até o momento, ela havia comido todos eles, um após o outro. Somente o caranguejo permaneceu. O caranguejo já havia demonstrado que ele desconfiava do pássaro, e agora dizia para si: 'Duvido muito que os peixes estejam no lago do lótus. Temo que a garça tenha tirado vantagem da sua fé nela. Ainda assim, seria bom deixar esse lago miserável e ir para o outro que é tão maior e mais confortável. A garça deve carregar-me, mas não devo correr risco. E se ela enganou os outros, devo vingá-los'.

O pássaro aproximou-se do caranguejo: 'É sua vez, agora', disse a garça. 'Como você me carregará?', indagou o caranguejo. 'Em meu bico, como os outros', respondeu a garça. "Não, não", disse o caranguejo; 'minha carapaça é escorregadia; posso cair do seu bico. Ao invés, deixe-me segurar em seu pescoço com minhas garras; serei cuidadoso para não machucá-la'. A garça concordou. Ela parou aos pés da árvore. 'O que você está fazendo?', indagou o caranguejo. 'Estamos apenas no meio do caminho. Você está cansada? No entanto, a distância não é grande entre os dois lagos!' A garça ficou aflita por uma resposta. Além disso, o caranguejo estava começando a apertar firmemente o seu pescoço. 'E o que temos aqui!', exclamou o caranguejo. 'Essa pilha de ossos de peixes ao pé da árvore é a evidência da sua traição. Mas você não me enganará como enganou aos outros. Vou matá-la, se devo morrer na

A Vida do Buda

tentativa'. O caranguejo apertou suas garras. A garça ficou em grande dor; com lágrimas nos olhos, ela clamou: 'Querido caranguejo, não me machuque. Não vou comê-lo. Carregarei você até o lago'. 'Então vá', disse o caranguejo. A garça caminhou até à beira do lago e estendeu seu pescoço sobre a água. O caranguejo tinha apenas que pular no lago. Mas ao invés disso, ele apertou suas garras, e tão poderosas eram que o pescoço da garça foi cortado. E a árvore-Deus não poderia deixar de exclamar: 'Bem feito, caranguejo'!"

O Mestre acrescentou: "A astúcia nem sempre tem sucesso. A maldade nem sempre prevalece. Mais cedo ou mais tarde a garça traiçoeira encontra um caranguejo. Sempre lembre disto, Príncipe Ajatasatru!"

As Relíquias de Bimbisara

13/01/2012 às 9:57

Bimbisara agradeceu o Mestre pela valiosa lição que ele ensinou ao seu filho. Então ele disse:

"Bem-Aventurado, tenho um pedido a fazer."

"Fale", disse o Buda.

"Quando você se for, oh Bem-Aventurado, serei incapaz de prestar-lhe honra, serei incapaz de fazer-lhe os costumeiros oferecimentos, e isto muito me entristecerá. Dê-me uma mecha dos seus cabelos, dê-me as aparas das suas unhas; eu as colocarei em um templo no meio do meu palácio. Assim, reterei alguma coisa que seja parte de você e, todos os dias, decorarei o templo com guirlandas (de flores) frescas, e queimarei incensos raros."

O Bem-Aventurado deu ao rei essas coisas pelas quais solicitara, e disse:

A Vida do Buda

“Pegue meus cabelos e essas aparas; coloque-as num templo, mas em sua mente, coloque o que tenho ensinado a você.”

E como Bimbisara alegremente retornou ao seu palácio, o Mestre partiu para [Kapilavastu](#).

12. A História de Visvantara

O Zelo de Udayin

17/01/2012 às 11:04

Era uma grande distância de [Rajagriha](#) à [Kapilavastu](#), e o Mestre foi caminhando lentamente. Udayin decidiu ir à frente e informar [Suddhodana](#) que seu filho estava a caminho para vê-lo, para que então o rei fosse paciente e não mais se afligisse.

Udayin voou através do ar e, num instante, chegou ao palácio de Suddhodana. Ele encontrou o rei em profundo desespero.

“Meu senhor”, disse ele, “enxugue suas lágrimas. Seu filho logo estará em Kapilavastu”.

“Oh, é você, Udayin!”, exclamou o rei. “Pensei que você, também, tivesse esquecido de transmitir a minha mensagem, e eu tinha desistido da esperança de algum dia ver o meu filho amado. Mas você chegou, finalmente, e alegres são as notícias que você traz. Não chorarei mais; agora esperarei pacientemente o abençoado momento quando estes meus olhos verão novamente o meu filho.”

A Vida do Buda

Ele ordenou que a Udayin fosse servida uma esplêndida refeição.

“Não comerei aqui, meu senhor”, disse Udayin. “Antes de eu tocar qualquer alimento, devo saber se meu mestre foi devidamente servido. Retornarei a ele pelo caminho que eu vim.”

O Rei protestou.

“É meu desejo, Udayin, que você receba seu alimento de mim, todo o dia; e é também meu desejo que meu filho receba seu alimento de mim, a cada dia dessa jornada que ele tem empreendido para me agradar. Coma, e então lhe darei alimento para levar ao Bem-Aventurado.”

Quando Udayin já tinha se alimentado, foi-lhe entregue uma tigela de comidas deliciosas a serem levadas para o filho do rei. Ele jogou a tigela no ar; então alçou-se do chão e voou para longe. A tigela caiu aos pés do Buda, e o Buda agradeceu ao seu amigo. Daí em diante, a cada dia, Udayin voava ao palácio do Rei Suddhodana para buscar o alimento do Mestre, e o Mestre ficou satisfeito com o zelo demonstrado por seu discípulo em servi-lo.

A Chegada à Kapilavastu

18/01/2012 às 11:18

Ele finalmente chegou à [Kapilavastu](#). Para recebê-lo, os [Shakyas](#) se reuniram num parque resplandecente em flores. Muitos dos presentes eram extremamente orgulhosos, e pensaram: “Há alguns aqui que são mais velhos do que Siddhartha! Por que eles devem prestar-lhe homenagem? Deixe as crianças, os jovens rapazes e donzelas, curvarem-se diante dele; os mais velhos devem manter a cabeça erguida!”

A Vida do Buda

O Bem-Aventurado adentrou o parque. Todos os olhos ficaram deslumbrados pela luz brilhante que ele emanava. O [Rei Suddhodana](#) ficou profundamente comovido; deu alguns passos em sua direção: “Meu filho...”, ele gritou. Sua voz embargou; lágrimas de alegria escorreram em sua face, e ele lentamente curvou a sua cabeça.

E quando os Shakyas viram o pai prestando homenagem ao filho, todos eles prostraram-se humildemente.



O Portão Oeste de Kapilavastu

O Elefante de Visvantara

19/01/2012 às 10:35

Um magnífico assento havia sido preparado para o Mestre, Ele sentou. Então o céu se abriu, e uma chuva de rosas caiu sobre o parque.

A Vida do Buda

A terra e a atmosfera ficaram impregnadas com o perfume. O rei e todos os Shakyas olharam com espanto. E o Mestre falou:



O Elefante de Visvantara - [click na imagem para site de origem.](#)

Em alguma existência anterior, eu já havia visto minha família reunida ao meu redor e lhes ouvi cantar louvores a mim em voz uníssona. Naquele tempo, o Rei Sanjava estava reinando na cidade de Jayatura. O nome da sua consorte era Phusati, e eles tinham Visvantara. Quando atingiu a idade, Visvantara casou-

se com Madri, uma princesa de rara beleza. Ela lhe deu dois filhos: um filho, Jalin, e uma filha, Krishnajina. Visvantara possuía um elefante branco que tinha o poder maravilhoso de fazer a chuva cair à vontade. Naquela ocasião, o distante reinado de [Kalinga](#) estava sendo visitado por uma terrível seca. A grama secou; as árvores não frutificavam; humanos e animais morriam de fome e sede. O rei de Kalinga ouviu sobre o elefante de Visvantara e sobre o estranho poder que ele possuía. Ele enviou oito brâmanes à Jayatura para pegá-lo e retornar com ele para o seu desafortunado país. Os brâmanes chegaram durante um festival. Montado sobre o elefante, o príncipe estava a caminho do templo para distribuir donativos. Ele viu esses enviados do rei estrangeiro. “O que trouxe vocês aqui?”, indagou-lhes. “Meu senhor”, responderam os brâmanes, “nosso reinado, o reinado de Kalinga, tem sido visitado pela seca e pela fome. Seu elefante pode salvar-nos, trazendo-nos a chuva; você se apartaria dele?” “É pouco o que pedem”, disse Visvantara. “Vocês poderiam ter pedido por meus olhos ou minha

A Vida do Buda

carne! Sim, peguem o elefante, e que assim possa uma refrescante chuva cair sobre seus campos e sobre seus jardins!” Ele deu o elefante para os brâmanes, e eles alegremente retornaram para Kalinga.

O Exílio de Visvantara

23/01/2012 às 11:44

Mas os habitantes de Jayatura ficaram muito angustiados; eles temiam uma seca em seu próprio país. Eles reclamaram ao Rei Sanjaya: “Meu senhor”, disseram, “o ato do seu filho foi repreensível. Seu elefante protegia-nos da fome. O que será de nós agora, se o céu retiver a sua chuva? Mostre-lhe impiedade, oh Rei; faça-lhe pagar por essa loucura com sua própria vida”. O rei chorou. Ele tentou colocá-los para fora com promessas, às quais, inicialmente, eles não ouviriam, mas finalmente cederam e exigiram que o príncipe fosse exilado em algum deserto remoto e rochoso. O rei foi obrigado a dar o seu consentimento. “Quando meu filho ouvir sobre o seu exílio”, pensou Sanjaya, “ele vai senti-lo em seu coração”. Mas este não foi o caso. Visvantara simplesmente disse: “Deixarei (Jayatura) amanhã, pai, e não levarei nenhum dos meus tesouros comigo”. E então ele foi ver Madri, sua princesa. “Madri”, disse ele, “devo deixar a cidade; meu pai exilou-me num deserto cruel, onde será difícil encontrar um meio de subsistência. Não venha comigo, oh amada; serão muito grandes as dificuldades que você terá de suportar. Você terá que deixar as crianças para trás, e eles morrerão de solidão. Fique aqui com eles; permaneça no seu trono de ouro; foi a mim que meu pai exilou, não a você”. “Meu senhor”, respondeu a princesa, “se você deixar-me para trás eu me matarei, e o crime vai bater à sua porta”. Visvantara permaneceu em silêncio. Ele olhou para Madri, e abraçou-a. “Venha”, disse ele. Madri agradeceu-lhe, e acrescentou: “levarei as crianças comigo; não posso deixá-las aqui, para morrer de solidão”. No dia seguinte, Visvantara teve sua carroça preparada; ele partiu com Madri, Jalin e Krishnajina, e como

A Vida do Buda

foram expulsos da cidade, o Rei Sanjaya e a Rainha Phusati choraram e soluçaram lamentavelmente.

O príncipe, sua esposa e as crianças já se encontravam longe da cidade quando viram um brâmane aproximando-se. “Viajante”, disse o brâmane, “esta é a estrada para Jayatura”? “Sim”, respondeu Visvantara, “mas por que você está indo para Jayatura”? “Venho de um país distante”, disse o brâmane. “Ouvi que lá em Jayatura vivia um príncipe generoso chamado Visvantara. Ele possuía um elefante maravilhoso que ele deu ao rei de [Kalinga](#). Ele é muito caridoso, disseram. Quero ver esse homem bondoso; quero pedir-lhe por uma doação. Sei que ninguém jamais recorreu a ele em vão”. Visvantara disse ao brâmane: “eu sou o homem que você procura; eu sou Visvantara, filho do Rei Sanjaya. Em razão de eu ter dado meu elefante ao rei de Kalinga, meu pai mandou-me para o exílio. O que posso dar-lhe, oh brâmane”? Quando ouviu essas palavras, o brâmane lamentou amargamente. Ele disse numa voz triste: “Então eles me enganaram! Deixei minha casa, cheio de esperança e, com desaponto, devo agora retornar!” Visvantara o interpelou: “Console-se, brâmane. Você não recorreu ao Príncipe Visvantara em vão”. Ele desatrelou os cavalos e lhos deu. O brâmane agradeceu seu benfeitor e partiu. Visvantara então seguiu em seu caminho. Ele mesmo estava puxando a carroça agora. Naquele momento, ele viu um outro brâmane aproximando-se. Era um homem pequeno, frágil e velho, com cabelos brancos e dentes amarelados. “Viajante”, ele disse ao príncipe, “esta é a estrada para Jayatura”? “Sim”, respondeu o príncipe, “mas por que você está indo para Jayatura”? “O rei daquela cidade tem um filho, o Príncipe Visvantara”, disse o brâmane. “Visvantara, de acordo com as histórias que tenho ouvido, é extremamente caridoso; ele salvou o reinado de Kalinga da fome, e o que quer que seja solicitado dele nunca é recusado. Irei a Visvantara, e sei que ele não negará o meu pedido”. “Se você vai a Jayatura”, disse o príncipe, “você não verá Visvantara; seu pai o exilou num deserto”. “Ai de mim”, lamentou o brâmane. “Quem

A Vida do Buda

agora poderá me ajudar na minha frágil velhice? Toda a esperança que eu tinha se foi, e retornarei para minha casa tão pobre quanto quando a deixei!” Ele chorou. “Não chore”, disse Visvantara; “eu sou o homem que você procura. Você não me encontrou em vão. Madri, Jalin, Krishnajina, desçam da carroça! Ela não me pertence mais: Eu lha dei a este velho homem”. O brâmane ficou muito feliz. Os quatro exilados seguiram em seu caminho. Seguiam agora a pé, e quando as crianças estavam cansadas, Visvantara carregava Jalin, e Madri carregava Krishnajina. Alguns dias depois, eles viram um terceiro brâmane se aproximando. Ele estava indo para Jayatura para ver o Príncipe Visvantara e pedir-lhe por esmolas. O príncipe despojou-se de suas roupas, no sentido de que o brâmane não lhe deixasse de mãos vazias. Então, ele seguiu. E um quarto brâmane aproximou-se. Sua pele estava escura, seu olhar feroz e imperioso. “Diga-me”, ele disse em uma voz áspera, “esta é a estrada para Jayatura”? “Sim”, respondeu o príncipe, “e o que o leva a Jayatura”? O brâmane desejava ver Visvantara, que estava certo de dar-lhe um magnífico presente. Quando ele ouviu que estava na presença de um infeliz, um príncipe exilado, ele não chorou; em uma voz irada, ele disse, foi um caminho difícil de ser percorrido, e não deve ter sido em vão. Indubitavelmente você deve ter trazido consigo alguma jóia valiosa que você pode dar-me”. Madri estava usando um colar de ouro. Visvantara pediu-lhe o colar; ela sorriu e lho entregou, e o brâmane pegou o colar e foi-se embora. Visvantara, Madri, Jalin e Krishnajina continuaram a caminhar. Atravessaram correntezas furiosas; subiram ravinas cobertas de vegetação rasteira; viajaram através de planícies rochosas fustigadas por um sol impiedoso. Os pés de Madri estavam cortados pelas pedras; os calcanhares de Visvantara estavam gastos até os ossos, e por onde quer que passassem, deixavam uma trilha de sangue. Certo dia, Visvantara, que estava caminhando adiante, ouviu alguém chorando. Ele voltou-se para trás e viu Madri sentada no chão, lamentando seu destino. Ele ficou tomado pela angústia, e disse: “Eu insisti e implorei a você, minha amada, que não me seguisse no exílio, mas você não me ouviu. Venha,

A Vida do Buda

levante-se; embora seja grande o nosso cansaço, as crianças não devem sofrer por ele; não devemos mentalizar as nossas feridas”. Madri viu que seus pés estavam sangrando, e ela chorou: “Oh, quão maior é o seu sofrimento que o meu! Controlarei a minha dor”. Ela tentou levantar, mas seus membros cederam, e novamente ela caiu em prantos. “Todas as minhas forças se foram”, ela soluçou; “mesmo o amor que eu nutria por meu marido e minhas crianças não é suficiente para sustentar a minha coragem. Morrerei de fome e de sede nesta terra terrível; minhas crianças morrerão, e talvez meu bem-amado”.



[Madri desfalece no exílio de Visvantara - clique na imagem para site de origem.](#)

A Vida do Buda

A Cidade de Indra

24/01/2012 às 11:23

Do céu, [Indra](#) vinha acompanhando Visvantara e sua família. Ele estava sensibilizado pela aflição de Madri, e decidiu descer à terra. Ele assumiu a forma de um gentil homem de idade e, montado em um cavalo veloz, ele avançou ao encontro do príncipe. Ele abordou Visvantara e se dirigiu a ele de uma maneira envolvente. “Pela sua aparência, meu senhor, fica evidente que você tem sofrido grandes dificuldades. Há uma cidade não muito longe daqui. Mostrarei a você o caminho. Você e sua família devem vir para minha casa e lá permanecer o quanto queiram”. O velho homem estava sorrindo. Ele pediu que os quatro exilados subissem em seu cavalo, e como Visvantara parecia hesitar, ele disse: “O cavalo é poderoso, e você não é pesado. Quanto a mim, seguirei a pé, não me cansará, pois não temos muito a caminhar”. Visvantara ficou atônito ao saber que uma cidade havia sido construída naquele deserto cruel; além disso, ele nunca tinha ouvido falar dessa cidade. Mas a voz do velho homem era tão gentil que ele decidiu segui-lo, e Madri estava tão cansada que ele aceitou o convite para montar com ela e as crianças.

Eles haviam caminhado cerca de trezentos passos quando uma magnífica cidade apareceu diante deles. Era imensa. Um majestoso rio fluía através dela, e havia muitos belos jardins e pomares cheios de frutas maduras. O velho homem conduziu seus convidados até os portões de um palácio brilhante. “Aqui é minha casa”, disse ele; “aqui, se desejarem, vocês poderão residir pelo resto de suas vidas. Por favor, entrem”. No grande salão, Visvantara e Madri sentaram-se em tronos de ouro; aos seus pés, as crianças brincavam em espessos tapetes, e o velho homem presenteou-os com robes muito belos. Comidas raras então lhes foram servidas, e eles aplacaram a sua fome. Mas, Visvantara estava perdido em pensamentos. De repente, ele levantou-se de seu assento, e disse ao velho homem: “Meu senhor, estou

A Vida do Buda

desobedecendo as determinações de meu pai. Ele baniu-me de Jayatura, onde ele é rei, e ordenou-me a passar o resto de minha vida no deserto. Não devo desfrutar desses confortos, porque foram (a mim) proibidos. Meu senhor, permita-me deixar sua casa”. O velho homem tentou dissuadi-lo, mas em vão; e seguido por Madri e as crianças, Visvantara deixou a cidade. De fora dos portões, ele voltou-se para lançar um último olhar, mas a cidade havia desaparecido; onde ele havia estado, agora era somente areia ardente. E Visvantara ficou feliz por não ter permanecido (lá) por mais tempo.



Visvantara e sua família na Cidade de Indra. Clique na imagem para site de origem.

A Vida do Buda

Os Expedientes de Indra

26/01/2012 às 8:13

Ele finalmente chegou à uma montanha, encoberta por uma imensa floresta, e lá ele encontrou uma cabana que um eremita ocupou certa vez. De folhas, ele fez uma cama para si e sua família, e ali, enfim, imperturbado pelo remorso, ele encontrou descanso e paz. Todos os dias, Madri ia floresta adentro para colher frutos silvestres; era a única comida que tinham, e bebiam a água de uma fonte límpida e borbulhante, que eles haviam descoberto próximo à cabana. Durante sete meses, eles não viram ninguém; então, certo dia, um brâmane passou por lá. Madri estava longe, colhendo frutos, e Visvantara estava olhando as crianças enquanto brincavam na frente da cabana. O brâmane parou e observou-os cuidadosamente. “Amigo”, disse ele ao pai, “você me daria suas crianças”? Visvantara ficou tão surpreso que foi incapaz de responder. Ele olhou ansiosamente para o brâmane que, novamente, o questionou: “Sim, você me daria suas crianças? Eu tenho uma esposa, muito mais jovem do que eu. Antes de tudo, ela é uma mulher ativa. Está cansada de fazer as tarefas do lar, e pediu-me para encontrar duas crianças que pudessem ser seus escravos. Por que não me dá as suas? Você parece ser muito pobre; deve ser difícil para você alimentá-los. Em minha casa eles terão fartura de alimentos, e eu farei com que minha esposa os trate tão gentilmente quanto possível”. Visvantara pensou: “Que sacrifício doloroso estou sendo solicitado a fazer. O que farei? Apesar do que diz o brâmane, minhas crianças serão muito infelizes em sua casa; sua esposa é cruel, ela lhes baterá e lhes dará somente restos de comida. Mas, uma vez que ele tenha solicitado-me por elas, eu tenho o direito de recusar”? Ele pensou um pouco mais, e então finalmente disse: “Leve as crianças com você, brâmane; deixe-os ser escravos da sua esposa”. E Jalin e Krishnajina, com suas faces banhadas em lágrimas, foram embora com o brâmane. Madri, neste ínterim, tinha estado colhendo romãs, mas cada vez que ela arrancava

A Vida do Buda

uma da árvore, ela escapava das suas mãos. Isto amedrontou-lhe, e ela correu de volta para a cabana. Ela sentiu a falta dos filhos, e voltando-se para o marido, perguntou-lhe: “Onde estão as crianças”? Visvantara estava soluçando. “Onde estão as crianças”? Ainda nenhuma resposta. Ela repetiu a questão uma terceira vez: “Onde estão as crianças”? E acrescentou: “Responda, responda logo. Seu silêncio está me matando”. Visvantara falou, com uma voz triste, ele disse: “Um brâmane veio; ele queria as crianças para escravos”! “E você os deu a ele?”, gritou Madri. “Eu poderia recusar”? Madri desmaiou; ficou inconsciente por um longo tempo. Quando ela se recobrou, suas lamentações eram tristes. Ela clamava: “Oh, minhas crianças, vocês que me despertavam do meu sono à noite, vocês que me davam o melhor dos frutos que eu havia colhido, um homem mau os levou para longe! Posso vê-lo forçando-os a trabalhar, vocês que mal aprenderam a caminhar. Naquela casa, vocês passarão fome; serão brutalmente espancados. Vocês estarão trabalhando na casa de um estranho. Vocês furtivamente espreitarão as estradas, mas nem pai e nem mãe verão novamente. Seus lábios ressecarão; seus pés serão feridos pelas pedras cortantes; o sol queimará suas faces. Oh, minhas crianças, sempre fomos capazes de poupá-los das dificuldades que tivemos que enfrentar. Carregamos-lhes através do temeroso deserto; vocês não sofriam então, mas agora, quanto será o seu sofrimento”? Ela ainda estava chorando quando um outro brâmane chegou através da floresta. Era um homem velho e caminhava com grande dificuldade. Ele olhou para a princesa com os olhos lacrimejantes, e então dirigiu-se ao Príncipe Visvantara: “Meu senhor, como você vê, estou velho e fraco. Não há ninguém em casa para ajudar-me quando me levanto pela manhã ou quando vou dormir à noite; não tenho filhos ou filhas para cuidar de mim. Ora, essa mulher é jovem; parece muito forte. Deixe-me levá-la como empregada. Ela me ajudará a levantar; e me colocará para dormir; e tomará conta de mim enquanto durmo. Dê-me essa mulher, meu senhor; você estará fazendo uma boa ação, uma ação sagrada, a qual será enaltecida por todo mundo”. Visvantara havia escutado

A Vida do Buda

atentamente; estava pensativo. Olhou para Madri, e disse: “Amada, você ouviu o que o brâmane disse; o que você responderia”? Ela respondeu: “Uma vez que você deu nossas crianças: Jalin, o mais amado, e a querida Krishnajina; então você pode dar-me a esse brâmane; não reclamarei”. Visvantara pegou as mãos de Madri e colocou-as nas mãos do brâmane. Ele não sentiu remorso; nem mesmo chorou. O brâmane recebeu a mulher; agradeceu ao príncipe e disse: “Você pode conhecer a grande glória, Visvantara; você pode tornar-se um Buda algum dia”! Ele começou a se afastar mas virou, de repente, e voltou para a cabana. E disse: “procurarei uma empregada em alguma outra terra; deixarei essa mulher aqui, para ficar com os Deuses da montanha, e as Divindades da floresta e da fonte; e, doravante, você não deve dá-la a mais ninguém”. Enquanto o velho homem estava falando, sua aparência gradualmente mudou; ele tornou-se muito belo; sua face era gloriosamente radiante. Visvantara e Madri reconheceram [Indra](#). Eles caíram aos seus pés e adoraram-lhe; e o Deus disse-lhes: “Cada um de vocês pode pedir-me um favor, e será atendido”. Visvantara disse: “Oh, que eu possa tornar-me o Buda algum dia e trazer a libertação para aqueles que nascem e que morrem nas montanhas”! Indra respondeu: “Glória a você que, um dia, será o Buda”! Madri falou a seguir: “Meu senhor, atenda meu pedido: que o brâmane, a quem minhas crianças foram dadas, decida vendê-las ao invés de mantê-las em sua casa, e que ele encontre um comprador justamente em Jayatura, e que o comprador seja o próprio Sanjaya”. Indra respondeu: “Assim será!” Conforme ele ascendeu ao céu, Madri murmurou: “Oh, que o Rei Sanjaya perdoe seu filho”! E ela ouviu o Deus dizer: “Assim será”!

O Resgate de Jalin e Krishnajina

27/01/2012 às 7:52

A Vida do Buda

Neste ínterim, Jalin e Krishnajina haviam chegado ao seu novo lar. A esposa do brâmane ficou muito satisfeita com esses dois jovens escravos, e não perdeu tempo em colocá-los para trabalhar. Ela se deleitava em dar ordens, e as crianças tinham que obedecer ao seu menor capricho. No início, eles fizeram o possível para satisfazer os seus desejos, mas ela era uma ama tão exigente que logo eles perderam toda a vontade de agradá-la, e muitas foram as repreensões e castigos que eles receberam. Quanto mais severamente eles eram tratados, mais desencorajados se tornavam, e a mulher, finalmente, disse ao brâmane: “Não posso fazer nada com essas crianças. Venda-os e traga-me outros escravos, escravos que saibam como trabalhar e obedecer”. O brâmane pegou as crianças e foi de cidade em cidade, tentando vendê-los, mas ninguém compraria: o preço era muito alto. Ele finalmente chegou a Jayatura. Um dos conselheiros do rei passou por eles na rua; olhou para as crianças, seus corpos emaciados e faces queimadas pelo sol, e de repente, reconheceu-os por seus olhos. Ele parou o brâmane e indagou: “Onde você obteve essas crianças”? “Eu as obtive na floresta da montanha, meu senhor”, respondeu o brâmane. “Eles foram dados a mim para escravos; eram indisciplinados, e agora estou tentando vendê-los”. O conselheiro do rei ficou ansioso, voltou-se para as crianças e indagou: “Será que essa servidão significa que seu pai está morto”? “Não”, respondeu Jalin, “ambos nossos pais estão vivos, mas meu pai deu-nos para esse brâmane”. O conselheiro correu para o palácio do rei. “Meu senhor”, ele gritou, “Visvantara deu seus netos, Jalin e Krishnajina, a um brâmane. Eles são seus escravos. Ele está insatisfeito com seus serviços, e está levando-os de cidade em cidade, com a intenção de vendê-los!” O Rei Sanjaya ordenou ao brâmane que as crianças fossem logo trazidas para diante dele. Elas logo foram encontradas, e quando o rei viu a miséria que havia advindo a essas crianças da sua raça, ele chorou amargamente. Jalin dirigiu-se a ele numa voz suplicante: “Compre-nos, meu senhor, pois somos infelizes na casa do brâmane, e desejamos viver com você, que nos ama. Mas não tome-nos a força; nosso pai deu-nos ao brâmane, e desse sacrifício ele

A Vida do Buda

espera receber uma grande bênção, para si e para todas as criaturas”. “Qual o preço que você quer pelas crianças?”, indagou o rei ao brâmane. “Você pode obtê-las por mil cabeças de gado”, respondeu o brâmane. “Muito bem!” O rei voltou-se para o seu conselheiro e disse: “Você que agora assumirá um posto próximo a mim em meu reinado, dê a esse brâmane as mil cabeças de gado, e pague-lhe também mil medidas de ouro”. Então o rei, acompanhado por Jalin e Krishnajina, foi à Rainha Phusati. Ao ver os seus netos, ela ria e chorava de alegria; vestiu-lhes em roupas finas, e deu-lhes anéis e colares para usar. Então, ela indagou-lhes sobre seu pai e sua mãe. “Eles vivem numa cabana rude, na floresta, ao sopé de uma montanha”, disse Jalin. Eles têm doado todas as suas posses. Vivem de frutos e água, e suas únicas companhias são os animais selvagens da floresta”. “Oh, meu senhor”, clamou Phusati, “você não resgatará seu filho do exílio”?



**André Felipe e Fernanda Regina, meus filhos, no sítio da Dôra em
14/01/2012. Foto de Diego Raphael.**

A Vida do Buda

Visvantara era o Buda

31/01/2012 às 9:48

O rei Sanjaya enviou um mensageiro ao Príncipe Visvantara; ele perdoou-lhe, e ordenou-lhe a voltar para Jayatura. Quando o príncipe aproximou-se da cidade, ele viu seu pai, sua mãe e suas crianças avançando para saudá-lo. Eram acompanhados por uma grande multidão de pessoas que tinham ouvido sobre os sofrimentos de Visvantara e da sua virtude, e que agora perdoavam e admiravam-lhe. E o rei disse ao príncipe: “Querido filho, cometi uma grande injustiça com você; saiba do meu remorso. Seja gentil comigo: esqueça meu erro! Seja gentil para com os habitantes da cidade: esqueça que eles alguma vez se enganaram com você. Nunca mais seus atos de caridade nos ofenderão.”

Visvantara sorriu e abraçou seu pai, enquanto Madri acariciava Jalin e Krishnajina, e Phusati chorava de alegria. E quando o príncipe passou através dos portões da cidade, foi aclamado em voz uníssona. Ora, **Visvantara era Eu**, oh [Shakyas](#)! Vocês aclamaram-me como eles certa vez aclamaram-no. Trilhem o caminho que conduz à libertação.”

O Bem-Aventurado ficou em silêncio. Os Shakyas haviam ouvido atentamente; e agora curvaram-se diante dele e retiraram-se. No entanto, nenhum deles havia pensado em oferecer-lhe sua refeição no dia seguinte.

13. A História de Dharmapala

A Admoestação de Suddhodana

01/02/2012 às 10:42

No dia seguinte, o Mestre foi cidade a fora, esmolando sua comida de casa em casa. Ele logo era reconhecido, e o povo de [Kapilavastu](#) exclamava:

“Que estranha visão! O Príncipe Siddhartha, que outrora percorrera essas ruas trajado em robes magníficos, agora perambula de porta em porta, esmolando por comida, nos trajes humildes de um monge.”

E eles corriam para as janelas; ascendiam aos terraços, e grande era sua admiração pelo pedinte.

Uma das donzelas de [Gopa](#) ouviu os comentários quando estava deixando o palácio. Ela perguntou o motivo e a ela foi dito. Ela imediatamente correu de volta para a sua senhora.

“Seu marido, o Príncipe Siddhartha”, disse ela, “está perambulando pela cidade, como um monge mendicante!”

Gopa deu um salto. Ela pensou: “Ele que outrora, por todas as suas lindas jóias, foi radiante em luz, agora veste roupas grosseiras, agora tem como único adorno o brilho divino da sua pessoa”. E murmurou: “Quão belo ele deve estar!”

Ela ascendeu ao terraço do palácio. Circundado por uma multidão de pessoas, o Mestre vinha se aproximando. Um majestoso esplendor

A Vida do Buda

emanava da sua pessoa. Gopa estremeceu de alegria, e com uma voz cheia de fervor, ela cantou:

“Macio e brilhante é seu cabelo, resplandecente como o sol é sua fronte, radiante e sorridente é seu semblante! Ele espreita como um leão através da luz dourada!”

Ela foi ao Rei.

“Meu senhor”, disse ela, “seu filho está esmolando nas ruas de Kapilavastu. Uma multidão de admiradores segue-o, porque ele está mais belo do que nunca.”

[Suddhodana](#) ficou muito perturbado. Ele deixou o palácio, e aproximando-se do seu filho, disse-lhe:

“O que você está fazendo? Por que você esmola por sua comida? Certamente, você deve saber que lhe espero no palácio, você e seus discípulos.”

“Devo esmolar”, respondeu o Bem-Aventurado; “Devo obedecer a lei.”

“Somos uma raça de guerreiros”, disse o Rei; “nenhum [Shakya](#) jamais foi pedinte.”

Dharmapala

02/02/2012 às 9:51

“Você pertence à raça [Shakya](#); Eu, no curso de minhas existências prévias, havia buscado a suprema sabedoria; Eu aprendi a beleza da caridade; Eu conheci a alegria do auto-sacrifício. Quando eu era a criança [Dharmapala](#), a rainha, minha mãe, estava brincando comigo

A Vida do Buda

certo dia, e esqueceu de cumprimentar meu pai, o Rei Brahmadata, conforme ele passou por nós. No sentido de puni-la, ele ordenou a um dos guardas a cortar as minhas mãos, por pensar que machucaria minha mãe muito mais ver-me sofrer, do que o sofrimento dela em si. Minha mãe implorou-lhe e ofereceu suas mãos (em meu lugar), mas ele era inexorável, e foi obedecido. Eu estava sorrindo, e ao ver-me sorrir, logo surgiu um sorriso na face de minha mãe. Meu pai então ordenou ao guarda cortar meus pés. Isto foi feito, e ainda eu continuava a sorrir. Num acesso de fúria, ele gritou: ‘Corte sua cabeça!’ Minha mãe ficou aterrorizada; ela prostrou-se diante dele: ‘Corte a minha cabeça’, ela implorou, ‘mas poupe o seu filho, oh Rei!’ O Rei estava prestes a ceder quando eu falei numa voz infantil: ‘Mãe, é para sua salvação que ofereço a minha cabeça. Quando eu estiver morto, deixe meu corpo ser colocado numa lança e exposto à vista; deixe-o ser comida para os pássaros do ar’. E, conforme o carrasco agarrou-me pelos cabelos, eu acrescentei: ‘Oh, que eu possa tornar-me o Buda e libertar todos os que nascem e que morrem em todos os mundos!’

E agora, [Rei Suddhodana](#), finalmente atingi a sabedoria; Eu sou o Buda; Eu conheço o caminho que leva à libertação. Não me perturbe em minha tarefa. Fique desperto (atento), seja rápido na apreensão; siga o caminho sagrado da virtude. Ele (o Buda) repousa na paz de quem leva uma vida de santidade, Ele repousa na terra e nos outros mundos.”

O Rei Suddhodana chorou com admiração. O Buda continuou:

“Aprenda a distinguir a verdadeira virtude da falsa virtude; aprenda a distinguir o verdadeiro caminho daquele que é falso. Ele repousa na paz de quem leva uma vida de santidade, Ele repousa na terra e nos outros mundos!”

A Vida do Buda

O rei caiu aos seus pés; acreditou nele, completamente. O Bem-Aventurado sorriu, e então entrou no palácio e sentou-se à mesa de seu pai.

14. A Grande Virtude de Gopa

A Grande Virtude de Gopa

03/02/2012 às 10:38

Naquela ocasião, as mulheres do palácio vieram prestar homenagem ao Mestre. Somente [Gopa](#) estava ausente.

“Solicitei à ela que viesse conosco”, disse Mahaprajapati. “Não irei com vocês’, ela respondeu. ‘Posso estar carente em virtude; posso não merecer ver o meu marido. Se nada fiz de errado, ele virá a mim de sua própria vontade, e eu então mostrarei o respeito que lhe é devido’.”

O Mestre deixou o seu assento e foi aos aposentos de Gopa. Ela havia se despojado de suas indumentárias caras e seus véus leves; havia deixado de lado seus braceletes e seus colares; estava trajada num robe avermelhado, feito de algum tecido grosseiro. Ao vê-la vestida assim, ele sorriu de felicidade. Ela caiu aos seus pés e o reverenciou.

“Veja”, disse ela, “quiz vestir-me como você está vestido; procurei saber sobre sua vida no sentido de viver como você vive. Você come não mais que uma vez ao dia, e eu como não mais que uma vez ao dia. Você desistiu de dormir em uma cama; olhe ao redor: nenhuma cama você verá, e aqui está o tablado sobre o qual eu durmo. E de agora em diante, acabarei com os perfumes doces, e não mais colocarei flores no meu cabelo.”

A Vida do Buda

“Estava ciente da sua grande virtude, Gopa”, respondeu o Mestre. “Você não falhou, e eu te louvo por isso. Quantas mulheres há neste mundo que teriam a coragem de fazer o que você fez?”

E sentando-se, ele disse essas palavras:

“As mulheres não são confiáveis. Para cada uma que é sábia e boa, mais que mil podem ser encontradas que são tolas e perversas. A mulher é mais misteriosa que o caminho de um peixe através da água; é tão cruel quanto um ladrão, e como o ladrão, ela é enganosa; ela raramente dirá a verdade, pois para ela uma mentira é como uma verdade e a verdade é como uma mentira. Frequentemente digo aos meus discípulos para evitar as mulheres. Desagrada-me até ter de falar-lhes. No entanto você, Gopa, não é falsa; acredito em sua virtude. Virtude é uma flor não facilmente encontrada, uma mulher deve ter olhos límpidos para poder vê-la; ela deve ter as mãos puras a fim de colhê-la. Mara esconde suas flechas aguçadas sob as flores. Oh, quantas mulheres adoram flores traiçoeiras, flores que infligem feridas que nunca cicatrizam! Mulheres infelizes! O corpo é nada mais que espuma, e elas não o conhecem. Elas apegam-se a esse mundo, e então vem o dia quando o Rei da Morte as reivindica para si. O corpo é menos substancial que uma miragem: quem o sabe quebrará as setas floridas de Mara, quem o sabe nunca encontrará o Rei da Morte. A morte leva embora a mulher que colhe flores descuidadamente, exatamente como a correnteza, engrossada pela tempestade, leva embora a aldeia sonolenta. Colha flores, oh mulher, deleite em suas cores, beba o seu perfume; a morte está a espreita por você, e antes que esteja satisfeita, você será dela. Considere a abelha: ela vai de flor em flor e, sem ferí-las, simplesmente pega o néctar do qual o mel é feito.”

15. Nanda Renuncia à Realeza

A Conversão de Nanda

07/02/2012 às 10:38

Quando **Siddharta** se retirou do mundo, o Rei **Suddhodana** havia escolhido **Nanda**, um outro dos seus filhos, para sucedê-lo no trono. Nanda ficara feliz de pensar que um dia ele seria rei, e ficara também feliz com a idéia de seu casamento vindouro com a princesa Sundarika, a bela Sundarika a quem ele amava ternamente.

O Mestre temia por seu irmão; estava temeroso de que ele se perdesse no caminho do mal. Certo dia, foi a ele e disse-lhe:

“Vim a você, Nanda, porque sei que você está muito feliz, e quero ouvir de seus próprios lábios a razão para essa felicidade. Então fale, Nanda; desnude seu coração para mim.”

“Irmão”, respondeu Nanda, “Duvido que você compreenda, pois uma vez que você desprezou o poder soberano, eu e você desistimos do amor de Gopa!”

“Você espera ser rei algum dia, e esse é o porquê você está feliz, Nanda!”

“Sim. E eu estou tão feliz porque eu amo Sundarika, e porque Sundarika logo será minha noiva.”

“Pobre homem!”, lamentou o Mestre. “Como pode estar feliz, você que vive na escuridão? Você quer ver a luz? Então primeiro livre-se da felicidade: o medo nasce da felicidade, medo e sofrimento. Nem teme e

A Vida do Buda

nem sofre aquele que não sente mais felicidade. Livre-se do amor: o medo nasce do amor, medo e sofrimento. Nem teme e nem sofre aquele que não sente mais amor. Se você busca a felicidade no mundo, seus esforços serão em vão, o seu prazer se tornará dor; a morte está sempre presente, pronta para desabar sobre o infeliz e calar o seu riso e o seu cântico. O mundo é nada mais que chamas e fumaça, e todas as coisas no mundo sofrem pelo nascimento, pela velhice e pela morte. Desde que você lamentavelmente começou a vagar de existência para existência, você tem derramado mais lágrimas do que as águas que há nos rios ou nos mares. Você tem entristecido e tem chorado por ter sido contrariado em seus desejos, e tem chorado e entristecido quando aconteceu o que você temia. A morte da mãe, a morte do pai, a morte dos irmãos, a morte das irmãs, a morte de um filho, a morte de uma filha, oh, quantas vezes, através dos tempos, essas coisas não lhe causaram dor de cabeça? E quantas vezes você não perdeu a sua fortuna? E cada vez que você teve motivos para tristeza, você chorou, chorou e chorou, e derramou mais lágrimas do que as águas que há nos rios ou nos mares!”

Nanda, num primeiro momento, prestou pouca atenção ao que o Buda estava dizendo, mas conforme começou a ouvir, aquelas palavras tocaram-no profundamente. O Mestre continuou:

“Olhe para o mundo como uma bolha de sabão; como se fosse apenas um sonho, e a morte soberana passará por você.”

E ficou em silêncio.

“Mestre, Mestre”, clamou Nanda, “Serei seu discípulo! Leve-me com você.”

A Vida do Buda

Nanda Renuncia à Realeza

08/02/2012 às 11:21

O Mestre tomou Nanda pelas mãos e deixou o palácio. Mas Nanda estava pensativo; estava com medo que tivesse sido precipitado. Talvez se arrependesse amargamente pelo que tinha feito. Afinal, o que quer que fosse dito (a respeito do mundo), era prazeroso e nobre o exercício do poder soberano. E Sundarika? “Quão bela ela é”, ele pensou; “será que a verei novamente?” E soltou um suspiro profundo.

Mas ele ainda seguia o Mestre. Estava com medo de falar-lhe. Não só temia a sua repreensão como temia o seu desprezo.

Subitamente, conforme dobraram uma esquina, ele viu uma jovem donzela se aproximando. Ela estava sorrindo. Ele reconheceu Sundarika, e baixou seus olhos.

“Onde você está indo?”, ela indagou-lhe.

Ele não respondeu. Ela voltou-se para o Mestre. “Você o está levando consigo?”

“Sim”, respondeu o Mestre.

“Mas ele voltará logo?”

Nanda queria gritar: “Sim, voltarei logo Sundarika!” Mas ele estava com medo, e sem uma palavra, com os olhos ainda abatidos, ele se foi com o Mestre.

Então Sundarika soube que Nanda estava perdido para ela, e chorou.

16. O Buda Deixa Kapilavastu

A Herança de Rahula

09/02/2012 às 7:44

Certo dia, a amável **Gopa** estava olhando para seu filho **Rahula**.

“Quão belo você é, meu filho!”, ela exclamou. “Como seus olhos brilham! Seu pai lhe deve uma herança piedosa; você deve ir e reivindicá-la.”

Mãe e filho ascenderam ao terraço do palácio. O Bem-Aventurado estava passando na rua abaixo. Gopa disse a Rahula:

“Rahula, você vê aquele monge?”

“Sim, mãe”, respondeu a criança. “Seu corpo está coberto de ouro”.

“Ele é tão belo quanto os Deuses do céu! É a luz da santidade que faz sua pele reluzir como ouro. Eu o amo, meu filho, o amo ternamente, pois ele é seu pai. Outrora, ele possuiu grandes tesouros; possuía ouro, prata e jóias de brilhantes; agora, ele vai de casa em casa, esmolando por sua comida. Mas ele adquiriu um tesouro maravilhoso: atingiu a suprema sabedoria. Vá até ele, meu filho; diga-lhe quem você é, e requeira a sua herança.”

Rahula obedeceu à sua mãe. Pôs-se de pé diante do Buda. Sentia-se estranhamente feliz.

“Monge”, disse ele, “é maravilhoso estar aqui, sob sua sombra.”

A Vida do Buda

O Mestre olhou para ele. Era um olhar terno, e Rahula, sentindo-se acolhido, começou a caminhar ao seu lado. Relembrando as palavras de sua mãe, ele disse:

“Sou seu filho, meu senhor. Sei que o senhor possui o maior dos tesouros. Pai, dê-me minha herança.”

O Mestre sorriu. Não respondeu. Continuou a esmolar. Mas Rahula permaneceu ao seu lado; continuou seguindo-o e repetia:

“Pai, dê-me minha herança.”



O jovem Príncipe Rahula solicitado por sua mãe a pedir sua herança. Imagem via Wikipedia.

Por fim, o Mestre falou:

“Filho, você nada sabe sobre este tesouro que você tem ouvido os humanos louvarem. Quando você reclama a sua herança, pensa que está reivindicando coisas materiais de natureza perecível. Os únicos

A Vida do Buda

tesouros conhecidos por você são aqueles cobiçados pela vaidade humana, tesouros que a morte voraz arranca do falso rico. Mas por que deveria você ser mantido na ignorância? Você está certo de reclamar sua herança, Rahula. Você terá seu quinhão dos tesouros que são meus. Você verá os sete tesouros; você conhecerá as sete virtudes, e aprenderá o verdadeiro valor da fé e da pureza, da modéstia e cautela (reserva), da obediência, da abnegação e sabedoria. Venha, eu o colocarei a cargo do Sagrado Shariputra; ele lhe ensinará.

O Buda Deixa Kapilavastu

09/02/2012 às 10:46

Rahula foi com seu pai, e Gopa alegrou-se. O rei Suddhodana, somente, ficou triste: sua família estava lhe abandonando! Ele não poderia deixar de falar o seu sentimento para o Mestre.

“Não sofra”, respondeu o Mestre, “pois grande é o tesouro que compartilharão aqueles que ouvirem minhas palavras e seguirem-me! Suporte a sua dor em silêncio; seja como o elefante ferido em batalha pelas lanças do inimigo: ninguém ouve a sua queixa. Reis montam na batalha sobre elefantes que estão sob absoluto controle; no mundo, o grande homem é aquele que aprendeu a controlar-se, o homem que suporta a sua dor em silêncio. Aquele que é verdadeiramente humilde, que doma (refreia) suas paixões como se doma cavalos selvagens, é invejado pelos Deuses. Ele não comete o mal. Nem nas cavernas da montanha, e nem nas grutas oceânicas, pode-se escapar das conseqüências de uma má ação; elas (as más ações) o seguem; elas fustigam-lhe; elas levam-no à loucura, pois não lhe dão paz! Mas se você faz o bem, quando você deixar a terra as suas boas ações lhe saudarão, como amigos após o seu regresso de uma viagem. Vivemos em perfeita felicidade, nós que somos sem ódio num mundo cheio de ódio. Vivemos em perfeita felicidade, nós que somos sãos num mundo

A Vida do Buda

cheio de doenças. Vivemos em perfeita felicidade, nós que somos incansáveis num mundo cheio de cansaço. Vivemos em perfeita felicidade, nós que nada possuímos. Alegria é a nossa comida, e somos como Deuses radiantes. O monge que vive em solidão preserva uma alma que é cheia de paz; ele contempla a verdade com um olhar límpido e calmo, e desfruta de uma felicidade desconhecida pelos mortais comuns.”

Tendo consolado o Rei Suddhodana com essas palavras, o Bem-Aventurado deixou [Kapilavastu](#) e retornou à [Rajagriha](#).



[Monte Gridhrakuta em Rajagriha. Click na imagem para post de origem.](#)

17. Oferecimento de Anathapindika

O Oferecimento de Anathapindika

14/02/2012 às 9:54

O Mestre estava em [Rajagriha](#) quando um rico mercador chamado [Anathapindika](#) (Sudatta) chegou de Cravasti. Anathapindika era um homem religioso, e quando ele ouviu que um Buda estava vivendo no Bosque dos Bambús, ele ficou ansioso para vê-lo.

Certa manhã ele partiu e, conforme entrou no Bosque, uma voz divina o guiou para onde o Mestre se encontrava sentado. Ele foi saudado com palavras de boas vindas; presenteou a comunidade com uma magnífica doação, e o Mestre prometeu visitá-lo em Cravasti.

Quando retornou para casa, Anathapindika começou a se perguntar onde ele poderia receber o Bem-Aventurado. Seus jardins não pareciam dignos de tal hóspede. O mais belo parque na cidade pertencia ao Príncipe Jeta, e Anathapindika decidiu comprá-lo.

“Venderei o parque”, disse-lhe Jeta, “se você cobrir o chão com moedas de ouro.”

Anathapindika aceitou os termos. Ele levou carroças carregadas de moedas de ouro para o parque e, naquela ocasião, somente uma pequena faixa de terra ficou descoberta. Então Jeta alegremente exclamou:

“O parque é vosso, mercador; terei prazer em vos dar a faixa que ainda está descoberta.”

A Vida do Buda

Anathapindika tinha o parque preparado para o Mestre; então ele enviou o seu mais fiel servo ao Bosque dos Bambús, para informar-lhe que ele agora estava preparado para recebê-lo em Cravasti.

“Oh Venerável!”, disse o mensageiro, “meu mestre prostra-se aos seus pés. Espera que você tenha sido poupado da ansiedade e doença, e que você não relute em cumprir a promessa que lhe fez. Você é esperado em Cravasti, oh Venerável!”

O Bem-Aventurado não havia esquecido a promessa que fez ao mercador Anathapindika; ele desejava cumpri-la, e disse ao mensageiro: “Eu irei!”. Ele aguardou por alguns dias; então pegou o seu manto e sua tigela de donativos, e seguido por um grande número de discípulos, partiu para Cravasti. O mensageiro foi à frente, para dizer ao mercador que ele estava chegando.

Anathapindika decidiu ir ao encontro do Mestre. Sua esposa, seu filho e sua filha o acompanharam, e eles foram assistidos pelos mais ricos habitantes da cidade. E quando eles viram o Buda, ficaram deslumbrados pelo seu esplendor; ele parecia estar andando num caminho banhado de ouro.

Eles o escoltaram até o Parque de Jeta, e Anathapindika disse-lhe:

“Meu senhor, o que devo fazer com esse parque?” “Doe-o para a comunidade, agora e para sempre”, respondeu o Mestre.

Anathapindika ordenou ao servo trazer-lhe uma bacia de ouro cheia de água. Ele derramou a água sobre as mãos do Mestre, e disse-lhe:

“Dôo este parque para a comunidade, governada pelo Buda, agora e para sempre.”

A Vida do Buda

“Muito bem!”, disse o Mestre. “Eu aceito a doação. Este parque será um refúgio feliz; aqui viveremos em paz, e encontraremos abrigo do calor e do frio. Nenhum animal vil entrará aqui: nem mesmo o zumbido de um mosquito perturbará o silêncio; e aqui haverá proteção da chuva, do vento cortante e do sol ardente. E este parque inspirará sonhos, pois aqui meditaremos hora após hora. É justo que tais doações sejam feitas para a comunidade. O homem inteligente, o homem que não negligencia seus próprios interesses, deve dar aos monges uma morada adequada; ele deve dar-lhes comida e bebida; ele deve dar-lhe roupas. Os monges, em retribuição, lhe ensinarão a lei, e aquele que conhece a lei é libertado do mal e atinge o **Nirvana**.”



Jetavana – o Parque de Jeta - Fonte Wikipedia. [Click na imagem para site de origem.](#)

A Vida do Buda

O Pensamento de Anathapindika

15/02/2012 às 9:16

O Buda e seus discípulos estabeleceram-se no [Parque de Jeta, Anathapindika](#) ficou feliz; mas, certo dia, um pensamento solene lhe ocorreu.

“Estou sendo efusivamente elogiado”, disse para si, “e, no entanto, o que é tão admirável em minhas ações? Ofereci doações ao Buda e aos monges, e por isso adquiri o direito à uma retribuição futura; mas minha virtude beneficia apenas a mim! Devo levar outros a compartilhar do privilégio. Irei através das ruas da cidade, e daqueles a quem encontrar, obterei doações para o Buda e para os monges. Assim, muitos participarão no bem que estiver fazendo.”

Ele foi a Prasenajit, Rei de Cravasti, que era um homem sábio e justo. Disse-lhe o que tinha decidido fazer, e o rei aprovou. Um arauto foi enviado através da cidade com sua proclamação real:

“Ouçam bem, habitantes de Cravasti! Daqui a sete dias, o mercador Anathapindika, montando um elefante, percorrerá as ruas da cidade. Ele pedirá a todos vocês por donativos, que ele então oferecerá ao Buda e aos seus discípulos. Cada um de vocês dêem-lhe tudo o que puderem dispor.”

No dia anunciado, Anathapindika montou o seu melhor elefante e andou através das ruas, pedindo a cada um por doações para o Mestre e para a comunidade. Eles juntaram-se em torno dele: este deu ouro, aquele prata; uma mulher tirou o seu colar, uma outra o seu bracelete, e uma terceira uma tornozeleira; e mesmo as mais humildes doações foram aceitas.

A Vida do Buda



[Caminhos no Parque de Jeta. Click na imagem para site de origem.](#)

A Menina de Cravasti

16/02/2012 às 9:30

Naquela ocasião, lá em Cravasti vivia uma jovem menina que era extremamente pobre. Ela tinha levado três meses para economizar dinheiro suficiente para comprar um pedaço de tecido grosseiro, do qual ela havia acabado de fazer um vestido para si. Ela viu [Anathapindika](#) cercado por uma grande multidão.

“O mercador Anathapindika parece estar esmolando”, ela disse à uma pessoa presente.

A Vida do Buda

“Sim, ele está esmolando”, foi a resposta.

“Mas se diz que ele é o homem mais rico em Cravasti. Por que ele estaria esmolando?”

“Você não ouviu a proclamação real sendo apregoada através das ruas, sete dias atrás?”

“Não!”

“Anathapindika não está coletando esmolas para si. Ele deseja que cada um participe do bem que ele está fazendo, e está pedindo por donativos para o Buda e seus discípulos. Todos aqueles que doarem adquirirão direito a uma retribuição futura.”

A jovem menina disse para si: “Nunca fiz nada digno de louvor. Seria maravilhoso fazer um oferecimento ao Buda. Mas sou pobre. O que tenho eu para dar?” Ela afastou-se, melancolicamente. Olhou para o seu novo vestido. “Tenho apenas esse vestido para oferecer-lhe. Mas não posso seguir nua através das ruas.”

Ela foi para casa e tirou o vestido. Então, pôs-se à janela e observou Anathapindika. Quando ele passou em frente à sua casa, ela jogou o vestido para ele. Ele o pegou e mostrou-lhe para seus servos.

“A mulher que jogou esse vestido para mim”, disse ele, “provavelmente nada mais tem a oferecer. Ela deve estar nua, se tem que ficar em casa e dar esmolas dessa maneira estranha. Vá! Tentem encontrá-la e vejam quem ela é.”

Os servos tiveram alguma dificuldade para encontrar a jovem menina. Finalmente viram-na, e constataram que seu mestre havia sido correto em sua suposição: o vestido que lhe fora atirado pela janela era toda a

A Vida do Buda

fortuna da menina pobre. Anathapindika ficou profundamente comovido; ordenou a seus servos trazerem muitas roupas bonitas e caras, e deu-as a essa donzela piedosa que havia oferecido seu único vestido.

Ela morreu no dia seguinte e renasceu como uma Deusa no céu de [Indra](#). Mas ela nunca esqueceu como ela tinha vindo a merecer tal recompensa e, certa noite, ela desceu à terra e foi ao Buda, e ele instruiu-lhe na lei sagrada.

18. Os Novos Discípulos

Os Novos Discípulos

17/02/2012 às 9:35

O Mestre permaneceu em Cravasti por algum tempo; então, deixou a cidade para retornar à [Rajagriha](#), onde o Rei Bimbisara o aguardava. Ele havia parado para descansar numa aldeia ao meio do caminho, quando viu sete homens aproximando-se. Ele os reconheceu. Seis eram parentes, e estavam entre os mais ricos e mais poderosos dos [Shakyas](#). Seus nomes eram [Aniruddha](#), Bhadrিকা, [Bhrigu](#), Kimbala, [Devadatta](#) e [Ananda](#). O sétimo era um barbeiro chamado [Upali](#).

Aniruddha, um dia havia dito para si que era uma desgraça que nenhum dos Shakyas tivesse se prontificado a seguir o Buda. Ele decidiu dar um bom exemplo, e como não havia nenhuma razão para esconder a sua intenção, ele a revelou primeiro para Bhadrিকা, que era o seu melhor amigo. Bhadrিকা aprovou a sua decisão, e depois de pensar um pouco, decidiu fazer o mesmo. Então, esses dois conquistaram Ananda, Bhrigu,

A Vida do Buda

Kimbala e Devadatta; por convencê-los de que não havia uma vocação mais elevada que aquela de um monge.

Os seis príncipes, então, partiram para juntar-se ao Buda. Eles mal tinham deixado [Kapilavastu](#) quando Ananda, olhando para Bhadríka, exclamou:

“Como agora, Bhadríka, você levaria uma vida de santidade, e manteria todos as suas jóias?”

Bhadríka enrubescou; mas então viu que Ananda também estava usando suas jóias, e respondeu sorridente:

“Olhe para si, Ananda.”

E agora foi Ananda que enrubescou.

Após o que todos se entreolharam, e perceberam que todos ainda estavam usando as suas jóias. Isso lhes fez sentirem-se envergonhados; baixaram seus olhares, e seguiram caminhando em silêncio ao longo da estrada quando encontraram o barbeiro Upali.

“Barbeiro”, disse Ananda, “Tome minhas jóias, dou-lhes a você!”

“E tome as minhas!”, disse Bhadríka.

Os outros também entregaram as suas jóias a Upali. Ele ficou à procura de uma explicação. Por que aqueles príncipes, que nunca o haviam visto antes, deveriam dar-lhe tais presentes? Ele deveria aceitá-los? Deveria recusá-los?

Aniruddha compreendeu a hesitação do Barbeiro. Então disse-lhe:

A Vida do Buda

“Não tenha receio de aceitar essas jóias. Estamos a caminho para juntarmo-nos ao grande eremita que nasceu para os Shakyas, estamos a caminho para juntarmo-nos a Siddhartha, que tornou-se o Buda. Ele nos instruirá na sabedoria, e nos submeteremos à sua lei.”

“Príncipes”, indagou o barbeiro, “vocês se tornarão monges?”

“Sim”, eles responderam.

Ele então pegou as jóias e partiu para a cidade. Mas, subitamente, ele pensou: “Estou agindo como um tolo. Quem acreditaria que os príncipes jogaram essas riquezas sobre mim? Eu serei tomado por um ladrão, ou talvez por um assassino. O mínimo que pode me acontecer é incorrer no profundo desagrado dos Shakyas. Não devo ficar com as jóias”. Ele pendurou-as numa árvore que ficava à beira da estrada. E pensou: “Aqueles príncipes estão dando um nobre exemplo. Eles tiveram a coragem de deixar seus palácios; a mim, que nada sou, faltaria coragem de deixar o meu negócio? Não! Eu os seguirei. Eu, também, irei ao Buda, ele deverá aceitar-me na comunidade!”

Ele seguiu os príncipes à distância. Ele estava tímido quanto a juntar-se a eles. Porém, aconteceu que Bhadrিকা voltou-se para trás. Ele viu Upali, e lhe chamou.

“Barbeiro, por que você jogou fora as nossas jóias?”, ele perguntou.

“Eu, também, quero tornar-me um monge”, respondeu o barbeiro.

“Então siga-nos”, disse Bhadrিকা.

Mas Upali ainda ficou para trás. Aniruddha disse-lhe:

A Vida do Buda

“Caminhe ao nosso lado, barbeiro. Monges não fazem distinções, exceto para a idade e para a virtude. Quando estivermos diante do Buda, você deve ser o primeiro a dirigir-se a ele, bem como o primeiro a indagar-lhe quanto a recebê-lo na comunidade. Por condescender a você, os príncipes demonstrarão que deixaram de lado o seu orgulho de Shakya.”

Continuaram em seu caminho. De repente, um falcão desceu sobre a cabeça de Devadatta e arrancou um diamante que ele estava usando em seu cabelo. Isso expôs a sua vaidade, e fez com que os príncipes rissem. Devadatta, agora, não tinha mais uma única jóia, mas seus companheiros, em seus corações, ainda questionavam a sinceridade de sua fé.

19. O Orgulho de Nanda

A Paixão de Nanda

22/02/2012 às 9:24

O Mestre ficou feliz por contar com esses parentes em meio aos seus discípulos, e os levou para o Bosque dos Bambús. Lá, o pobre Nanda estava sofrendo. Ele não parava de pensar em Sundarika; ela frequentemente aparecia para ele em seus sonhos, e ele arrependia-se de tê-la deixado. O Buda sabia da sua infelicidade, e decidiu curá-lo.

Certo dia, pegou-lhe pelas mãos e o levou à uma árvore onde uma macaca hedionda estava sentada.

“Veja aquela macaca”, disse o Buda, “ela não é bonita?”

A Vida do Buda

“Raramente vi alguém tão feio”, respondeu Nanda.

“Realmente!”, disse o Mestre. “E no entanto ela se assemelha a Sundarika, sua ex-noiva”.

“O que você está dizendo!”, exclamou Nanda. “Você quer dizer que essa macaca se parece com Sundarika, que é graciosa, e que é a beleza em si?”

“De que maneira Sundarika é diferente? Não são ambas fêmeas, ambas não despertam o desejo do macho? Acredito que você estaria disposto a deixar o caminho da santidade e correr para os braços de Sundarika, assim como em algum lugar dessa floresta há um macaco que pode ser levado a um frenesi de amor pelo ardor violento dessa fêmea. Ambas se tornarão velhas e decrépitas, e então você, bem como o macaco, ficarão a imaginar o que poderia ter causado a sua loucura. Ambas morrerão, e talvez você e o macaco então compreenderão a fatuidade da paixão. Sundarika não é diferente dessa macaca.”

Mas Nanda não estava ouvindo. Estava suspirando. Estava sonhando que via a esbelta e graciosa Sundarika vagando num jardim resplandecente em flores.

“Pegue a barra do meu manto!”, disse o Bem-Aventurado em tom imperioso.

Nanda obedeceu. Ele sentiu a terra de repente ceder sob ele, e um vento feroz o arrastou para o céu. Quando ele firmou os pés, ele encontrava-se num parque maravilhoso. Estava andando num caminho de ouro, e as flores eram jóias vivas, feitas de rubis e safiras perfumadas.

A Vida do Buda

“Você está no céu de Indra”, disse o Bem-Aventurado. “Abra seus olhos cegos!”.



Estátua em arenito do século X de uma Apsara de Madhya Pradesh, Índia. Fonte: Wikipedia

Nanda viu uma casa de prata brilhante circundada por um campo de esmeraldas. Uma Apsara, muito mais bonita que Sundarika, estava de pé na porta. Ela estava sorrindo. Enlouquecido pelo desejo, Nanda correu para ela, mas ela o deteve com um gesto abrupto.

“Seja puro na terra”, ela disse-lhe; “mantenha seus votos, Nanda. Após sua morte, você renascerá aqui; então poderá correr para meus braços.”

A Apsara desapareceu. Nanda e o Mestre retornaram para a terra.

Nanda esqueceu Sundarika. Estava assombrado com a linda visão que ele tivera nos jardins celestiais e, por amor à Apsara, decidiu levar uma vida pura.

Nanda Triunfa sobre a Vaidade

23/02/2012 às 10:34

Mas os monges ainda olhavam para ele com desaprovação. Não falariam mais com ele; e frequentemente, quando o encontravam no Bosque dos Bambús, lhe sorriam com desdém. Isto lhe fez infeliz. Ele pensou: “Eles parecem tolerar-me com má vontade; eu me pergunto

A Vida do Buda

por quê?” Certo dia, ele parou [Ananda](#) que estava de passagem, e indagou-lhe:

“Por que os monges me evitam? Por que você não fala mais comigo, Ananda? Anteriormente, em [Kapilavastu](#), éramos amigos, bem como parentes. O que fiz para ofendê-lo?”

“Pobre homem!”, respondeu Ananda. “Nós, que meditamos sobre as verdades sagradas, fomos proibidos pelo Mestre de falar com você, que medita sobre os encantos de uma [Apsara](#)!”

E o deixou.

Nanda ficou muito perturbado. Correu para o Mestre; caiu aos seus pés e chorou. O Mestre disse-lhe: “Seus pensamentos são maus, Nanda. Você é escravo dos seus sentimentos. Primeiro foi Sundarika, agora é uma Apsara que vira a sua cabeça. E você renasceria! Renasceria em meio aos Deuses? Que loucura, que vaidade! Esforce-se para alcançar a sabedoria, Nanda; dê atenção aos meus ensinamentos, e mate suas paixões devoradoras.”

Nanda ponderou as palavras do Buda. Tornou-se um discípulo muito obediente, e gradualmente purificou o seu pensamento. Sundarika não mais aparecia-lhe em sonhos, e agora, quando ele pensava na Aspara, ele ria de ter desejado tornar-se um Deus por causa dela. Um dia, quando ele viu a macaca hedionda fitando-lhe do topo de uma árvore, ele gritou numa voz triunfante:

“Salve, você que Sundarika não pode se igualar em graça; salve, você que é mais bonita até que a mais bela Aspara!”

A Vida do Buda

O Orgulho de Nanda

24/02/2012 às 10:37

Ele sentia um grande orgulho por ter conquistado as suas paixões. “Eu sou um verdadeiro santo”, disse para si, “e em virtude, não me darei por vencido nem pelo meu irmão.”

Fez um robe para si do mesmo tamanho que o do Mestre. Alguns monges viram-lhe à distância, e disseram:

“Ai vem o Mestre. Vamos nos levantar e cumprimentar-lhe.”

Mas conforme Nanda se aproximou, eles viram o seu engano. Sentiram-se envergonhados, e conforme sentaram-se novamente, disseram:

“Ele não tem permanecido na comunidade tanto quanto nós; por que deveríamos levantar na sua presença?”

Nanda tinha sentido prazer em ver os monges levantarem-se em sua aproximação; e sentiu-se envergonhado ao vê-los sentarem-se novamente. Mas ficou receoso de reclamar; sentindo que eles lhe culpariam. No entanto, não lhe serviu de lição; e ele continuou a caminhar através do Bosque dos Bambús, vestindo um robe que era semelhante ao do Buda. À distância, ele era tomado pelo Mestre, e os monges levantariam dos seus assentos; mas ao se aproximar, eles ririam e sentariam novamente.

Finalmente, um monge foi ao Buda e lhe falou. Ele ficou muito descontente. Reuniu os monges, e na frente de todos eles, perguntou a Nanda:

“Nanda, você de fato veste um robe do mesmo tamanho que o meu?”

A Vida do Buda

“Sim, Bem-Aventurado!”, respondeu Nanda; “eu vesti um robe do mesmo tamanho que o vosso.”

“O quê!”, disse o Mestre, “um discípulo se atreve a fazer um robe para si do mesmo tamanho que o do Buda! O que você quer dizer com tal audácia? Uma ação deste tipo não contribui para despertar a fé do crente, nem ajuda a fortalecer a fé do crente. Você deve encurtar o seu robe, Nanda, e no futuro, qualquer monge que faça um robe para si do mesmo tamanho que o do Buda, ou maior que o do Buda, estará cometendo uma grave ofensa, uma ofensa pela qual ele será severamente punido.”

Nanda viu o erro de seus modos, e percebeu que para ser um verdadeiro santo, ele teria que conquistar o seu orgulho.

20. A Morte de Suddhodana

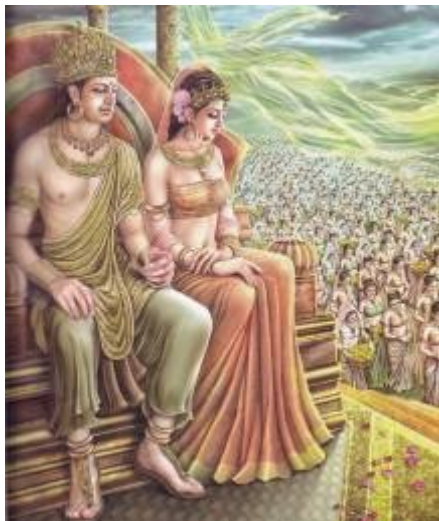
A Morte de Suddhodana

28/02/2012 às 7:42

Próximo à cidade de [Vaisali](#), havia uma imensa floresta que tinha sido presenteada ao Mestre, e lá ele estava vivendo quando lhe chegaram notícias de que seu pai, o Rei Suddhodana, tinha caído doente. O rei já era um homem velho; a doença era grave; temia-se que ele estivesse morrendo. O Mestre decidiu visitá-lo e, voando através do ar, ele chegou a [Kapilavastu](#).

O rei encontrava-se abatido em seu leito. Estava ofegante. A morte estava muito próxima. No entanto, ele sorriu quando viu o seu filho. E o Mestre falou essas palavras:

A Vida do Buda



O Rei Suddhodana no auge de sua vida, e a Rainha Maya.

“Longa é a estrada pela qual você tem viajado, oh Rei, e você sempre tem se esforçado para fazer o bem. Você nada sabia de maus desejos; seu coração era inocente, o ódio e a ira nunca cegaram a sua mente. Feliz é aquele que é dado a fazer o bem! Feliz é aquele que olha para dentro de um lago límpido e vê o seu rosto imaculado, mas muito mais feliz é aquele que examina a

sua mente e sabe a pureza dela! Sua mente é pura, oh Rei, e a sua morte é tão tranquila quanto o crepúsculo de um belo dia.”

“Abençoado”, disse o Rei, “Agora eu compreendo a impermanência do mundo. Estou livre de todo o desejo; estou livre dos grilhões da vida.”

Mais uma vez, ele prestou homenagem ao Buda. Então, voltou-se para os servos reunidos no salão.

“Amigos”, disse ele, “devo ter-lhes prejudicado muitas vezes, porém, em nenhuma ocasião vocês se mostraram aborrecidos com os malefícios. Vocês foram gentis e bons. Mas, antes de eu morrer, devo ter o seu perdão. Os erros que cometi com vocês foram sem intenção; perdoem-me, amigos.”

Os servos estavam chorando. Eles murmuraram: “Não, você nunca nos prejudicou, senhor!”

A Vida do Buda

Suddhodana continuou:

“E você, Mahaprajapati, você que foi minha consorte piedosa, você a quem vejo em prantos, acalme sua dor. Minha morte é uma morte feliz. Pense na glória dessa criança que você criou; contemple-o em todo o seu esplendor, e alegre-se.”

Ele morreu. O sol estava se pondo.

No Leito de Morte de Suddhodana

29/02/2012 às 8:01

O Mestre disse:

“Eis o corpo do meu pai. Não é mais o que era. Ninguém jamais venceu a morte. Aquele que nasce deve morrer. Mostre seu zelo pelas boas ações; caminhe na trilha que conduz à sabedoria. Construa uma lâmpada da sabedoria, e a escuridão se desvanecerá espontaneamente. Não siga as más leis; não plante raízes venenosas; não adira ao mal no mundo. Como o cocheiro que, tendo deixado a estrada para (seguir) um caminho acidentado, chora com a visão de um eixo quebrado; o mesmo se passa com o tolo, que se desviou da lei, e chora quando cai nas garras da morte. O homem sábio é a tocha que dá a luz ao ignorante; ele guia a humanidade, pois ele tem olhos, e os outros são cegos.”

O corpo foi carregado para uma grande pilha funeral. O Mestre ateou-lhe fogo, e enquanto o corpo de seu pai estava sendo consumido pelas chamas, e enquanto o povo de [Kapilavastu](#) chorava e lamentava, ele repetiu essas verdades sagradas:

“Sofrimento é nascimento, sofrimento é velhice, sofrimento é doença, sofrimento é morte. Oh sede de ser levado de nascimento a

A Vida do Buda

nascimento! Sede pelo poder, sede pelo prazer, sede de ser, sedes que são a fonte de todo sofrimento! Oh sedes do mal, o santo não as conhece, o santo que extinguiu o seu desejo, o santo que conhece o **Nobre Caminho Óctuplo.**”

A Vida do Buda

PARTE TRÊS

1. Mahaprajapati é Admitida na Comunidade

Os Apelos de Mahaprajapati

01/03/2012 às 11:06

Mahaprajapati estava meditando. Ela sabia a fatuidade desse mundo. Ela queria fugir do palácio, abandonar **Kapilavastu**, e levar uma vida de santidade

“Quão feliz é o Mestre! Quão felizes são os discípulos!”, ela pensava. “Por que não posso fazer como eles fazem? Por que não posso viver como eles vivem? Mas eles se opõem às mulheres. Não somos admitidas na comunidade, e devo permanecer nessa cidade triste, para mim um deserto; devo permanecer nesse palácio triste, vazio ao meu ver!”

Ela entristeceu. Deixou de lado suas vestes dispendiosas; deu suas jóias para suas damas, e tornou-se humilde diante de todas as criaturas.

Certo dia, ela disse para si:

“O Mestre é gentil; sentirá piedade de mim. Irei a ele, e talvez ele esteja disposto a receber-me na comunidade.”

O Mestre estava numa floresta, próxima à Kapilavastu. Mahaprajapati foi a ele e, numa voz tímida, disse-lhe:

“Mestre, somente você e seus discípulos podem realmente ser felizes. No entanto eu, também, como você e aqueles que lhe acompanham, desejo trilhar o caminho da salvação. Conceda-me o favor de admitir-me na comunidade, oh Bem-Aventurado.”

A Vida do Buda

O Mestre permaneceu em silêncio. Ela continuou:

“Como posso ser feliz num mundo que eu desprezo? Conheço seus prazeres degradantes. Anseio por trilhar o caminho da salvação. Conceda-me o favor de admitir-me na comunidade, oh Bem-Aventurado. E conheço muitas mulheres que estão dispostas a seguir-me. Conceda-nos o favor de admitir-nos na comunidade, oh Bem-Aventurado.”

O Mestre ainda permaneceu em silêncio. Ela continuou:

“Meu palácio está triste e sombrio. A cidade está envolta em trevas. Os véus bordados pesam em demasia sobre a minha testa; as diademas, os braceletes e os colares machucam-me. Devo trilhar o caminho da salvação. Muitas mulheres sinceras, muitas mulheres de grande devoção estão prontas para seguir-me. Condescenda em admitir mulheres na comunidade, oh Bem-Aventurado.”

Pela terceira vez, o Mestre permaneceu em silêncio. Mahaprajapati, com os olhos cheios de lágrimas, retornou ao seu palácio sombrio.

Mas ela não aceitaria a derrota. Ela resolveu procurar o Mestre novamente e suplicar-lhe.

Os Apelos de Ananda

02/03/2012 às 9:27

Então, ele estava na grande floresta, próxima à [Vaisali](#). [Mahaprajapati](#) cortou o cabelo, e vestindo-se num robe avermelhado feito de material grosseiro, partiu para Vaisali.

A Vida do Buda

Ela fez a viagem a pé; nunca se queixou de cansaço. Coberta de pó, ela finalmente chegou ao salão onde o Buda estava meditando. Mas ela não se atreveu a entrar; permaneceu do lado de fora da porta, com lágrimas nos olhos. Aconteceu de [Ananda](#) passar por ela. Ele a viu e indagou:

“Oh rainha, por que veio aqui, vestida dessa maneira? Por que está de pé diante da porta do Mestre?”

“Não me atrevo a entrar. Já por três vezes, ele negou o meu apelo, e aquilo que ele recusou por três vezes, eu vim pedir-lhe novamente: que conceda-me o favor de permitir às mulheres entrarem na comunidade.”

“Intercederei por você, oh rainha!”, disse Ananda.

Ele entrou para o salão. Viu o Mestre, e disse-lhe:

“Bem-Aventurado! Mahaprajapati, nossa reverenciada rainha, está de pé diante da sua porta. Ela não se atreve a aparecer diante de você; está temerosa de que você tornará a fazer ouvidos de mercador ao seu apelo. No entanto, não se trata do apelo de uma mulher tola, Bem-Aventurado. Significaria tanto para você concedê-lo? A rainha foi uma mãe para você, outrora; ela sempre foi gentil para você; certamente ela merece ser ouvida. Por que não deveria você receber mulheres na comunidade? Há mulheres de grande devoção, mulheres com a sagrada coragem para manterem-se no caminho da santidade.”

“Ananda”, disse o Mestre, “não me peça para permitir que mulheres entrem na comunidade.”

Ananda saiu. A rainha estava aguardando por ele.

“O que o Mestre disse?”, ela perguntou ansiosamente.

A Vida do Buda

“Ele negou o seu apelo. Mas não perca a esperança.”

No dia seguinte, Ananda novamente foi ao Bem-Aventurado

“Mahaprajapati não deixou a floresta”, disse ele. “Ela está pensando nos dias felizes da sua juventude. [Maya](#) era então viva; Maya, a mais bela de todas as mulheres; Maya, de quem nasceria um filho. A irmã de Maya era uma mulher nobre: nada sabia sobre a inveja, amava essa criança, mesmo antes de ela vir ao mundo. E quando ela nasceu, para trazer a alegria a todas as criaturas, a Rainha Maya morreu. Mahaprajapati foi gentil com o menino órfão, ele parecia tão frágil. Ela protegeu-lhe do mal, deu-lhe pajens dedicadas, protegeu-lhe da influência dos maus criados, não poupou seus cuidados e sua ternura por ele. Ele cresceu, e mesmo assim ela não o deixaria. Ela atendeu aos seus mínimos desejos, ela adorou-lhe. E ele alcançou a mais feliz fortuna; ele é a árvore gigante que abriga o sábio; e agora, quando ela iria buscar um lugar humilde à sua sombra, foi-lhe recusada a paz e o repouso que ela aspira. Oh Mestre, não seja injusto; receba Mahaprajapati na comunidade.”

[Mahaprajapati, a Primeira Monja](#)

06/03/2012 às 10:46

O Mestre ponderou; e então solenemente pronunciou essas palavras:

“Ouça, [Ananda](#). Vá a [Mahaprajapati](#) e diga-lhe que estou disposto a recebê-la na comunidade, mas que ela deve obedecer a certas regras muito restritas. Essas são as observâncias (injunções) que exigirei das mulheres na comunidade: uma monja, mesmo que tenha sido monja por cem anos, deve levantar-se na presença de um monge e mostrar-lhe todos os sinais de profundo respeito, mesmo que ele tenha sido um monge por apenas um dia; as monjas devem recorrer aos monges para

A Vida do Buda

a confissão das suas transgressões e para a instrução nas palavras sagradas; monjas culpadas de ofensas graves devem ser submetidas a punições em conformidade, durante quinze dias, diante de toda a comunidade de monges e monjas; antes que monjas sejam admitidas na comunidade, sua constância e sua virtude devem ser testadas por um período de dois anos; não será permitido às monjas exortarem os monges, mas aos monges será permitido exortarem as monjas. Essas são as observâncias que, em adição às observâncias já conhecidas dos monges, serão exigidas de todas as monjas.”

Mahaprajapati alegremente prometeu manter em observância essas regras. Ela entrou para a comunidade, e dentro de poucos meses, muitas mulheres tinham seguido o seu exemplo.

Mas, certo dia, o Mestre disse a Ananda:

“Se mulheres não fossem admitidas na comunidade, Ananda, a castidade seria preservada por longo tempo, e a verdadeira fé viveria, vigorosa e serena, por mil anos. Mas agora que mulheres foram admitidas na comunidade, Ananda, a castidade estará em perigo, e a verdadeira fé, com todo o seu vigor, viverá apenas quinhentos anos.”

2. O Buda Expõe os Impostores

O Prodígio de Kala

07/03/2012 às 10:25

De [Vaisali](#), o Mestre seguiu para Cravasti, para o Parque de Jeta. Certo dia, o Rei Prasenajit veio vê-lo. “Meu Senhor”, disse o rei, “seis eremitas chegaram recentemente em Cravasti. Eles não acreditam na

A Vida do Buda

sua lei. Eles sustentam que o seu conhecimento não se iguala ao deles, e eles tentaram me surpreender realizando numerosos prodígios. Creio que suas declarações não são verdadeiras, mas seria bom, meu Senhor, que você fosse frustrar a sua audácia. A salvação do mundo depende da sua glória. Então, apareça diante desses fraudadores e impostores, e cale-os.”

“Rei”, respondeu o Mestre, “ordene que um grande salão seja construído próximo à cidade. Conclua-o em sete dias. Seguirei para lá. Providencie para que esses eremitas maldosos estejam presentes, e então você verá quem realiza os maiores prodígios, eles ou Eu.”

Prasenajit ordenou que o salão fosse construído.

Enquanto se aguardava o dia do julgamento, os eremitas mentirosos procuraram iludir os fiéis seguidores do Mestre, e aqueles que se recusavam a ouvir as suas más palavras incorriam na sua implacável inimizade. Agora, o Mestre não tinha nenhum amigo mais verdadeiro em Cravasti do que o Príncipe Kala, um irmão de Prasenajit. Kala havia demonstrado o seu desprezo pelos eremitas, e eles decidiram vingar-se.

Kala era um homem muito bonito. Certo dia, quando estava caminhando pelos jardins reais, ele encontrou uma das esposas de Prasenajit, e ela alegremente atirou-lhe uma guirlanda de flores. Os eremitas ouviram sobre esse incidente, e disseram ao rei que seu irmão havia tentado seduzir uma de suas esposas. O rei ficou furioso, e sem dar a Kala uma chance para se justificar, cortou-lhe as mãos e os pés.

O pobre Kala sofreu amargamente. Seus amigos ficavam em torno do seu leito, chorando. Aconteceu de um dos eremitas maldosos passar por ali.

A Vida do Buda

“Venha, mostre o seu poder”, disseram-lhe. “Você sabe que Kala é inocente. Torne-o bom novamente!”

“Ele acredita no filho dos [Shakyas](#)”, respondeu o eremita. “Cabe ao filho dos Shakyas torná-lo bom novamente.”

Então Kala começou a cantar:

“Como pode o Mestre dos mundos falhar em ver a minha miséria? Veneremos o Senhor que não mais conhece o desejo; adoremos o Bem-Aventurado que tem piedade de todas as criaturas.”

[Ananda](#) subitamente apareceu diante dele.

“Kala”, disse ele, “o Mestre ensinou-me as palavras que curarão as suas feridas.”

Ele recitou alguns poucos versos, e o príncipe imediatamente recuperou os seus membros.

“Doravante”, ele exclamou o príncipe, “servirei ao Mestre! Por mais humildes (degradantes) que sejam as tarefas que ele me atribua, as realizarei com alegria, para satisfazê-lo.”

E seguiu com Ananda para [Jetavana](#), o Parque de Jeta. O Mestre o recebeu carinhosamente, e admitiu-lhe na comunidade.

A Vida do Buda



Vista Geral do Parque de Jeta. [Click na imagem para site de origem.](#)

O Encontro com os Seis Eremitas Impostores

08/03/2012 às 9:00

Chegou o dia em que o Mestre competiria com os eremitas. Logo ao amanhecer, o Rei Prasenajit foi ao salão que ele havia construído para a ocasião. Os seis eremitas já estavam lá. Eles trocaram olhares e sorriram.

“Rei”, disse um deles, “fomos os primeiros a chegar no local do encontro.”

“Você supõe que aquele que estamos aguardando realmente virá?”, disse um outro.

A Vida do Buda

“Eremitas”, disse o rei, “não zombem dele. Vocês sabem como ele enviou um dos seus discípulos para curar o meu irmão, a quem eu havia punido injustamente. Ele virá. Ele pode até mesmo já estar aqui, em nosso meio, sem que o saibamos.”

Conforme o rei acabou de falar, uma nuvem luminosa preencheu o salão. Tornou-se mais e mais brilhante; fundiu-se com a luz do dia, e o Buda apareceu, envolto em esplendor dourado. Atrás dele estavam [Ananda](#) e [Kala](#). Ananda segurava uma flor vermelha em sua mão, Kala uma flor amarela, e nunca, em todos os jardins de Cravasti, jamais foram vistas duas flores como aquelas.

Prasenajit demonstrou profunda admiração. Os eremitas maldosos cessaram o seu sorriso.

O Bem-Aventurado falou:

“O vaga-lume brilha para todos verem, enquanto o sol permanece oculto, mas quando a refulgente estrela aparece, extingue-se a fraca luz do pobre verme. Os impostores falaram em alta voz enquanto o Buda permanecia em silêncio, mas agora que o Buda fala, eles choram de medo e calam-se.”

Os eremitas ficaram alarmados. Viram o rei olhando-lhes com um olhar desdenhoso, e baixaram as suas cabeças de vergonha.

Subitamente, o teto do salão desapareceu, e no firmamento, estendendo-se do leste para o oeste, o Mestre traçou um curso sobre o qual ele iria viajar. Em vista desse prodígio, seu mais insolente rival fugiu aterrorizado. O eremita imaginou que estava sendo perseguido por uma matilha de cães uivantes, e não parou de correr até que chegou à beira de um lago. Lá, ele amarrou uma pedra ao seu pescoço e atirou-se na água. Um pescador encontrou o seu corpo no dia seguinte.

A Vida do Buda

Neste ínterim, o Mestre havia criado um ser à sua semelhança e, com ele, estava agora caminhando no caminho celestial (que ele traçara). E sua grande voz era ouvida dizendo:

“Oh meus discípulos, estou prestes a ascender à morada dos Deuses e Deusas. [Maya](#), minha mãe, convocou-me; devo instruí-la na lei. Permanecerei com ela três meses. Mas, todos os dias, descerei à terra, e somente Shariputra saberá onde encontrar-me; ele conduzirá a comunidade de acordo com as minhas instruções. E enquanto eu estiver ausente do céu, deixarei com minha mãe, para instruí-la, este ser a quem criei à minha semelhança.”

3. Suprabha

A Libertação da Jovem Escrava

09/03/2012 às 11:04

Ao final de três meses, o Mestre desceu à terra e pegou a estrada para Cravasti. Quando ele estava se aproximando do [Parque de Jeta](#), encontrou uma jovem menina. Ela era empregada de um rico habitante da cidade que estava trabalhando nos campos naquele dia. Ela estava levando-lhe uma tigela de arroz para a sua refeição. Ao se deparar com o Buda, ela sentiu-se estranhamente feliz.

“É o Mestre, o Bem-Aventurado”, ela pensou. “Meus olhos contemplam-lhe; minhas mãos quase podem tocá-lo, ele está tão próximo. Oh, que santa felicidade seria dar-lhe donativos! Mas não tenho nada que seja meu.”

Ela suspirou. Seu olhar caiu sobre a tigela de arroz.

A Vida do Buda

“Este arroz... A refeição do meu mestre... Nenhum mestre pode rebaixar à escravidão alguém que já é um escravo. Meu mestre pode me bater, mas o que importa! Ele poderia colocar-me na prisão, mas eu suportaria isso tranquilamente. Darei o arroz para o Bem-Aventurado.”

Ela ofereceu a tigela de arroz ao Buda. Ele a aceitou e continuou em seu caminho para o Parque de Jeta. A jovem menina, com os olhos reluzentes de felicidade, foi à procura do seu mestre.

“Onde está meu arroz?”, ele indagou, tão logo a viu.

“Dei-lhe ao Buda como uma oferenda. Puna-me se desejar, não lamentarei; estou tão feliz pelo que fiz.”

Ele não a puniu. Ele curvou a sua cabeça e disse:

“Não, eu não a punirei. Estou dormindo e seus olhos estão despertos. Vá, você não é mais escrava.”

A jovem menina fez uma profunda reverência.

“Com sua permissão, então”, disse ela, “irei para o Parque de Jeta, e solicitarei ao Bem-Aventurado instruir-me na lei.”

“Vá”, disse o homem.

Ela foi para o Parque de Jeta; sentou-se aos pés do Buda, e tornou-se uma das mais santas mulheres na comunidade.

A Vida do Buda



Ananda Kuti (*) no Parque de Jeta. [Click na imagem para site de origem.](#)

(*) É a morada temporária de um monge budista ou principiante, designando a habitação pequena e rudimentar que cada monge construía para si próprio quando se hospedava em locais por um curto espaço de tempo. Fonte: [Dhamma Dana](#): [Pali English Glossary](#)

A Escolha de Suprabha

14/03/2012 às 9:45

Em meio àquelas que buscavam instruções do Bem-Aventurado ao mesmo tempo que essa jovem escrava, estava Suprabha, a filha de um proeminente cidadão de Cravasti. Suprabha era muito bela. Era vê-la e

A Vida do Buda

apaixonar-se por ela. Ela era cortejada por todos os jovens distintos da cidade. Isto fez com que seu pai se preocupasse muito. “A quem a darei em casamento?”, ele indagava-se repetidamente; “aqueles a quem recusar tornar-se-ão meus inimigos implacáveis.”

E por horas a fio, ele permanecia imerso em pensamentos.

Certo dia, Suprabha disse-lhe:

“Você parece estar sobrecarregado, querido pai. Qual é a razão?”

“Filha”, ele respondeu, “unicamente você é a causa da minha ansiedade. Há tantos em Cravasti que desejam casar-se com você!”

“Você está com medo de fazer uma escolha entre meus pretendentes?”, disse Suprabha. “Pobres homens! Se eles soubessem meus pensamentos! Não fique ansioso, pai! Diga-lhes para se reunirem e, de acordo com o antigo costume, irei em meio a eles, e eu mesma escolherei um marido dentre eles.”

“Farei como você deseja, filha.”

O pai de Suprabha foi ao Rei Prasenajit e recebeu permissão para ter um arauto a proclamar através da cidade:

“Daqui há sete dias, será realizada uma reunião de todos os homens jovens que queiram desposar Suprabha. A própria donzela escolherá um esposo dentre os que se apresentarem.”

No sétimo dia, uma multidão de pretendentes reuniu-se no majestoso jardim pertencente ao pai de Suprabha. Ela pareceu, montada em uma carruagem. Ela estava segurando um estandarte amarelo no qual estava pintada a imagem do Bem-Aventurado. Ela estava cantando os seus

A Vida do Buda

louvores. Todos eles olharam para ela com espanto, e se perguntaram: “O que ela nos dirá?” Ela finalmente dirigiu-se a um jovem homem.

“Não posso amar a nenhum de vocês”, disse ela, “mas não pensem que eu lhes desprezo. O amor não é o meu objetivo na vida; eu quero refugiar-me com o Buda. Irei ao parque onde ele reside, e ele me instruirá na lei.”

Tristemente, os jovens se retiraram, e Suprabha foi para o **Parque de Jeta**. Ela ouviu o Bem-Aventurado falar; foi admitida na comunidade, e tornou-se a mais devota Monja.

Certo dia, quando Suprabha estava deixando os jardins sagrados, ela foi reconhecida por um dos seus ex-pretendentes que passava por ali com vários amigos.

“Devemos resgatar essa mulher”, disse ele. “Eu a amei; eu ainda a amo. Ela será minha.”

Seus amigos concordaram em ajudar-lhe. Antes que Suprabha se conscientizasse, ela foi cercada, e subitamente eles decidiram raptá-la. Mas quando eles estavam prestes a agarrá-la, ela dirigiu o seu pensamento para o Buda e, imediatamente, ela levantou-se no ar. Uma multidão se juntou; Suprabha permaneceu acima deles por um tempo, e então, voando com a graça e majestade de um cisne, retornou para a sua morada sagrada.

E seus clamores seguiram-na:

“Oh Santo, você fez manifestar o poder da fé; Oh Santo, você tornou manifesto o poder do Buda. Seria injusto condenar-lhe aos prazeres terrenos do amor, oh Santo, oh Santo.”

4. Virupa

A Feia de Cravasti

20/03/2012 às 10:15

O Rei Prasenajit tinha uma filha chamada **Virupa**. Ela havia atingido a idade núbil. Desafortunadamente, ela era extremamente feia; nenhum príncipe ou guerreiro a queria como esposa, e mesmo os mercadores olhavam-na de soslaio.

Mas naquela ocasião, um rico estrangeiro veio viver em Cravasti. Seu nome era Ganga. O Rei pensou: “Ganga nunca viu minha filha. Talvez ele não se recuse a casar com ela”. E o convidou ao palácio.

Ganga sentiu-se altamente lisonjeado pela oferta de Prasenajit. Ele era de origem humilde, e embora como um mercador ele tivesse amealhado uma grande fortuna, jamais havia sonhado desposar uma princesa. Portanto, ele aceitou a proposta.

“Então, venha ao palácio esta noite”, disse o rei, “e leve minha filha para casa com você.”

Ele obedeceu. Era uma noite escura, e o casamento realizou-se sem que Ganga tivesse visto sua noiva. Então Virupa acompanhou o marido para sua casa.

Ganga viu a sua esposa no dia seguinte. Sua feiura o aterrorizou. Ele queria colocá-la para fora de casa, mas não se atrevia; ele temia a vingança do rei. Ele a manteve em casa, mas ela tornou-se virtualmente uma prisioneira; a ela não era permitido sair, por qualquer que fosse a razão.

A Vida do Buda

Ela sentia-se muito infeliz. Em vão, ela dava ao seu esposo constantes provas da sua afeição; e ele somente demonstrava sua aversão e seu desprezo por ela. Ele nunca olhava para ela. Dificilmente dirigia-lhe a palavra, e Virupa sentia-se solitária e desamparada.

Certo dia, Ganga foi convidado a um banquete oferecido por alguns dos seus amigos. “Quem vier sem a esposa”, ele foi alertado, “será multado em quinhentas moedas de ouro.”

Ganga decidiu aceitar; aliviaria a monotonia de sua existência. Mas ele não queria mostrar Virupa para seus amigos; temia ser ridicularizado. “Pagarei as quinhentas moedas de ouro”, ele pensou, “e eles não debocharão de mim.”

Naquele dia, Virupa estava mais triste que de costume. Ela sabia onde seu marido havia ido, e chorou. Ela disse para si:

“Que bem há numa vida tão triste quanto a minha? Nunca tenho qualquer prazer. Meu mestre me odeia. E eu não posso culpá-lo; sou feia; todos me têm dito. Não trago alegria para ninguém. Oh, eu me odeio. A morte seria melhor do que essa vida que eu levo; a morte seria um alívio. Vou me matar.”

Ela pegou uma corda e enforcou-se.

A Bela de Cravasti

21/03/2012 às 10:08

Naquele mesmo momento, no Parque de Jeta, o mestre indagava: “Quem está sofrendo hoje em Cravasti? A quem posso salvar do infortúnio? A qual ser infeliz posso eu estender a mão em sua ajuda?”

A Vida do Buda

Através do seu poder divino, ele soube da angústia de [Virupa](#). Ele voou até a casa de Ganga; e entrou. Virupa ainda estava viva. O Mestre soltou a corda que ela havia apertado em torno do seu pescoço. Ela respirou profundamente e olhou ao redor. Ela reconheceu o Mestre. Caiu aos seus pés e fez um voto de piedade. Então ele disse:

“Olhe-se num espelho, Virupa.”

Ela obedeceu. Ela soltou um grito de alegria e espanto. Estava tão bela quanto uma filha dos Deuses. Novamente ela quis reverenciar o Buda, mas ele havia desaparecido.

Neste ínterim, Ganga não havia sido poupado das brincadeiras de seus amigos.

“Por que você veio sem a sua esposa?”, eles lhe perguntavam. “Você está com medo de deixar-nos vê-la? Ela deve ser muito bonita. Marido ciumento!”

Ganga estava louco por uma resposta. A festa o entediava. Um dos seus amigos serviu-lhe uma taça de vinho intoxicante.

“Beba, Ganga”, disse ele. “Nós estamos rindo, e você está quase em lágrimas. Venha, ria conosco. Beba, esse vinho o ensinará a rir.”

Ganga pegou a taça. Bebeu. Ficou animado. Bebeu novamente. Naquele momento, ele estava bêbedo. E ficou bebendo até que, finalmente, caiu em sono profundo.

“Vamos correr até a sua casa, enquanto ele está dormindo”, disseram seus amigos. “Veremos a sua esposa, e descobriremos porque ele a mantém em clausura.”

A Vida do Buda

Eles entraram na casa de Ganga. Virupa tinha o espelho em suas mãos; estava olhando para si. Seus olhos estavam brilhantes de felicidade. Todos os convidados lhe admiraram, e foram embora, silenciosamente, dizendo: “Agora compreendemos o ciúme de Ganga.”

Ganga ainda estava dormindo. Eles despertaram-lhe e disseram:

“Grande é a sua felicidade, amigo. O que você fez para que fosse tão agradável aos Deuses, e para merecer uma esposa de tão rara beleza?”

“Isto é demais!”, gritou Ganga. “O que fiz a vocês para que me insultassem tão cruelmente?”

E ele lhes deixou abruptamente. Estava furioso. Abriu a porta da sua casa; andou pelos corredores, proferindo imprecações; mas, de repente, as maldições morreram em seus lábios. Ele ficou pálido de espanto. Diante dele estava de pé uma linda mulher, de beleza incomparável. Ela estava sorrindo. Ele lentamente recobrou os seus sentidos; e então, também, ele sorriu, e perguntou:

“Oh você que aparece diante de mim como uma Deusa radiante recém-nascida de seu canteiro de flores, oh bem-amada, quem te fez tão bela?”

Virupa contou-lhe a história. Daquele dia em diante, ela e seu marido conheceram a verdadeira felicidade, e ambos não perdiam oportunidade de evidenciar sua fé no Buda e demonstrar-lhe gratidão.

5. O Malogro de Sinca

O Malogro de Sinca

22/03/2012 às 10:28

Nesse ínterim, os maus eremitas, cuja impostura o Buda havia exposto, estavam sendo tratados com desprezo pela população, e a cada dia o seu desejo por uma vingança tornava-se mais intenso. Eles tinham se estabelecido próximo ao Parque de Jeta, e noite e dia eles espionavam o Buda e seus discípulos. Mas tudo em vão; eles nada viam que desse-lhes a mais leve razão para caluniar a comunidade.

Afinal, um dos eremitas disse aos seus companheiros:

“Temos observado a conduta desses monges há longo tempo. Sua virtude não pode ser contestada. No entanto, devemos voltar os pensamentos do povo contra eles, e eu penso que encontrei uma maneira de fazê-lo. Conheço uma jovem donzela de grande encanto. Seu nome é Sinca. Ela é muito habilidosa na prática da fraude. Ela não se recusará a ajudar-nos, e logo a glória desse [Shakya](#) se desvanecerá.”

Os eremitas enviaram um recado à Sinca. Ela veio. “Por que vocês me chamaram?”, ela perguntou.

“Você conhece o monge de [Kapilavastu](#), aquele que é adorado como o Buda?”

“Não, mas sei da sua grande fama. Tenho sido informada dos muitos prodígios que ele tem realizado.”

A Vida do Buda

“Esse homem é o nosso pior inimigo, Sinca. Ele nos trata vergonhosamente e pode destruir o nosso poder. Ora, você acredita em nós; venha, fique do nosso lado. Aquela que conquistar o conquistador poderá se orgulhar muito; será famosa entre as mulheres, e o mundo a cobrirá de louvores.”

Sinca ficou convencida pelas palavras do eremita. Ela lhe garantiu que o Buda logo cairia em desgraça e seu nome seria odiado por toda a terra.

Todos os dias, agora, ela iria ao Parque de Jeta, no momento em que aqueles que acabavam de ouvir o Mestre pregar estivessem se retirando. Ela vestiria-se em vermelho flamejante, e carregaria flores em seus braços. E se, por acaso, alguém lhe perguntasse: “Onde você vai?”, ela responderia: “Qual é o negócio de vocês?”

Quando ela chegava ao parque, esperava até que ficasse muito sozinha; então, ao invés de entrar nos domínios do Buda, ela se dirigia para a morada dos maus eremitas. Lá, ela passava a noite, mas ao amanhecer ela retornava para os portões do parque, e quando estava certa de ser vista pelos primeiros a se porem a caminho para suas devoções, ela saía de volta para casa. E àqueles que perguntavam: “De onde você vem, tão cedo pela manhã?”, ela respondia: “Qual é o negócio de vocês?”

Ao final de um mês, ela passou a dar respostas diferentes. Ao anoitecer ela diria: “Estou indo ao Parque de Jeta, onde o Bem-Aventurado está esperando por mim”, e pela manhã, “Acabo de vir do Parque de Jeta, onde passei a noite com o Bem-Aventurado”. E havia algumas pessoas crédulas e tolas que acreditavam nela e que suspeitavam da falta de castidade do Mestre.

No sexto mês, ela pegou um pedaço de pano e o envolveu junto ao seu corpo. “Ela está grávida”, pensaram, e os tolos sustentavam que a virtude do Mestre era apenas pretensão.

A Vida do Buda

Quando o nono mês chegou, ela amarrou uma bola de madeira a um cinto grosso sobre a sua cintura, e conforme andava, dava passos langorosos. Finalmente, certa noite, ela entrou no salão onde o Mestre estava expondo a lei. Corajosamente, ela o encarou, e sua voz estridente interrompeu sua fala.

“Terna é a sua voz e adocicadas são as suas palavras quando você instrui as pessoas na lei. Enquanto eu, que estou grávida por causa de você; eu, que estou prestes a me tornar mãe, não tenho sequer um lugar para confinar-me! Você (não) poderia me negar o óleo e a manteiga que necessito tanto. Se cuidar de mim o faria envergonhar-se, você poderia ao menos confiar-me a um dos seus discípulos, ou ao Rei Prasenajit, ou ao mercador [Anathapindika](#). Mas, não! Não sou mais nada para você, e você pouco se importa com a criança que vai nascer! Você deve conhecer todos os prazeres do amor, mas as responsabilidades você deve ignorar.”

“Isto é uma calúnia, ou você está dizendo a verdade, Sinca?”, respondeu o Mestre, calmamente. “Somente você e eu sabemos”.

“Você sabe muito bem que não estou mentindo”, gritou Sinca.

O Mestre manteve a sua compostura. Mas [Indra](#), que a tudo acompanhava do céu, decidiu que era hora de expor o descaramento de Sinca. Ele tinha quatro Deuses que assumiram a forma de camundongos. Eles rastejaram sob o robe de Sinca e roeram a corda que prendia a bola de madeira. A bola caiu ao chão.

“Eis, seu filho nasceu!”, exclamou o Mestre com um sorriso.

Os discípulos voltaram-se contra Sinca em sua ira. Eles insultaram-na; estapearam a sua face; bateram-lhe. Ela fugiu. Estava chorando de dor, vergonha e raiva. De repente, chamas vermelhas surgiram em torno

A Vida do Buda

dela e envolveram-na em um manto de fogo; e ela, que se atreveu a caluniar o Buda, teve um fim cruel e terrível.

6. O Buda Doma um Búfalo Selvagem

Bençãos em Peregrinação

23/03/2012 às 10:17

O Mestre deixou o Parque de Jeta. Ele parou nas cidades e aldeias para pregar a lei, e lá estavam muitos a adotar a verdadeira fé.

Certo dia, um velho homem e sua esposa convidaram o Mestre a tomar sua refeição com eles.

“Meu senhor”, disse o velho homem, “há longo tempo estamos ansiosos para ouvir as suas palavras. Estamos felizes, agora que conhecemos as verdades sagradas e, em meio aos seus amigos, você não encontrará ninguém mais devoto do que nós.”

“Não estou surpreso”, respondeu o Buda, “pois você e eu tivemos estreitas relações nas existências prévias.”

“Mestre”, disse a mulher, “meu marido e eu temos vivido juntos desde a nossa juventude; e agora atingimos a idade madura. A vida tem sido boa para nós. Nunca tivemos a menor desavença entre nós. E ainda amamos um ao outro como nos tempos passados, e o ocaso de nossas vidas é tão doce quanto foi o alvorecer. Consinta-nos, meu senhor, amarmos um ao outro na próxima existência como temos amado um ao outro nessa vida.”

A Vida do Buda

“Será consentido”, disse o Mestre; “os Deuses lhes protegerão!”

Ele continuou em seu caminho. Ele viu uma velha mulher tirando água de um poço à beira da estrada. Ele aproximou-se dela.

“Estou com sede”, disse ele. “Você me daria um gole de água?”

A velha mulher voltou-se para ele. Ficou profundamente comovida. Começou a chorar. Desejava abraçar o Mestre, mas tinha medo. As lágrimas corriam pelo seu rosto.

“Abraça-me”, disse o Mestre.

A velha mulher correu para seus braços, e murmurou:

“Agora posso morrer feliz. Eu vi o Bem-Aventurado, e ele permitiu-me abraçá-lo.”

O Búfalo Selvagem

27/03/2012 às 7:43



O Búfalo Selvagem: um dos animais mais perigosos do mundo.

Ele seguiu em frente. Veio para uma vasta floresta onde um rebanho de búfalos vivia com seus guardiões (pastores). Um desses búfalos era um animal muito poderoso. Tinha um temperamento horrível. Ele mal tolerava a presença dos seus guardiões, e na aproximação de um estranho ele tornava-se agressivo. Quando um estranho se aproximava, ele atacava-lhe com seus chifres,

A Vida do Buda

e muitas vezes feria-lhe gravemente. Às vezes o matava.

Os pastores viram o Bem-Aventurado passando, serenamente, e alertaram:

“Cuidado, viajante. Não se aproxime. Há um búfalo perverso aqui.”

Mas ele não deu atenção à advertência. Ele foi direto para o ponto onde o búfalo estava a pastar.

De repente, o búfalo levantou sua cabeça e fungou ruidosamente; então, baixando os seus chifres, correu em direção ao Mestre. Os pastores estremeceram. “Nossos avisos não foram ouvidos”, eles lamentaram; “ele não nos ouviu”. Mas, subitamente, o animal parou; ajoelhou-se diante do Mestre e começou a lambar seus pés. Havia uma expressão de súplica em seus olhos.

O Mestre acariciou delicadamente o búfalo. Falou-lhe numa voz terna.

“Diga para si mesmo que todas as coisas terrenas são transitórias, que a paz se encontra somente no **Nirvana**. Não chore. Creia em mim, creia em minha generosidade, em minha compaixão, e sua condição mudará. Você não renascerá em meio aos animais e, com o tempo, você alcançará o céu e a morada em meio aos Deuses.”

Daquele dia em diante, o búfalo tornou-se extremamente dócil. E os pastores, que haviam expressado a sua admiração pelo Mestre, e que haviam dado-lhe como esmolas tudo o que podiam dispor, foram instruídos na lei, e tornaram-se conhecidos pela sua piedade, mesmo em meio aos mais piedosos.

7. Dissensão Entre os Monges

A Solidão do Sábio

28/03/2012 às 8:29



Kaushambi, em Uttar Pradesh, foi visitada pelo Buda no sexto e nono anos após a sua iluminação. [Click na imagem para site de origem.](#)

O Mestre chegou à cidade de [Kausambi](#), e lá, num primeiro momento, ele estava muito feliz. Os habitantes ansiosamente ouviam as suas palavras, e muitos deles tornaram-se monges. O Rei Udayana estava entre os crentes, e permitiu ao seu filho Rashtra Pala entrar para a comunidade.

No entanto, foi em Kausambi que o Mestre deparou-se com uma das suas grandes tristezas. Um monge, certo dia, foi repreendido por cometer algumas ofensas menores. Ele não admitia estar errado; e por isso foi punido. Ele se recusou a submeter-se à punição e, como ele era um homem amigável, de grande inteligência e aprendizado, muitos tomaram o seu partido. Em vão, os outros rogaram-lhe para retomar o caminho correto.

“Não assuma esse ar presunçoso”, diziam-lhe; “não se considere incapaz (isento) de cometer erros. Ouça o nosso sábio conselho. Dirija-se aos outros monges como deveriam ser abordados aqueles que professam uma fé que também é sua; e eles se dirigirão a você como deveria ser abordado aquele que professa uma fé que também é deles.

A Vida do Buda

A comunidade crescerá, a comunidade florescerá, somente se os monges se aconselharem uns aos outros.”

“Vocês não têm que dizer-me o que é certo ou errado”, ele respondeu, “parem de reprovar-me.”

“Não diga isso. Suas palavras são ofensivas à lei. Você está desafiando a disciplina; você está semeando a discórdia na comunidade. Venha, corrija o seu caminho. Viva em paz com a comunidade. Evite essas brigas, e seja fiel à lei.”

Foi inútil. Então, eles decidiram expulsar o rebelde, mas, novamente, ele recusou-se a obedecer. Ele permaneceria na comunidade: uma vez que ele era inocente (pensava), não havia necessidade de submeter-se a uma punição injusta.

O Mestre finalmente interveio. Ele tentou pacificar os monges; insistiu com eles para esquecerem as suas queixas e para unirem-se, como antes, no desempenho das suas funções sagradas, mas ninguém lhe deu atenção. E, certo dia, um monge ainda teve a audácia de dizer-lhe:

“Cale-se, oh Mestre; não nos incomode com as suas falácias. Você chegou ao conhecimento da lei; medite sobre ela. Você vai achar as suas meditações muito agradáveis. Quanto a nós, saberemos para onde ir; nossas brigas não nos impedirão de encontrar o caminho. Medite, e fique quieto.”

O Mestre não enraiveceu. Tentou falar, mas era impossível. Ele viu então que nunca convenceria os monges de Kausambi; eles pareciam estar possuídos por alguma loucura súbita. O Mestre decidiu abandoná-los, mas primeiro disse-lhes:

A Vida do Buda

“Feliz é aquele que tem um amigo fiel; feliz é aquele que tem um amigo discernente. Que obstáculos não poderiam transpor dois sábios e virtuosos amigos? Mas aquele que não tem um amigo fiel se assemelha a um rei sem reinado: ele deve vaguar na solidão, como o elefante na selva. No entanto, é melhor viajar solitário do que na companhia de um tolo. O homem sábio deve seguir um caminho solitário; ele deve evitar o mal e deve preservar a sua serenidade, como o elefante na selva.”

O Fim da Dissensão Entre os Monges

29/03/2012 às 9:49

Ele partiu. Ninguém tentou detê-lo. Foi para uma aldeia onde ele sabia que encontraria seu discípulo Bhrigu. Bhrigu ficou muito feliz ao vê-lo, mas o Mestre não estava consolado. Então, Aniruddha, Nanda e Kimbala juntaram-se a ele. Deram-lhe toda prova de respeito e amizade, e ficaram em paz uns com os outros. E o Mestre pensou: “Ao menos há alguns, entre meus discípulos, que me amam e não brigam.”

Um dia, quando ele sentou-se à sombra de uma árvore e começou meditar sobre os tempos angustiosos em [Kausambi](#), uma manada de elefantes parou para descansar não longe dele. O maior elefante foi até o rio, aspirou a água e a trouxe aos outros. Eles beberam; e então, ao invés de agradecer-lo por prestar-lhes esse serviço, eles o insultaram, bateram-lhe com suas trombas e, finalmente, o afastaram. E o Mestre viu que a sua própria experiência não era diferente daquela do elefante: ambos eram vítimas de grosseira ingratidão. O elefante percebeu a tristeza em sua face; aproximou-se e olhou para ele ternamente; e então se foi, à procura de comida e bebida para si.

O Mestre finalmente retornou para Cravasti e descansou no Parque de Jeta.

A Vida do Buda

Mas ele ainda afligia-se ao pensar nos monges cruéis de Kausambi. Certa manhã, todavia, ele viu-lhes entrar no parque. Eles estavam em grande aflição: esmolas lhes haviam sido negadas, pois cada um foi indigno em seu tratamento com o Mestre. Eles tinham vindo lhe pedir perdão. O monge culpado confessou-se estar errado, e sua punição foi leve. Seus adversários, tão bem quanto seus amigos, admitiram o erro de suas condutas, e todos prometeram obedecer estritamente as regras. E o Mestre ficou feliz: não mais havia qualquer dissensão na comunidade.

8. A Bailarina Kuvalaya

Bharadvaja

30/03/2012 às 8:11

Certo dia, ele retornou para o país de **Rajagriha**.

No campo, não longe da cidade, ele se deparou com um brâmane chamado **Bharadvaja**. Era a estação da colheita, e o brâmane e seus servos estavam celebrando alegremente. Eles estavam rindo e cantando quando o Mestre passou. Ele estendeu a sua tigela de donativos, e aqueles que o reconheceram, reverenciaram-lhe e fizeram-lhe muitos oferecimentos amáveis. Isto desagradou Bharadvaja. Ele foi ao Mestre, e disse-lhe em voz alta:

“Monge, não permaneça em nosso meio; você dá um mau exemplo. Nós trabalhamos, nós que aqui estamos, e com olhos vigilantes, observamos as mudanças das estações. Quando é tempo de arar, meus servos aram; quando é tempo de plantar, eles plantam; e eu aro e planto com eles. Então vem o dia em que colhemos o fruto do nosso

A Vida do Buda

labor. Nos provemos da nossa própria comida, e quando ela é abundante, temos boas razões para descansar e divertir. Ao passo que você, perambula pelas ruas e caminha nas estradas, e o único problema que você se digna a se ocupar é estender uma tigela àqueles que você encontra. Seria muito melhor para você trabalhar; seria muito melhor arar e plantar.”

O Mestre sorriu e respondeu:

“Amigo, da mesma forma como você ara e planta, quando meu trabalho está feito, eu colho.”

“Você ara? Você planta?”, disse Bharadvaja. “Como posso acreditar nisto? Onde está o seu rebanho? Onde está seu cereal? Onde está seu arado?”

O Mestre disse:

“Pureza de compreensão, esta é a gloriosa semente que eu planto. Obras de santidade são a chuva que cai sobre a terra fértil onde a semente germina e floresce. E poderoso é o meu arado: ele tem sabedoria em sua relha, a lei para suas alças, e uma ativa fé é o poderoso novilho atrelado ao seu polo. O desejo é arrancado como ervas daninhas nos campos que eu aro, e eu colho a mais rica das colheitas, o **Nirvana**.”

Ele se pôs em seu caminho. Mas o brâmane Bharadvaja o seguiu; ele agora ouviria as palavras sagradas.

A Vida do Buda

A Bailarina Kunalaya

03/04/2012 às 9:56

Eles entraram na cidade. Na praça pública, uma grande multidão estava assistindo à apresentação de um grupo de bailarinos. A filha do líder estava atraindo atenção particular. Tal graça e beleza raramente havia sido vista e, sempre que ela aparecia, aqueles que não eram senhores de suas paixões ardiam com o desejo de possuí-la. Seu nome era Kunalaya.

Ela tinha acabado de se apresentar. Olhos ardentes ainda estavam fixados nela. Ela era consciente de seu poder e, cheia de orgulho e audácia, ela gritou para a multidão:

“Admirem-me, meus senhores! Em toda [Rajagriha](#) há alguém que possa superar Kunalaya em beleza? Há alguém que possa mesmo igualar-se a ela?”

“Sim, mulher”, respondeu o brâmane [Bharadvaja](#). “O que é sua beleza quando comparada à beleza do Mestre?”

“Gostaria de ver esse Mestre cuja beleza você enaltece”, disse Kunalaya; “leve-me a ele.”

“Aqui está ele”, disse o Bem-Aventurado.

E deu um passo adiante.

A bailarina olhou para ele.

“Você é lindo!”, ela disse afinal. “Dançarei para você.”

A Vida do Buda

Kuvalaya dançou. A dança começou lentamente. Ela tinha enrolado todos os seus véus sobre si, cobrindo até a sua face, e a beleza de outrora tão audaciosamente ostentada, agora era apenas uma promessa difusa. Era como a lua, escondida atrás de nuvens tênues de uma visão noturna. Uma nuvem se desvaneceu; um raio fraco escapou através da fresta. A dança tornou-se mais rápida; um a um os véus despencavam, e a rainha das estrelas apareceu em toda a sua glória. Mais e mais rápido ela girava; de repente, uma luz ofuscante brilhou em seus olhos, e ela parou. Estava nua. A multidão ofegante avançou.

“Mulher infeliz!”, disse o Buda.

Ele a olhou fixamente. Diante disso, as bochechas de Kuvalaya tornaram-se cavadas, sua testa enrugou e seus olhos perderam o brilho. Apenas alguns poucos dentes feios permaneceram em sua boca; apenas alguns fios finos de cabelo grisalho ainda pendiam da sua cabeça, e ela estava curvada pela idade. O Bem-Aventurado puniu-a assim como puniu as filhas de Mara quando elas tentaram seduzi-lo; ele transformou a bela bailarina numa mulher velha e decrépita.

Ela suspirou:

“Mestre, sei o grande erro que cometi. Uma beleza efêmera me tornou vaidosa. Você ensinou-me uma amarga lição, mas sinto que algum dia serei feliz por tê-la recebido. Permita-me aprender as verdades sagradas; que então eu possa me livrar para sempre desse corpo que, mesmo quando era um deleite para os homens, nada mais era que um cadáver repugnante.”

O Mestre concedeu o pedido de Kuvalaya, e ela tornou-se uma das mais devotas fiéis seguidoras do Buda.

9. O Deus Alavaka Derrotado pelo Buda

O Rei Tolo

04/04/2012 às 9:43

Na cidade de Atavi governava um rei que apreciava muito a caça. Certo dia, ele viu um enorme gamo e começou a persegui-lo. O gamo era veloz, e no calor da perseguição, o rei perdeu de vista os outros caçadores. Finalmente, a presa escapou, e exausto e desanimado, o rei sentou-se sob uma árvore. Caiu no sono.

Acontece que um Deus perverso chamado Alavaka vivia na árvore. Ele gostava de se alimentar de carne humana, e matava e devorava todos que dele se aproximassem. Ele viu o rei; alegrou-se, e o pobre caçador estava prestes a receber um duro golpe quando felizmente um ruído despertou-lhe. Ele percebeu que a sua vida estava ameaçada; fez um esforço para levantar-se, mas o Deus agarrou-lhe pela garganta e o fez deitar. Então, o rei tentou argumentar com ele.

“Poupe-me, meu senhor!”, disse o rei. “Por sua aparência assustadora, creio que seja um dos Deuses que se alimentam de carne humana. Oh, digno-se a ser gentil comigo. Você não terá razão para arrepender-se da sua misericórdia. Retribuirei a você com magníficas oferendas.”

“O que me importa oferendas!”, respondeu Alavaka. “É sua carne que eu quero; ela aplacará a minha fome.”

“Meu senhor”, respondeu o rei, “se permitir-me voltar a Atavi, enviarei a você um homem por dia para satisfazer a sua fome.”

“Quando você voltar para sua casa, esquecerá a sua promessa.”

A Vida do Buda

“Não”, disse o rei, “eu nunca esqueço uma promessa. Além disso, se eu falhar em fazer-lhe esse oferecimento diário, você terá apenas que vir ao meu palácio e dizer-me a sua queixa, e imediatamente, sem resistência, eu o seguirei, e você poderá devorar-me.”

O Deus se deixou ser persuadido, e o rei retornou à cidade de Atavi. Mas ele não parava de pensar na sua promessa cruel; não havia como fugir dela, e dali por diante ele teria que ser um chefe duro e implacável.

Ele chamou o seu ministro e contou-lhe o ocorrido. O ministro ponderou por um momento, e então disse ao rei:

“Meu senhor, na prisão de Atavi há muitos criminosos que foram condenados à morte. Podemos enviá-los ao Deus. Quando ele considerar que você está mantendo a fé com ele, talvez ele o alivie de sua promessa.”

O rei aprovou a sugestão. Guardas foram enviados à prisão, e àqueles cujos dias estavam contados eles disseram: “Não longe da cidade, há uma árvore habitada por um Deus que aprecia muito arroz. A quem deixar um prato de arroz para ele aos pés da árvore, será concedido o perdão total.”

Dali por diante, a cada dia, um desses homens, carregando um prato de arroz, alegremente partia para a árvore, e nunca retornava.

Passado pouco tempo, não mais havia homens condenados à morte na prisão. O ministro ordenou aos juízes que fossem extremamente severos e não absolvessem ninguém acusado de assassinato, exceto no caso de prova irrefutável da sua inocência. Mas foi em vão. Alguma nova forma tinha que ser encontrada para aplacar a fome do Deus. Então eles começaram a sacrificar os ladrões.

A Vida do Buda

A despeito de todos os seus esforços para prender os culpados, a prisão ficara novamente vazia, e o rei e seu ministro foram compelidos a procurar por vítimas entre os habitantes dignos da cidade. Os idosos foram capturados e levados à força para a árvore, e se os guardas não fossem rápidos na fuga, o Deus às vezes devorava-lhes tanto quanto às vítimas.

Uma vaga inquietação tomara conta da cidade de Atavi. Via-se que as pessoas idosas desapareciam; ninguém sabia o que era feito delas. E, cada dia, o remorso do rei tornava-se mais pungente. Mas faltava-lhe coragem para sacrificar a sua vida pelo bem-estar do seu povo. Ele pensou: “Será que ninguém virá me socorrer? Têm-me dito que em Cravasti, e às vezes em Rajagriha, vive um homem de grande poder, um Buda, cujos prodígios são altamente elogiados. Dizem que ele gosta de viajar. Por que, então, ele não vem para o meu reinado?”

A Derrota do Deus Alavaka

05/04/2012 às 9:18

Através do seu poder divino, o Buda sabia do desejo do [Rei](#). Ele voou através do ar e veio à árvore de Alavaka. Lá, ele sentou.

O Deus o viu. Começou a caminhar em sua direção, mas, subitamente, tornou-se impotente. Seus joelhos tremiam. A fúria se apoderou dele.

“Quem é você?”, ele perguntou, ferozmente.

“Um ser muito mais poderoso do que você”, respondeu o Buda.

Alavaka ficou com uma raiva terrível. Ele gostaria de torturar este homem que estava sentado no chão diante dele, este homem a quem

A Vida do Buda

ele não podia alcançar; ele gostaria de torturá-lo até a morte. O Buda, em nenhum momento, perdeu sua compostura.

Alavaka finalmente recobrou o controle de si. Ele pensou que a astúcia talvez tivesse sucesso onde a força falhou, e numa voz amigável ele disse:

“Vejo que você é um homem sábio, meu Senhor; é sempre um prazer para mim questionar homens de sabedoria. Coloco-lhes quatro questões. Se puderem responder, estarão livres para ir onde quer que queiram; se não puderem responder, permanecerão meus prisioneiros, e eu lhes devoro quando estiver disposto.”

“Coloque-me as questões”, disse o Buda.

“Devo adverti-lo”, disse Alavaka, “que nunca niguém as respondeu. Você encontrará, espalhados ao redor, os ossos daqueles que eu interoguei no passado.”

“Coloque-me as quatro questões”, respondeu o Buda.

“Muito bem”, disse Alavaka, “como pode um homem evitar o rio das paixões? Como pode ele atravessar o mar das existências e encontrar um porto seguro? Como pode ele escapar das tempestades do mal? Como pode ele permanecer intocado pela tempestade dos desejos?”

Numa voz calma, o Buda respondeu:

“O homem evita o rio das paixões se ele acredita no Buda, na Lei e na Comunidade (Sangha); ele atravessa o mar das existências e encontra um porto seguro se ele compreende as obras de santidade; ele escapa das tempestades do mal se ele realiza obras de santidade; ele

A Vida do Buda

permanece intocado pela tempestade dos desejos se ele conhece o caminho sagrado que conduz à libertação.”

“Rei”, disse o Deus (Alavaka), “libertá-lo-ei da sua promessa”.

O rei ficou mais feliz do que jamais esteve antes. Quando ele soube quem havia lhe salvado, ele gritou:

“Acredito em vós, meu Senhor, que salvou a mim e ao meu povo; acredito em vós, e dedicarei minha vida a proclamar a Vossa glória, a glória da Lei (Dharma) e a glória da Comunidade (Sangha)”.

10. Devadatta é Expulso da Comunidade

A Traição de Devadatta

06/04/2012 às 9:26

O monge Devadatta ficou possído de uma natureza arrogante. Era impaciente com quaisquer restrições. Ele aspirava suplantar o Buda, mas os monges, ele sabia, não se juntariam a ele em uma revolta aberta. Para tal objetivo, ele necessitava do apoio de algum rei ou príncipe.

“O [Rei Bimbisara](#) é um homem velho”, disse para si certo dia; “o Príncipe [Ajatasatru](#), que é jovem e valente, está ansioso para sucedê-lo ao trono. Eu poderia aconselhar o príncipe a seu favor e, em retribuição, ele poderia me ajudar a tornar-me líder da comunidade.”

A Vida do Buda

Ele foi ver Ajatasatru. Dirigiu-se a ele em termos elogiosos; enalteceu sua força, sua coragem, sua beleza.

“Oh, se você fosse rei”, disse Devadatta, “que glória seria para [Rajagriha](#)! Você conquistaria os países vizinhos; todos os soberanos do mundo prestariam-lhe homenagem; você seria um mestre onipotente, e seria adorado como um Deus.”

Com tais palavras, Devadatta ganhou a confiança de Ajatasatru. Ele recebeu muitas prendas preciosas, e tornou-se ainda mais arrogante.

[Maudgalyayana](#) notou as frequentes visitas de Devadatta ao príncipe. Ele decidiu alertar o Bem-Aventurado

“Meu senhor”, ele começou a dizer, “Devadatta é muito amigável com o Príncipe Ajatasatru.”

O Bem-Aventurado interrompeu-lhe.

“Deixe Devadatta agir como lhe aprouver; logo saberemos a verdade. Estou ciente de que Ajatasatru presta-lhe homenagem; isto não o faz avançar um único passo no caminho da virtude. Deixe a glória de Devadatta em sua arrogância! Será a sua ruína. Como a bananeira e o bambu que frutificam apenas para morrer, assim as honras que Devadatta está recebendo somente apressarão a sua queda.”

A Missão de Shariputra

10/04/2012 às 10:01

[Devadatta](#) logo chegou ao topo da vaidade. Ele não podia mais tolerar a grandeza do Buda e, certo dia, ele ousou dizer-lhe:

A Vida do Buda

“Mestre, você agora está bastante avançado nos anos; é um grande sacrifício para você conduzir os monges; você deve aposentar-se. Medite em paz sobre a lei sublime que você descobriu, e deixe que eu me encarrego da comunidade.”

O Mestre sorriu ironicamente.

“Não se preocupe comigo, Devadatta; você é tão gentil. Saberei quando for o tempo para me aposentar. Por enquanto, a comunidade ficará a meu cargo. Além disso, quando chegar o tempo, não a entregarei nem mesmo a [Shariputra](#) ou [Maudgalyayana](#), aquelas duas grandes mentes que são como tochas fulgurantes. E você a quer, Devadatta, você que possui uma inteligência tão medíocre, você que emite muito menos luz que uma lamparina!”

Devadatta curvou-se respeitosamente diante do Mestre, mas não pode esconder o fogo da ira em seus olhos.

O Mestre então dirigiu-se ao erudito Shariputra.

“Shariputra”, disse ele, “vá pela cidade de Rajagriha afora, e clame em alta voz: ‘Cuidado com Devadatta! Ele se desviou do caminho da retidão. O Buda não é responsável por suas palavras ou por suas ações; a lei não lhe inspira mais, a comunidade não lhe interessa mais. Doravante, Devadatta fala somente por si.’”

Foi triste para Shariputra ter uma missão tão dolorosa para cumprir; todavia, ele compreendeu as razões do Mestre, e foi cidade afora proclamando a vergonha de Devadatta. Os habitantes pararam para ouvir, e alguns pensaram: “Os monges invejam Devadatta por sua amizade com o Príncipe Ajatasatru”. Mas os outros disseram: “Devadatta deve ter cometido uma ofensa grave, para o Bem-Aventurado denunciá-lo assim publicamente.”

11. A Traição de Ajatasatru

A Abdicação de Bimbisara

12/04/2012 às 9:45

[Devadatta](#) estava meditando: “Siddhartha pensou me humilhar fazendo pouco da minha inteligência. Eu lhe mostrarei que ele está enganado. Minha glória sobrepujará a dele, a lamparina se tornará um sol. Mas o Rei [Bimbisara](#) é seu amigo fiel; ele o protegerá. Enquanto o rei estiver vivo, nada poderei fazer. O Príncipe [Ajatasatru](#), por outro lado, me honra e me mantém na mais elevada estima; ele deposita confiança implícita em mim. Se ele fosse rei, eu obteria tudo que desejasse.”

Ele foi ao palácio de Ajatasatru.

“Oh, príncipe”, disse ele, “estamos vivendo numa era maligna! Aqueles que são melhor dotados para governar estão propensos a morrer sem jamais terem governado. A vida humana é algo tão breve! A longevidade do seu pai não lhe preocupa?”

Ele continuou a falar, a dar os mais maldosos conselhos ao príncipe. O príncipe era débil; escutava-lhe. Logo, ele decidiu matar o seu pai.”

Noite e dia, agora, Ajatasatru perambulava pelo palácio, à espreita por uma oportunidade para invadir os aposentos do seu pai e acabar com ele. Mas ele não poderia escapar da vigilância dos guardas. Sua inquietação intrigou-lhes, e eles disseram ao Rei Bimbisara:

“Oh Rei, seu filho Ajatasatru tem se comportado de forma estranha ultimamente. Poderia ele estar planejando uma má ação?”

A Vida do Buda

“Calem-se”, respondeu o rei. “Meu filho é um homem de caráter nobre. Não lhe ocorreria cometer qualquer vileza.”

“Você deveria procurá-lo, oh Rei, e perguntar-lhe.”

“Calem-se, guardas. Não acusem meu filho levemente.”

Os guardas continuaram a manter uma forte vigilância, e ao cabo de poucos dias, eles novamente falaram ao rei. Para convencê-los de que estavam enganados, o rei chamou Ajatasatru. O príncipe apareceu diante de seu pai. Estava tremendo.

“Meu senhor”, disse ele, “por que procurou por mim?”

“Filho”, disse Bimbisara, “meus guardas dizem que você tem se comportado de forma estranha ultimamente. Eles me dizem que você perambula através do palácio, agindo misteriosamente, e que você evita o olhar daqueles que você encontra. Filho, eles não estão mentindo?”

“Eles não estão mentindo, pai”, disse Ajatasatru.

Subitamente, o remorso tomou conta dele. Ele caiu aos pés do rei, e das profundezas da sua vergonha, ele gritou:

“Pai, eu queria matá-lo.”

Bimbisara estremeceu. Numa voz cheia de angústia, ele perguntou:

“Por que você desejaria matar-me?”

“No sentido de reinar”, respondeu Ajatasatru.

A Vida do Buda

“Então reine!”, gritou o rei. “A realeza não vale a inimizade de um filho.”

A Traição de Ajatasatru

13/04/2012 às 10:34

Ajatasatru foi proclamado rei no dia seguinte.

A primeira coisa que ele fez foi prestar grandes honras ao seu pai. Mas Devadatta ainda temia a autoridade do velho rei; e decidiu usar a sua influência contra ele.

“Enquanto a liberdade for permitida ao seu pai”, ele disse a Ajatasatru, “você correrá perigo de perder seu poder. Ele ainda preserva muitos seguidores; você deve tomar medidas para intimidá-los.”

Devadatta novamente foi capaz de impor sua vontade a Ajatasatru, e o pobre Bimbisara foi trancafiado numa prisão. Ajatasatru decidiu matá-lo de fome, e não permitia que se lhe desse comida.



Ruínas da Prisão de Bimbisara em Rajagriha. Imagem via Wikipedia.

Mas à Rainha Vaidehi, às vezes, era permitido visitar Bimbisara na prisão, e ela levaria o arroz que ele comia vorazmente. Ajatasatru, porém, logo pôs um fim a isto; ele ordenou aos guardas revistá-la toda a vez que ela fosse ver o prisioneiro. Ela, então, tentou esconder a

A Vida do Buda

comida em seu cabelo, e quando isto também foi descoberto, ela teve que usar grande engenhosidade para evitar que o rei morresse de fome. Mas ela era repetidamente descoberta, e Ajatasatru, finalmente, proibiu seu acesso à prisão.

Neste intermédio, ele estava perseguindo os fiéis seguidores do Buda. Eles foram proibidos de cuidar do templo onde Bimbisara, anteriormente, havia colocado uma mecha do cabelo do Mestre e as aparas das suas unhas. Nem mais flores ou fragrâncias eram lá permitidas como oferecimentos, e o templo nem mesmo era limpo ou varrido.

No palácio de Ajatasatru residia uma mulher chamada Srimati. Ela era muito devota. Entristeceu-lhe ficar incapaz de realizar obras de santidade, e ela perguntava como, nesses tempos tristes, ela provaria ao Mestre que mantivera a sua fé. Passando em frente ao templo, ela queixou-se amargamente de vê-lo tão abandonado, e quando ela notou quão sujo estava, ela chorou.

“O Mestre saberá que ainda há uma mulher nesta casa que lhe honraria”, pensou Srimati, e sob risco de sua vida, ela varreu e enfeitou o templo com uma guirlanda brilhante.

Ajatasatru viu a guirlanda. Ficou muito irritado e queria saber quem havia ousado desobedecer-lhe. Srimati não tentou esconder; de sua própria vontade, ela apareceu diante do rei.

“Por que você desacatou minhas ordens?”, perguntou Ajatasatru.

“Se eu desacatei suas ordens”, disse ela, “eu respeitei aquelas do seu pai, o Rei Bimbisara.”

A Vida do Buda

Ajatasatru não esperava ouvir tal coisa. Pálido de fúria, ele correu para Srimati e golpeou-a com o seu punhal. Ela caiu, ferida mortalmente; mas seus olhos estavam reluzentes de alegria, e numa voz feliz, ela cantou:

“Meus olhos viram o protetor dos mundos; meus olhos viram a luz dos mundos, e para ele, à noite, tenho acendido as lâmpadas. Para ele que dissipa a escuridão, eu tenho dissipado a escuridão. Seu brilho é maior que o brilho do sol; seus raios são mais puros que os raios do sol, e meu olhar extasiado é ofuscado pelo seu esplendor. Para ele que dissipa a escuridão, eu tenho dissipado a escuridão.”

E, morta, ela parecia fulgurar com a luz da santidade.

12. A Morte de Devadatta

A Fúria de Devadatta

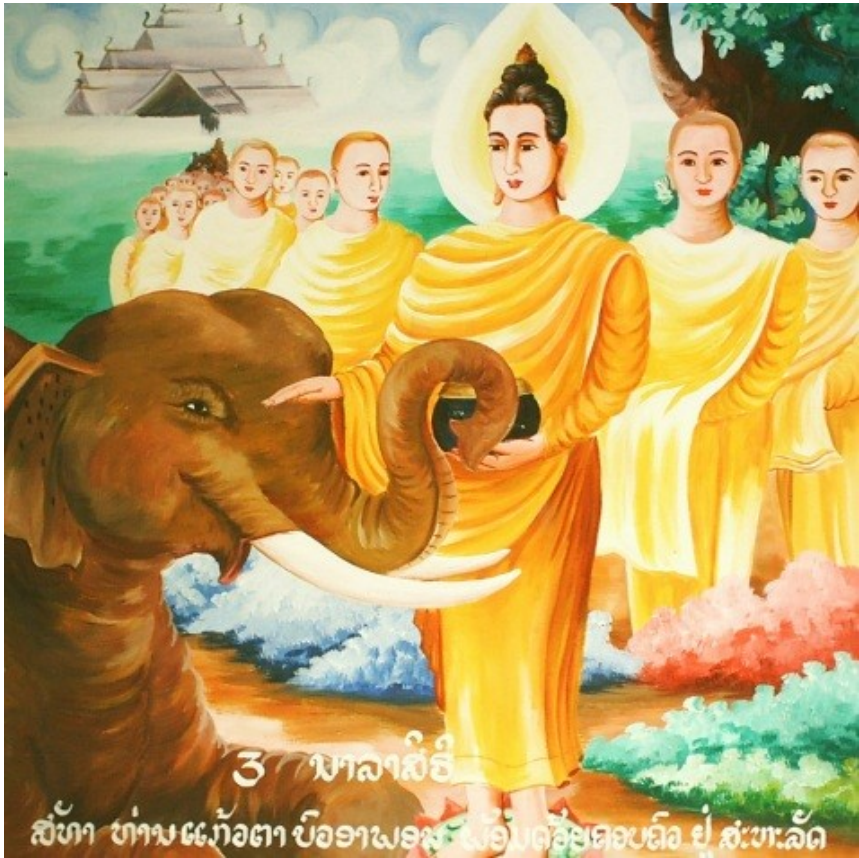
18/04/2012 às 9:49

[Devadatta](#) estava ansioso para suceder o Buda como líder da comunidade. Certo dia, ele disse ao Rei Ajatasatru: “Meu senhor, o Buda o despreza. Ele odeia você. Você deve condená-lo à morte, pois sua glória está em jogo. Envie alguns homens ao Bosque dos Bambús ordenados para matá-lo; eu mostrarei o caminho.”

Ajatasatru foi facilmente persuadido. Os assassinos foram ao Bosque dos Bambús, mas quando eles viram o Mestre, caíram aos seus pés e adoraram-lhe. Isso adicionou combustível à fúria de Devadatta. Ele foi ao estábulo real onde um elefante selvagem era mantido, e subornou os guardas para soltá-lo quando o Mestre estivesse passando, de tal

A Vida do Buda

maneira que o animal pudesse atacá-lo com suas presas ou esmagá-lo sob suas patas. Mas ao avistar o Mestre, o elefante tornou-se dócil, e indo até ele, aspirou a poeira dos robes sagrados com sua tromba.



Buda com o Elefante Nalagiri. Imagem Via Wikipedia.

E o Mestre sorriu e disse:

A Vida do Buda

“Esta é a segunda vez, graças a Devadatta, que um elefante presta homenagem a mim.”

Então o próprio Devadatta tentou atacar o Mestre. Ele o viu meditando sob a sombra de uma árvore; e teve a audácia de atirar uma pedra angulosa sobre ele. A pedra atingiu-lhe o pé; e a ferida começou a sangrar. O Mestre disse:

“Você cometeu uma grave ofensa, Devadatta; a punição será terrível. São inócuos seus atentados criminosos contra a vida do Bem-Aventurado; ele não vai encontrar-se com uma morte prematura. O Bem-Aventurado morrerá por vontade própria, e na hora que ele escolher.”

Devadatta fugiu. Ele decidiu que não mais obedeceria as regras da comunidade e, onde fosse, procuraria seguidores de si próprio.

O Remorso de Ajatasatru

19/04/2012 às 11:10

Neste intermédio, [Bimbisara](#) estava morrendo de fome. Mas ainda não estava morto. Uma força misteriosa sustentou-lhe. Seu filho, finalmente, decidiu levá-lo à morte, e deu ordens para queimar as solas dos seus pés, amputar seus membros e derramar óleo fervente e sal nas feridas abertas. O carrasco obedeceu, e até chorou ao ver o velho homem torturado.

Um filho nasceu para Ajatasatru no dia em que ele emitiu a ordem para a morte de seu pai. Quando ele viu a criança, acometeu-lhe uma grande alegria; ele se compadeceu, e rapidamente enviou guardas à prisão para evitar a execução. Mas eles chegaram tarde; o Rei Bimbisara havia morrido em meio a sofrimento terrível.

A Vida do Buda

Então, Ajatasatru começou a se arrepender. Certo dia, ele ouviu a Rainha Vaidehi dizendo ao príncipe infante, quando ela o carregava em seus braços: “Seu pai pode ser um rei para você assim como seu pai foi para ele. Certa vez, quando ele era uma criança, ele teve uma ferida no dedo; machucava-lhe, e ele chorava, e nenhuma pomada curava-lhe. Então Bimbisara pôs o seu dedo nos lábios e drenou o pus, e Ajatasatru voltou a sorrir e a brincar. Oh, ame seu pai, meu pequeno; não o puna com sua crueldade por ele ter sido cruel com Bimbisara.”

Ajatasatru derramou lágrimas amargas. Ficou sobrecarregado com o remorso. À noite, em seus sonhos, via seu pai, o sangramento de suas feridas, e ouvia-o gemer. Ele ficou tomado por uma febre ardente, e o médico **Jivaka** foi convocado para atendê-lo.

“Nada posso fazer por você”, disse Jivaka. “Seu corpo não está doente. Vá ao Mestre Perfeito, o Bem-Aventurado, o Buda; somente ele conhece as palavras de consolo que restabelecerão a sua saúde.”

Ajatasatru aceitou [o conselho de Jivaka](#). Ele foi ao Bem-Aventurado; confessou seus delitos e crimes, e encontrou a paz.

“Seu pai”, o Buda disse-lhe, “renasceu em meio aos mais poderosos Deuses; ele sabe do seu arrependimento, e perdoa-lhe. Preste atenção, Rei Ajatasatru; conheça a lei, e pare de sofrer.”

A Vilania de Devadatta e Sua Punição

20/04/2012 às 10:42

Ajatasatru emitiu uma proclamação banindo Devadatta do reinado, e ordenando aos habitantes fecharem suas portas a ele, caso ele buscasse refúgio em seus lares.

A Vida do Buda

Então, Devadatta foi para as proximidades de Cravasti, onde ele esperava ser recebido pelo Rei Prasenajit, mas foi-lhe negada uma audiência desdenhosamente, e foi-lhe dito para deixar o reinado. Frustrado em suas tentativas para atrair seguidores, ele finalmente partiu para [Kapilavastu](#).

Ele entrou na cidade ao anoitecer. As ruas estavam escuras, quase desertas; ninguém o reconhecia quando ele passava, pois como poderia esse monge magro e miserável, esgueirando-se nas sombras das paredes, ser indentificado como o orgulhoso Devadatta? Ele foi direto ao palácio onde a [Princesa Gopa](#) vivia em solidão.

Ele foi admitido em sua presença.

“Monge”, disse Gopa, “por que você deseja ver-me? Você me trouxe uma mensagem de felicidade? Você vem com ordens de um esposo que eu reverencio profundamente?”

“Seu marido? Ele pouco se importa com você! Pense no tempo em que ele impiedosamente lhe abandonou!”

“Ele deixou-me em prol da salvação do mundo.”

“Você ainda o ama?”

“Meu amor macularia a pureza da sua vida.”

“Então odei-o com todo o seu coração.”

“Respeito-lhe com todo o meu coração.”

“Mulher, ele rejeitou-lhe; vingue-se!”

A Vida do Buda

“Cale-se, monge. Sua palavras são maldosas.”

“Você não me reconhece? Sou Devadatta, aquele que lhe ama.”

“Devadatta, Devadatta, eu sabia que você era falso e mau; eu sabia que você seria um monge infiel, mas nunca suspeitei da profundidade da sua vilania.”

“Gopa, Gopa, Eu amo você! Seu marido desprezou-lhe, ele foi cruel. Vingue-se. Ama-me!”

Gopa enrubesceu. De seus olhos gentis caíram lágrimas de vergonha.

“É você que me despreza! Seu amor já seria um insulto se fosse sincero, mas você mente quando diz que me ama. Você raramente notou-me nos dias da minha juventude, quando eu era bela! E agora que você me vê, uma mulher velha, desgastada pelos meus deveres austeros, me fala do seu amor, do seu amor vil! Você é o mais desprezível dos homens, Devadatta! Suma! Vá-se embora!”

Em sua ira, ele saltou sobre ela. Ela estendeu sua mão para proteger-se, e ele caiu ao chão. Conforme ele rolava, o sangue jorrava de sua boca.

Ele fugiu. Os [Shakyas](#) ouviram que ele estava em Kapilavastu; fizeram-lhe deixar a cidade sob uma escolta de guardas, e ele foi levado para o Buda que decidiria o seu destino. Ele fingiu estar arrependido, mas havia imergido suas unhas num veneno mortal, e conforme se prostrou diante de Mestre, ele tentou arranhar seu tornozê-lo. O Mestre o empurrou com o dedo do pé; então o chão abriu-se; violentas chamas irromperam, e tragaram o infame Devadatta.

13. Prasenajit e Ajatasatru

23/04/2012 às 9:52

Embora o Buda houvesse purificado o espírito de Ajatasatru, houve ocasiões em que o rei ainda dava lugar à ira. Certo dia, por causa de uma desavença entre um homem de [Rajagriha](#) e um outro de Cravasti, ele declarou guerra contra o Rei Prasenajit.

Ele recrutou um vasto exército. Havia infantaria e cavalaria; havia alguns montados em carros de combate, outros colocados em blindagens carregadas por elefantes, e espadas e lanças brilhavam ao sol enquanto marchavam para a batalha.

O Rei Prasenajit também reuniu suas tropas. Ele também trazia carros de combate, cavalos e elefantes, e avançou para encontrar Ajatasatru.

Foi uma batalha terrível. Durou quatro dias. No primeiro dia, Prasenajit perdeu seus elefantes; no segundo dia ele perdeu seus cavalos; no terceiro, seus carros de combate foram destruídos; e no quarto dia, seus soldados de infantaria foram mortos ou feitos prisioneiros; e o próprio Prasenajit, derrotado e em pânico, fugiu na única carruagem salva do desastre, e escapou para Cravasti.

Lá, num pequeno e sombrio salão, ele atirou-se num divã. Ficou em silêncio, preso aos seus melancólicos pensamentos. Não se mexia, parecia estar morto, exceto pelas lágrimas que escorriam pelo seu rosto.

Um homem entrou; era o mercador [Anathapindika](#).

“Meu senhor”, disse ele, “viva longamente, e a maré da vitória poderá voltar!”

A Vida do Buda

“Meus soldados estão mortos”, o rei lamentou, “todos os meus soldados estão mortos! Meus soldados! Meus soldados!”

“Não se aflija, oh Rei! Levante um outro exército.”

“Eu perdi a minha fortuna quando perdi meu exército.”

“Rei”, disse Anathapindika, “darei a você o ouro de que necessitar, e você será vitorioso.”

Prasenajit levantou-se, ficou de pé.

“Você me salvou, Anathapindika!”, ele exclamou. “Estou grato!”.

Com o ouro de Anathapindika, Prasenajit levantou uma formidável legião. E marchou contra Ajatasatru.

Quanto os dois exércitos se defrontaram, o retinir das armas aterrorizou os próprios Deuses. Prasenajit usou uma estratégia de batalha que a ele foi ensinada por homens de uma terra distante. Ele atacou rapidamente; Ajatasatru não tinha defesa. Afinal, foi derrotado e capturado.

“Mate-me!”, ele implorou a Prasenajit.

“Pouparei sua vida”, disse Prasenajit. “Eu o levarei ao Mestre Bem-Aventurado, e ele decidirá o seu destino.”

O Mestre houvera chegado recentemente ao **Parque de Jeta**. Prasenajit disse-lhe:

“Veja só, oh Bem-Aventurado! O Rei Ajatasatru é meu prisioneiro. Ele odeia-me, embora eu não nutra qualquer má vontade contra ele. Ele

A Vida do Buda

atacou-me, por algum motivo banal, e derrotou-me uma primeira vez, mas agora ele está à minha mercê. Não desejo matá-lo, oh Bem-Aventurado. Por causa de seu pai, [Bimbisara](#), que foi meu amigo, eu gostaria de libertá-lo.”

“Então liberte-o!”, disse o Mestre. “A vitória gera o ódio; a derrota gera o sofrimento. Aqueles que são sábios renunciarão tanto à vitória quanto à derrota. Insulto nasce do insulto, e a ira da ira. Aqueles que são sábios renunciarão tanto à vitória quanto à derrota. Todo o assassino é derrubado por um assassino; todo o conquistador é derrubado por um conquistador. Aqueles que são sábios renunciarão tanto à vitória quanto à derrota.”

Na presença do Mestre, Ajatasatru prometeu ser um fiel amigo de Prasenajit.

“E”, ele acrescentou, “sejamos mais que amigos. Eu tenho um filho, como você sabe, e você tem uma filha, Kshema, que ainda é solteira. Você daria a mão de sua filha ao meu filho?”

“Assim seja”, disse Prasenajit. “E que esse feliz casamento seja o penhor da nossa feliz amizade.”

O Mestre aprovou. Os dois reis para sempre viveram em paz um com o outro, e Ajatasatru (ou Prasenajit? – **N.T.**) tornou-se conhecido pela sua gentileza.

14. O Buda Ensina a Doutrina

26/04/2012 às 8:58

O Mestre foi envelhecendo. Quando ele estava em **Rajagriha**, convocou uma assembleia dos Monges, e pregou-lhes longamente:

“Monges, não esqueçam os preceitos que lhes dei. Mantenha-os em observância cuidadosamente. Vocês reunir-se-ão duas vezes ao mês, e confessarão suas transgressões uns aos outros. Se sentirem que cometeram o mal, e guardá-lo para si, serão culpados de uma mentira. Admitam a sua transgressão: a confissão lhes trará conforto e paz. Os quatro mais graves pecados que um Monge pode cometer, como vocês sabem, são: manter relações sexuais com uma mulher; roubar o que quer que seja; matar um ser humano ou instigar um assassinato; e pretender possuir um poder sobre-humano que ele sabe não possuir. Um Monge que cometeu um desses quatro pecados deve ser expulso da comunidade. Monges, não troquem palavras com mulheres, e não corrompa-lhes. Não levantem falso testemunho contra seus irmãos. Não tentem plantar a discórdia na comunidade. Não relutem para escapar de uma repreensão. Nunca mintam, ou insultem alguém. Observem cuidadosamente, oh Monges, todos os preceitos que lhes dei.”

Ele ainda disse:

“Seriidade é o domínio da imortalidade; frivolidade, o domínio da morte. Aqueles que são sérios não morrem; os que são frívolos estão sempre mortos. Portanto, o sábio deve ser sério. O sábio atinge a suprema benção, Nirvana. Aquele que é enérgico vê a sua glória crescer e pode reconhecer quem pensa honestamente e age deliberadamente, quem é casto, quem vive dentro da lei, e quem é sério. Os tolos e aqueles de mente fraca buscam a frivolidade; o sábio entesoura a

A Vida do Buda

seriedade assim como um avarento o seu ouro. O Monge que seja sério, que veja o perigo da frivolidade, sacode as más leis como o vento o faz com as folhas; ele rompe as amarras que atam-lhe ao mundo; ele está próximo do Nirvana. Do terraço da sabedoria, liberto de todos os sofrimentos, o homem sério que conquistou a frivolidade contempla a multidão infeliz; assim como, do cume de uma montanha, pode-se contemplar a multidão nas planícies abaixo.”

15. O Buda e o Pastor

A Natureza de Buda

27/04/2012 às 8:53

Antes de morrer, o Bem-Aventurado decidiu empreender uma longa jornada. Ele queria visitar alguns dos seus discípulos e exortá-los a manter em observância os seus ensinamentos com escrupuloso cuidado. Tendo somente [Ananda](#) em sua companhia, ele deixou a cidade de [Rajagriha](#).

Certo dia, enquanto estava descansando à beira de um campo, ele disse a Ananda:

“Virá o tempo em que os homens se perguntarão porque outrora eu entrei no útero de uma mulher. Eles questionarão a pureza perfeita do meu nascimento, e duvidarão que eu sempre tive poder supremo. Esses homens ignorantes nunca compreenderão que, para aquele que devota a sua vida às obras de santidade, o corpo está livre da impureza do nascimento. Aquele que quiser buscar a sabedoria suprema deve entrar no útero de uma mulher; ele deve, por piedade pela humanidade, nascer no mundo dos homens. Pois, se ele fosse um Deus, como

A Vida do Buda

poderia colocar em movimento a Roda-da-Lei? Imagine o Buda como um Deus, Ananda; os homens logo perderiam o ânimo. Eles diriam: ‘O Buda, que é um Deus, tem a felicidade, a santidade, a perfeição; mas nós, como poderíamos atingi-las?’ E cairiam em profundo desespero. Oh, deixe-os assim pensarem, essas criaturas ignorantes! Que não tentem roubar a lei, porque fariam mau uso dela. É melhor que considerem a [Natureza de Buda](#) incompreensível, esses homens que nunca serão capazes de medir a minha eminência!”

O Buda e o Pastor

02/05/2012 às 10:30

Um pastor estava cruzando o campo. Ele tinha a serenidade de um homem que está realizando tranquilamente um trabalho com alegria.

“Quem é você, pastor?”, o Mestre indagou-lhe.

“Meu nome é Dhaniya”, respondeu o pastor.

“Para onde vai?”, perguntou o Mestre.

“Estou indo para casa, para minha esposa e filhos.”

“Você parece conhecer a pura felicidade, pastor?”

“Eu tenho meu arroz cozido, tenho minhas vacas ordenhadas”, disse o pastor Dhaniya; “eu vivo com a minha família às margens do rio; minha casa é bem coberta, meu fogo está sempre aceso; então, caia se quiser, oh chuva do céu!”

“Estou livre da ira, estou livre da obstinação”, disse o Mestre; “eu espero pela noite às margens do rio, minha casa não tem cobertura, o

A Vida do Buda

fogo das paixões está extinto em meu ser; então, caia se quiser, oh chuva do céu!”

“As moscas varejeiras nunca atormentam o meu rebanho”, disse o pastor Dhaniya; “minhas vacas pastam em prados verdejantes; elas podem suportar a chuva que vem; então, caia se quiser, oh chuva do céu!”

“Eu construí uma jangada resistente, eu zarpei para o Nirvana”, disse o Mestre; “eu cruzei a torrente das paixões e atingi as margens da santidade; não necessito mais da jangada; então, caia se quiser, oh chuva do céu!”

“Minha esposa é obediente, é casta e boa”, disse o pastor Dhaniya; “ela tem vivido comigo há muitos anos; ela é agradável e gentil, ninguém fala mal dela; então, caia se quiser, oh chuva do céu!”

“Minha mente é obediente, está livre de todos os laços”, disse o Mestre; “eu a tenho domado esses anos todos; é tranquila e dócil, nenhuma maldade restou em mim; então, caia se quiser, oh chuva do céu!”

“Eu mesmo pago aos meus criados o seu salário”, disse o pastor Dhaniya; “minhas crianças recebem alimentos saudáveis em minha mesa; ninguém jamais tentou falar mal deles; então, caia se quiser, oh chuva do céu!”

“Não sou criado de ninguém”, disse o Mestre; “com aquilo que eu ganho, eu viajo o mundo todo; não tenho a necessidade de um criado para mim; então, caia se quiser, oh chuva do céu!”

A Vida do Buda

“Eu tenho vacas, eu tenho bezerros, eu tenho novilhos”, disse o pastor Dhaniya; “e tenho um cão que é senhor do meu rebanho; então, caia se quiser, oh chuva do céu!”

“Eu não tenho vacas, nem bezerros, e nem novilhos”, disse o Mestre; “e não tenho cão para ficar de guarda; então, caia se quiser, ooh chuva do céu!”

“As estacas são cravadas fundas no chão, nada pode movê-las”, disse o pastor Dhaniya; “as cordas são novas e feitas de gramíneas fortes; as vacas nunca lhes romperão agora; então, caia se quiser, oh chuva do céu!”

“Como o cão que arrebitou sua corrente”, disse o Mestre, “como o elefante que quebrou suas algemas, nunca mais entrarei num útero; então, caia se quiser, oh chuva do céu!”

O pastor Dhaniya curvou-se diante do Mestre e disse:

“Agora sei quem é você, oh Bem-Aventurado; venha comigo à minha casa.”

Quando eles estavam para entrar na casa, a chuva caiu torrencialmente e cavou pequenos sulcos pelos quais a água corria sobre o chão. Quando Dhaniya ouviu a chuva, disse essas palavras:

“Em verdade, adquirimos grandes riquezas uma vez que vimos o Buda. Oh Mestre, você é nosso refúgio, você que nos olhou com os olhos da sabedoria. Seja nosso protetor, oh Santo! Somos obedientes, minha esposa e eu; se levarmos uma vida de santidade, conquistaremos o nascimento e a morte, e acabaremos com o sofrimento.”

A Vida do Buda

Então uma voz foi ouvida, e Mara, o Maligno, pôs-se diante deles. Ninguém o tinha visto chegar.

“Aquele que possui filhos é feliz por ver seus filhos”, disse Mara, o Maligno; “aquele que possui vacas é feliz por ver suas vacas; feliz é o homem que tem substância, e aquele que não tem substância não tem felicidade.”

“Aquele que tem filhos está preocupado ao ver seus filhos”, disse o Mestre; “aquele que tem vacas está preocupado ao ver suas vacas; preocupado é o homem que tem substância, e aquele que não tem substância não tem preocupações (aflições).”

Mas Mara havia fugido. Dhaniya e sua esposa ficaram a ouvir o Mestre falar.

16. O Buda Instrui os Monges de Vaisali

Pataliputra

03/05/2012 às 9:45

O Mestre veio para as margens do Ganges, ao lugar onde a cidade de **Pataliputra (Patna)**¹ estava sendo construída. Ele curvou-se diante das muralhas que estavam começando a se levantar do chão, e exclamou:

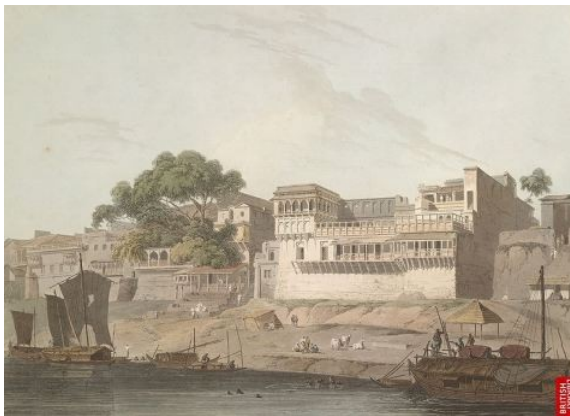
¹ Os registros históricos de Pataliputra começaram com [Ajatasatru](#), o segundo dos reis de [Magadha](#), que estabeleceu uma pequena fortificação em [Pataligram](#) 490 A.C., no encontro dos rios Ganges e Sone, com o propósito de melhor combater os seus inimigos, os Licchavis. De acordo com os textos Budistas, o Buda visitou Pataligram durante a construção dessa fortificação em sua última viagem para o norte. Fonte: <http://www.ancientworlds.net/aw/Places/Place/419417>.

A Vida do Buda

“Esta cidade, um dia, terá grandeza e fama; muitos heróis aqui nascerão, aqui reinará um rei famoso. Serás uma cidade próspera, oh Pataliputra, e através das eras os humanos louvarão o seu nome.”



Ruínas das fortificações de Pataliputra



Cidade de Patna no Rio Ganges em pintura do século 19. Fonte: Wikipedia.

A Vida do Buda

O Sermão de Bailva

04/05/2012 às 10:28

Ele cruzou o rio. Partiu para [Vaisali](#), mas na aldeia de **Bailva** ele ficou gravemente doente. Sofreu dores intensas. [Ananda](#) chorava, pois pensava que o Mestre estava morrendo. Mas o Mestre lembrou os muitos discípulos que ele ainda tinha que visitar; ele não queria entrar no Nirvana até que lhes tivesse dado as instruções finais. Pela força da sua vontade, ele superou a doença, e a vida não lhe abandonou. Ele recuperou-se.

Quando sentiu-se bem de novo, ele saiu da casa que havia lhe dado abrigo, e tomou um assento que havia sido preparado para ele próximo à porta. Ananda veio e sentou-se ao seu lado.



O Buda em Bailva

“Meu Senhor”, disse ele, “vejo que você recuperou a sua saúde. Quando lhe vi tão doente, faltou-me força; estava fraco. Houve momentos em que eu não assimilava que o Mestre estava doente. Ficava tranquilo, pois lembrava que você ainda não havia revelado as suas intenções com relação à comunidade, e sabia que você não entraria no Nirvana sem antes revelar-lhes.”

O Bem-Aventurado proferiu essas palavras:

A Vida do Buda

“O que mais a comunidade deseja de mim, Ananda? Já estabeleci a doutrina, e já a preguei; não há um simples detalhe que eu não tenha exposto! Aquele que pensa: ‘eu quero governar a comunidade’, revela as suas intenções com relação à comunidade. O Bem-Aventurado, Ananda, nunca pensa: ‘eu quero governar a comunidade’. Por que então ele revelaria as suas intenções? Sou um homem velho, Ananda; meus cabelos estão brancos, e tornei-me fraco. Sou um velho de oitenta anos; cheguei ao fim da estrada. Sejam agora, cada um de vocês, a sua própria tocha; não recorram a ninguém para trazer-lhes luz. Aquele que é sua própria tocha, após eu ter deixado o mundo, mostrará que ele compreendeu o significado das minhas palavras; será meu verdadeiro discípulo, Ananda; ele saberá a maneira correta de viver.”

O Sermão de Vaisali

08/05/2012 às 10:08

Ele partiu novamente, e chegou a **Vaisali**. Ele foi cidade afora, esmolando por sua comida de porta em porta. De repente, ele viu Mara de pé diante dele.

“É chegado o momento”, disse o Maligno; “entre no Nirvana, oh Bem-Aventurado.”

“Não”, respondeu o Buda. “Eu sei quando deverei entrar no Nirvana; sei melhor que você, Maligno. Alguns meses mais, e será o tempo. Três meses mais, e o Bem-Aventurado entrará no Nirvana.”

Nessas palavras, a terra tremeu, e um trovão ecoou através do céu: o Bem-Aventurado destruiu a vontade pela qual ainda prendia-se à vida; ele estabeleceu o tempo para a sua entrada no Nirvana. A terra tremeu, e um trovão ecoou através do céu.

A Vida do Buda

Ao anoitecer ele reuniu os Monges de Vaisali, e dirigiu-se a eles:

“Oh Monges, preservem cuidadosamente a sabedoria que eu adquiri, e que lhes ensinei, e trilhem o caminho da retidão, de forma que a vida de santidade possa durar muito, para a alegria e salvação do mundo, para a alegria e salvação dos Deuses, para a alegria e salvação da humanidade. Alguns meses mais, e minha hora chegará; três meses mais, e entrarei no Nirvana. Eu irei e vocês ficarão. Mas nunca deixem de lutar, oh Monges. Aquele que não vacila no caminho da verdade evita o nascimento, evita a morte para sempre, e evita o sofrimento para sempre.”



Imagem na Torre do Buda em Vaisali. Fonte: Wikipedia.

A Vida do Buda

No dia seguinte, ele novamente perambulou pela cidade, à busca de esmolas; então, com alguns discípulos, ele pegou a estrada a caminho de [Kusinagara](#), onde ele decidira entrar no Nirvana.

17. A Refeição de Cunda

A Refeição de Cunda

09/05/2012 às 9:28

O Mestre e seus discípulos pararam em [Pava](#), no jardim de **Cunda**, o ferreiro. Cunda veio e prestou homenagem ao Mestre, e disse-lhe:

“Meu Senhor, conceda-me a honra de tomar sua refeição em minha casa, amanhã.”



Uma Torre foi construída no local provável da casa de Cunda na antiga Pava.
Fonte: Wikipedia.

A Vida do Buda

O Mestre aceitou. No dia seguinte, Cunda tinha carne de porco e outras iguarias preparadas para seus convidados. Eles chegaram e tomaram seus assentos. Quando o Mestre viu a carne de porco, ele apontou-lhe e disse:

Ninguém além de mim pode comer aquilo, Cunda; você deve servi-la a mim. Meus discípulos compartilharão das outras iguarias.”

Quando ele já havia comido, disse:

“Enterre fundo no chão aquilo que deixei intocado; somente o Buda pode comer dessa carne.”

Então ele saiu. Os discípulos seguiram-no.

Eles haviam se afastado uma curta distância de Pava quando o Mestre começou a sentir-se abatido e doente. [Ananda](#) entristeceu e amaldiçoou Cunda, o ferreiro, por ter oferecido aquela refeição fatal ao Mestre.

“Ananda”, disse o Mestre, “não fique zangado com Cunda, o ferreiro. Grandes retribuições estão reservadas para ele pela comida que ele me serviu. De todas as refeições que já tive, duas são mais dignas de louvor: uma foi a de [Sujata](#), e a outra foi aquela que **Cunda**, o ferreiro, me serviu.”

A Última Viagem

10/05/2012 às 10:03

Ele superou a sua fraqueza e alcançou as margens do Kakutstha. O rio era calmo e puro. O Mestre banhou-se em suas águas límpidas. Após o

A Vida do Buda

banho, ele bebeu das suas águas, e então foi para um bosque de mangueiras. Lá, ele disse ao Monge **Cundaka**:

“Dobre meu manto em quatro, para que eu possa deitar e descansar.”

Cundaka obedeceu alegremente. Ele rapidamente dobrou o manto em quatro e o estendeu ao chão. O Mestre deitou-se, e Cundaka sentou-se ao seu lado.

O Mestre descansou algumas horas. Então, ele partiu novamente, e finalmente chegou em **Kushinagar**. Lá, às margens do Hiranyavati, ficou num pequeno bosque, agradável e tranquilo.

O Mestre disse: “Vá, Ananda, e prepare uma cama para mim entre as duas árvores gêmeas. Disponha a cabeceira para o norte. Estou doente, Ananda.”

Ananda preparou a cama, e o Mestre foi e reclinou-se nela.



A Torre do Parinirvana em Kushinagar – Uttar Pradesh.

18. O Buda Entra no Nirvana

A Honra Suprema

11/05/2012 às 9:45

Não era a estação da floração das árvores, no entanto, as duas árvores que abrigavam o Mestre estavam cobertas de flores. As flores caíam suavemente sobre o seu leito, e do céu, soavam doces melodias para baixo.

O Mestre disse ao piedoso [Ananda](#):

“Veja: não é estação das flores, mesmo assim essas árvores floriram, e as flores estão caindo sobre mim. Ouça: o ar está alegre com as canções que os Deuses felizes estão cantando no céu em louvor ao Buda. Mas ao Buda é prestada uma honra mais duradoura do que isto. Monges, Monjas, crentes, todos os que vêm a verdade, todos os que vivem dentro da lei, são aqueles que prestam ao Buda a **Honra Suprema**. Portanto, você deve viver em concordância com a lei, Ananda, e mesmo nos assuntos mais triviais, você deve seguir o caminho sagrado da verdade.”

A Remissão de Ananda

15/05/2012 às 9:55

[Ananda](#) estava chorando. Ele afastou-se para esconder as suas lágrimas.

Ele pensou: “Pelos muitos erros que cometi, e que ainda não foram perdoados, serei culpado por muito mais erros. Oh, ainda estou longe

A Vida do Buda

do objetivo da santidade, e ele que sente piedade de mim, o Mestre, está prestes a entrar no **Nirvana**.”

O Mestre o chamou de volta, e disse:

Não se aflija, Ananda, não desespere. Lembre-se de minhas palavras: de tudo o que nos encanta, de tudo que amamos, devemos nos separar um dia. Como pode aquele que é nascido ser senão inconstante e perecível? Como pode o que é nascido, como pode o que é criado, durar para sempre? Você me tem honrado muito, Ananda; você tem sido um amigo devotado. Sua amizade foi feliz, e você foi fiel à ela em pensamento, na palavra e na ação. Você tem feito um grande bem, Ananda; continue no caminho correto, e você terá perdoados seus erros passados.”

O Buda Entra no Nirvana

16/05/2012 às 9:58

A noite veio. Os habitantes de **Kusinagara** ([Kushinagar](#)) tinham ouvido que o Mestre estava reclinado sob as duas árvores gêmeas, e foram em grandes multidões para prestar-lhe homenagem. Um velho eremita, **Subhadra**, apareceu e, curvando-se diante do Mestre, professou sua crença no Buda, na Lei e na Comunidade; e Subhadra foi o último dos fiéis que teve a alegria de ver o Mestre face à face.

A noite era bela. [Ananda](#) ficou sentado ao lado do Mestre. O Mestre disse:

“Talvez, Ananda, você pense: ‘Não temos mais um Mestre’. Mas você não deve pensar isto. A Lei permanece, a Lei que eu lhe ensinei; deixe que ela seja seu guia, Ananda, quando eu não estiver mais com você.”

A Vida do Buda

Ele disse novamente:

“Verdadeiramente, oh Monges, tudo o que é criado deve perecer. Nunca deixem de lutar.”

Ele já não estava neste mundo. Sua face era de ouro luminoso. Seu espírito ascendeu aos reinos do êxtase. Ele entrou no **Nirvana**. A terra tremeu, e um trovão ecoou através dos céus.

Próximo às muralhas da cidade, ao amanhecer, os habitantes de Kusinagara construíram uma grande pilha funeral, como se fosse para um rei do mundo, e lá cremaram o corpo do Bem-Aventurado.



Parinirvana do Buda em gravura Japonesa do século 17.

Veja também [Kushinagar, o Parinirvana do Buda](#).

A Vida do Buda

Tradução encerrada em segunda-feira, 07 de maio de 2012, fase da Super-Lua.